



Universidade de Aveiro
2022

Yu Xiaoyu

O uso das formas de tratamento em Português por aprendentes de Língua Materna Chinesa



Universidade de Aveiro
2022

Yu Xiaoyu

O uso das formas de tratamento em Português por aprendentes de Língua Materna Chinesa

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Doutora Emília Maria Rocha de Oliveira, Investigadora Doutorada do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro

Aos meus avós.
献给我的姥姥姥爷。

o júri

presidente

Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

vogais

Doutora Sara Topete de Oliveira Pita
Professora Auxiliar Convidada, Universidade de Aveiro (arguente)

Doutora Emília Maria Rocha de Oliveira
Investigadora Doutorada, Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

Gostaria de agradecer a toda a minha família, aos meus professores e amigos, que me ajudaram a concretizar este trabalho.

Um agradecimento à Doutora Emília Oliveira, minha orientadora, pela sua ajuda e paciência.

Aos meus avós e meus pais, agradeço o seu infinito apoio desde que nasci.

Aos meus amigos íntimos, que comigo percorrerem um longo caminho paralelo, pelo seu incentivo.

A mim própria, por não ter desistido.

A todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a conclusão desta dissertação.

Podemos derrubar a Torre de Babel.

Muito obrigada.

palavras-chave

formas de tratamento, Português Língua Estrangeira, Chinês, Mandarim, alunos chineses

resumo

A dissertação tem como principal objetivo estudar a aprendizagem/uso das formas de tratamento em Português por alunos de Língua Materna Chinesa.

É nosso propósito analisar comparativamente as formas de tratamento em Português e Chinês; discutir as semelhanças e diferenças entre os tratamentos usados por falantes de diferentes gerações; identificar problemas ao nível da sua interpretação; refletir sobre as implicações pedagógicas para o ensino de PLE.

O trabalho constitui-se de três capítulos. No primeiro capítulo, discutir-se-ão os principais princípios teóricos sobre o tratamento linguístico e apresentar-se-á uma breve comparação entre as formas de tratamento utilizadas na Língua Portuguesa (Português Europeu) e as formas usadas na Língua Chinesa (Mandarim).

No segundo capítulo, explicitar-se-ão as diferentes formas de tratamento: formas nominais, formas pronominais, forma zero, vocativo, entre outras.

Por fim, discutir-se-á a pragmatologia no ensino, descrever-se-á o inquérito que servirá como base de estudo, analisar-se-ão os dados colhidos e apresentar-se-ão sugestões que visem melhorar o ensino-aprendizagem deste tópico.

keywords

forms of address, Portuguese as a Foreign Language, Chinese, Mandarin, Chinese learners

abstract

The main purpose of this dissertation is to study the learning/use of Portuguese forms of address by native Chinese speakers.

Our purpose is to analyze comparatively the forms of address in Portuguese and Chinese; to discuss the similarities and differences between the addresses used by speakers of different generations; to identify problems in their interpretation; and to reflect on the pedagogical implications for the teaching of PLE.

The paper consists of three chapters. In the first chapter, the main theoretical principles on linguistic treatment will be discussed and a brief comparison between the forms of address used in the Portuguese Language (European Portuguese) and the forms used in the Chinese Language (Mandarin) will be presented.

In the second chapter, the different forms of treatment will be explained: nominal forms, pronominal forms, zero form, vocative, among others.

Finally, pragmatics in teaching will be discussed, the survey that will serve as a basis for the study will be described, the data collected will be analyzed and suggestions made to improve the teaching and learning of this topic will be presented.

Índice

<i>Introdução</i>	1
<i>Capítulo I – Contextualização teórica das formas de tratamento</i>	4
1.1 Definição de dêixis	4
1.2 Definição de formas de tratamento	6
1.2.1 A noção de delicadeza.....	8
1.2.1.1 Estratégias de delicadeza em Português e Chinês	11
1.2.2 Formas de tratamento na Língua Portuguesa contemporânea	16
1.2.3 Formas de tratamento na Língua Chinesa contemporânea	20
<i>Capítulo II – Comparação entre as diferentes formas de tratamento</i>	24
2.1 Formas de tratamento nominais.....	24
2.1.1 Formas de tratamento de parentesco.....	25
2.1.1.1 O uso alargado das formas de tratamento de parentesco	31
2.1.2 Formas de tratamento sociais	34
2.1.2.1 Tratamento de profissão e de título	35
2.1.2.2 Tratamento cerimonioso	36
2.1.2.3 Formas de tratamento comum	42
2.2 Formas de tratamento pronominais.....	45
2.3 Forma zero de tratamento	53
2.4 Vocativo	55
2.5 Outras formas de tratamento	62
<i>Capítulo III – Apresentação dos resultados do inquérito</i>	64
3.1 Influência da língua materna na aprendizagem de uma língua estrangeira.....	64
3.2 Análise do inquérito.....	71
3.2.1 Apresentação do inquérito	71
3.2.2 Discussão dos resultados	88
<i>Bibliografia</i>	92

Introdução

A cultura e a língua estão intimamente ligadas entre si. A língua é portadora da cultura, e a cultura é expressa através da língua. A língua é uma parte da cultura, e a língua contém conotações culturais profundas. Esta questão tem sido objeto de reflexão por parte de muitos linguistas. Goffman, por exemplo, defende que a relação social entre comunicadores, independentemente do meio de comunicação, deve ser medida com precisão: “Every person lives in a world of social encounters, involving him either in face-to-face or mediated contact with other participants” (Goffman, 1982, p. 5).

Relacionado com esta ideia está o conceito de *‘face-work’*. Na comunicação humana, as formas de tratamento são uma parte essencial da linguagem das pessoas. O sistema de tratamento numa língua reflete o conteúdo cultural específico associado a essa língua. É possível identificar as relações interpessoais e as diferenças de estatuto de uma sociedade ou cultura a partir da forma como as pessoas se dirigem/tratam umas às outras:

... the term *face* may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is as image of self-delineated in terms of approved social attributes – albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself. (Goffman, 1982, p. 5)

Cada cultura tem um sistema de termos que reflete as suas próprias percepções culturais, valores e princípios, e que varia de cultura para cultura. À medida que a comunicação intercultural aumenta, é importante aprender mais sobre os sistemas linguísticos que são diferentes dos da nossa própria cultura, para aumentarmos a nossa compreensão uns dos outros. Caso contrário, a utilização inadequada das formas de tratamento pode levar ao uso indevido da linguagem.

Quando falamos, escolhemos frequentemente diferentes palavras, sons e padrões de discurso, dependendo do contexto, do conteúdo do discurso e da pessoa com quem estamos a falar. Hymes (1972, p. 269) introduziu o conceito de competência comunicativa (*‘communicative competence’*), sugerindo que a competência comunicativa consiste em

quatro aspetos: 1. a capacidade de distinguir formas gramaticais de linguagem; 2. a capacidade de distinguir a viabilidade do discurso; 3. a capacidade de distinguir a adequação do discurso; 4. a capacidade de distinguir o grau em que a linguagem é habitualmente utilizada. Por conseguinte, não basta termos competência linguística, também devemos ser capazes de utilizar as capacidades comunicativas que Hymes sugere para conseguirmos uma comunicação completa e bem-sucedida. O uso correto das formas de tratamento é, portanto, uma habilidade comunicativa muito importante.

Para quem aprende Português como Língua Não Materna, um dos tópicos gramaticais que mais dúvidas e dificuldades levanta é o das formas de tratamento. Usar corretamente as formas de tratamento é complexo até para os nativos: depende do contexto e dos interlocutores. As formas de tratamento estão em constante mudança, e, sobretudo em Português Europeu Contemporâneo [PEC], existem diferentes regras comunicativas que determinam a sua utilização. Como afirma Pratas (2017, Resumo), “Abordar as Formas de Tratamento [FT] em Português Europeu Contemporâneo [PEC] implica refletir sobre uma das questões mais complexas da Língua Portuguesa e que, portanto, mais dúvidas coloca a aprendentes de Português como Língua Não Materna [PLNM].”

As dificuldades relativas ao uso das formas de tratamento em Português não apenas se prendem com a sua tradução para outras línguas, como também dizem respeito ao ensino da língua, quer enquanto Língua Estrangeira quer enquanto Língua Materna (Duarte, 2010, p. 133). Aprender uma língua não é apenas ganhar competência linguística, é também aumentar a competência de interação quotidiana. Encontrando-se o sistema de formas de tratamento do Português Europeu Contemporâneo numa fase de instabilidade e indecisões e constituindo uma parte habitualmente ignorada pelos aprendentes não nativos, torna-se necessário analisar as alterações de produtividade dessas formas, de modo a conferir tendências atuais do seu sistema, bem como estudar as características das interações sociais dos indivíduos, tanto imediatas quanto indiretas.

Sob a influência da Língua Materna, o estudo das formas de tratamento numa Língua Estrangeira pode tornar-se ainda mais ambíguo. Contudo, a aprendizagem dessa língua tornar-se-ia incompleta se se fomentasse apenas a aprendizagem de conteúdos linguísticos, ignorando o domínio das regras que norteiam a interação quotidiana.

Assim, neste nosso trabalho de investigação, tomando o Mandarim como ponto de partida, faremos uma comparação entre as formas de tratamento portuguesas e chinesas, com

o intuito de auxiliar os aprendentes chineses de Português a conhecerem de forma mais profunda e rigorosa a língua destino.

No capítulo I, explicaremos conceitos fundamentais e necessários à compreensão do uso de formas de tratamento e a um conhecimento mais profundo dos diferentes tratamentos em Português e Chinês, respetivamente. Far-se-á uma breve comparação entre as formas de tratamento utilizadas na Língua Portuguesa (Português Europeu) e as formas usadas na Língua Chinesa (Mandarim). No Capítulo II, comparemos detalhadamente as formas de tratamento em Português com as formas de tratamento em Chinês, distinguindo: formas nominais, formas pronominais, forma zero, vocativo, entre outras. No Capítulo III, apresentaremos a pragmática didática dos conhecimentos expostos nos capítulos anteriores, primeiramente, refletindo sobre estratégias de delicadeza e a influência da língua materna na aprendizagem de uma língua estrangeira, depois, descrevendo o inquérito que servirá de base do nosso estudo, analisando os dados colhidos e apresentando sugestões que possam melhorar o ensino-aprendizagem do tópico gramatical.

Capítulo I

Contextualização teórica das formas de tratamento

1.1 Definição de dêixis

Antes de refletir sobre as formas de tratamento, é necessário compreender o conceito de dêixis – do grego *deixis* (δείξις), que significa “citação, demonstração, prova, exposição”. Foi inicialmente utilizado pelos gregos na Antiguidade, mas o conceito foi recuperado pelos linguistas modernos. Em Portugal, o *Dicionário Terminológico* (DT) apresenta a entrada ‘dêixis’ (cf. "C.1.1. Comunicação e interação discursivas"), em cujo verbete se utiliza a forma ‘deíctico’.

Os deícticos são palavras que denotam pessoas, acontecimentos, tempos, lugares e outros elementos particulares a que os oradores se referem no decurso da comunicação interpessoal, em conversas presenciais. O significado semântico-pragmático de dêixis deve referir-se ao contexto do discurso, incluindo o interlocutor, a hora e o lugar da conversa, o ambiente, etc. Sem apoio contextual, é impossível determinar o significado de dêixis e compreender plenamente o significado e o conteúdo de uma conversa. Os deícticos dividem-se em cinco categorias: pessoais, temporais, locativos, discursivos e sociais.

O conceito de dêixis engloba, portanto, a representação linguística de todas as coordenadas num diálogo situacional, tais como: quem fala, fala com quem, onde e quando. Dependendo dos participantes, espaço e tempo, podemos dividir em dêixis pessoal, dêixis espacial (ou locativa) e dêixis temporal. Segundo Pratas (2017, p. 6), “Considerando a definição proposta por Lima (2006:87), a dêixis pessoal caracteriza-se, sobretudo, pelos elementos que identificam o emissor (*Eu*) e o recetor/destinatário (*Tu*). Eles /Ela referenciam aquilo de que se fala.”

Numa conversa, as identidades dos seus participantes incluem orador, recetor e outros participantes, sendo provável que estas identidades sejam constantemente trocadas. Por vezes o orador torna-se o recetor, outras vezes os outros participantes. A dêixis pessoal é

utilizada para indicar a identidade correspondente de cada pessoa. Isto dá origem a pronomes de primeira pessoa, pronomes de segunda pessoa e pronomes de terceira pessoa. Para além dos pronomes pessoais, há uma grande variedade de formas utilizadas para especificar a identidade de um interlocutor, incluindo nomes, tratamentos de parentesco, tratamentos de profissão e títulos, vocativos, etc.

Assim, o pronome de 1.^a pessoa do plural *Nós* não corresponde exatamente ao plural de *eu*, mas é considerado uma instância singular que inclui o emissor (*Eu*) e outras pessoas. Quanto a *você/vocês*, podemos considerar que são 2.^a pessoa, singular e plural, respetivamente. Nesta situação, o verbo concorda com o sujeito: *Você gosta dos animais? Vocês gostam dos animais?* E no caso de o sujeito ser o pronome de 3.^a pessoa (singular ou plural), o verbo concorda com o sujeito: *Ele gosta dos animais. Eles gostam dos animais.* Assim, *gosta* e *gostam* podem apontar para o pronome de 2.^a pessoa ou de 3.^a pessoa.

É evidente que a dêixis pessoal está presente em todas as outras formas de dêixis, uma vez que uma conversa implica necessariamente o emissor e o recetor. Como Pratas defende, “a dêixis pessoal será a codificação linguística dos papéis dos interlocutores. Ela implica o participante *Eu* e *Tu*, e não-participante *Ele/Ela*.”

A dêixis social é utilizada para revelar os papéis desempenhados pelo locutor ou pelo seu interlocutor e o estatuto decorrente desses papéis, por exemplo, as formas de tratamento “senhor”, “senhora”, “mestre”, “doutor”, “doutora”, entre outras. Engloba “os aspetos da estrutura das línguas que marcam gramaticalmente as identidades sociais dos participantes, as relações sociais que entre eles se estabelecem, ou entre eles e outras entidades referidas na conversação, como, por exemplo, os pronomes, as formas de tratamento, etc.” (in *Dicionário Terminológico*). Torna-se crucial dominar a utilização das estruturas linguísticas da dêixis social. Como salienta Pratas (2017, p. 7), importa: (i) conhecer a comunidade em questão e como está socialmente organizada, (ii) estar consciente dos códigos e costumes culturais e (iii) ter conhecimento das convenções de comportamento social que norteiam os atos de fala.

Então, a dêixis social, à semelhança da dêixis pessoal, tem a função de denotar uma maior ou menor distância e uma maior ou menor intimidade, mas transcende a pessoal, na medida em que informa sobre a relação entre os locutores, o que não ocorre na dêixis pessoal:

De acordo com Carreira (2004, p. 38), situando o alocutário, o locutor situa-se a si próprio na rede social. A dêixis social aponta, então, para os elementos linguísticos que codificam a identidade dos intervenientes no ato discursivo e/ou a relação social existente entre esses participantes. (Pratas, 2017, p. 7)

Relativamente à dêixis espacial (ou locativa), ela marca o lugar onde a enunciação ocorre. Alguns advérbios que apontam para a direção ou locação, como *ir, vir, trazer, levar*, são déicticos especiais. Estes revelam menor ou maior proximidade entre locutores dependendo do lugar onde se encontram. Relativamente à dêixis temporal, serve para identificar um período temporal ou o momento em que o ato de comunicação acontece. Este tempo não é em absoluto “agora”, mas depende de quando a enunciação ocorre.

Pelo exposto, acreditamos que não podemos estudar as formas de tratamento sem conhecer a noção de dêixis, pois ela identifica todas as coordenadas relativamente a uma certa comunicação.

Em suma, têm referenciação déictica as seguintes classes de palavras:

- Pronomes pessoais
- Pronomes e determinantes possessivos
- Pronomes e determinantes demonstrativos
- Artigos
- Advérbios de lugar e de tempo
- Tempos verbais
- Algumas unidades lexicais (*ir/vir, chegar, etc.*)

1.2 Definição de formas de tratamento

As formas de tratamento pertencem ao sistema da dêixis sobre o qual refletimos anteriormente e que inclui as coordenadas específicas duma conversação. Particularmente, as formas de tratamento fazem parte da dêixis pessoal, evidenciada na referência aos participantes numa certa enunciação, incluindo o emissor e o recetor, ou seja, o falante, o

ouvinte e as entidades de que falam. Neste caso, as outras entidades podem ser presenciais ou não.

Em sentido estrito, as formas de tratamento são o conjunto das formas linguísticas usadas num ato de conversação pelo emissor para se dirigir ao recetor do seu discurso, podendo ser constituídas por apenas uma palavra ou por uma expressão, por exemplo, os pronomes de 2.^a pessoa *Tu, Vós e Você*; as expressões *O senhor e Vossa Excelência*. As formas refletem as relações entre os locutores, que implicam menos ou mais intimidade, menos ou mais respeito.

Porém, segundo (Raposo et al., 2013, p. 2701) não podemos restringir o conceito das formas de tratamento ao conjunto daquelas que são usadas para referir o destinatário do discurso, porque, em primeiro lugar, o emissor, como um produtor do discurso, pode também referir-se a si mesmo através de pronomes. Em segundo lugar, existem formas de expressão equivalentes às anteriormente mencionadas que se dirigem ao recetor e denotam as atitudes sociais dos falantes e as entidades relativas.

Por isso, o conceito de ‘formas de tratamento’ abarca um campo mais vasto do que aquele que geralmente se encontra na maioria das gramáticas. Relativamente ao conjunto de formas usadas pelo falante numa certa enunciação para se dirigir a si próprio, ao ouvinte e às entidades de que estejam a falar, afirmam os mesmos autores:

“Enquanto participante no discurso, o falante (ou o grupo em que se inclui) recebe tradicionalmente a designação de 1.^a pessoa e o(s) ouvinte(s), a designação de 2.^a pessoas. A(s) entidade(s) de quem se fala, por sua vez, recebe(m) a designação de 3.^a pessoa” (Raposo et al., 2013. P. 2701).

Do ponto de vista morfossintático, em Português Europeu, o conjunto das formas de tratamento divide-se em:

- (i) tratamentos pronominais (*Tu, Você, Vocês, Vossa Excelência*, etc.);
- (ii) tratamentos nominais, que são frequentemente usados para apontar uma particularidade (o género *A Senhora, O pai, O António, O meu amigo, O menino*, etc.);
- (iii) tratamentos verbais, refletidos por verbos usados pelos locutores (*gosto, vens, bebem*)

Das três categorias, os tratamentos pronominais e verbais são mais próximos da abstração, na medida em que não contribuem para concretizar as caracterizações dos interlocutores.

Em Chinês, o conjunto das formas de tratamento caracteriza-se por uma tendência exponencial para o complexo, conforme explicaremos posteriormente.

1.2.1 A noção de delicadeza

Durante a fase de pesquisa terminológica, notámos uma situação de indefinição e indecisão relativa aos termos técnicos. Em Português, o termo metalinguístico do conceito de *delicadeza* não é consensual entre os estudiosos. Atualmente o conceito encontra-se expresso em três palavras *delicadeza - cortesia – polidez*, sendo os dois primeiros termos os mais utilizados pelos investigadores.

Este fenómeno linguístico português é causado pela forte influência da literatura linguística anglo-saxónica e francófona e a interferência de posteriores traduções terminológicas castelhanas e brasileiras, como explica Batoréo (2015, p. 167):

A área focada (...) incide sobre um domínio de estudo da Pragmática Linguística conhecida em Portugal por *delicadeza*, (...) enraizada nos estudos sobre *politeness* da literatura linguística anglo-saxónica (cf. Brown e Levinson, 1978, 1987) e *politesse*, da literatura linguística francófona (cf. Kerbrat-Orecchioni 1992 e 2005). A influência dos termos originais inglês e francês, bem como as traduções posteriores de origem castelhana – *cortesia* – (cf. Haverkate 1994) e brasileira – *polidez* – (cf. Rodrigues 2003:15) criaram, entre nós, uma polifonia terminológica do trinómio *delicadeza –cortesia –polidez* (...)

Esta tripartição é reveladora da falta de consenso relativa à terminologia adotada; os autores apresentam ideias diversas sobre o termo a usar em Português Europeu.

Veja-se o quadro apresentado por Allen (2019, p.7):

Quadro 1 - Escolhas terminológicas dos investigadores

Polidez: Ali (1937);

Cortesia: Cintra (1972); Lapa (1975: 151); Maças (1976); Meyer-Hermann(1984); Fonseca (1994: 32, 1996); Oliveira (1995); Soares (1996); Cook (1997); Rodrigues (2002); Duarte (2010); Guilherme & Bermejo (2015); Cavalheiro (2016);

Delicadeza: Marques (1988); Casanova (1996^a); Gouveia (1996); Pedro (1997)²⁰; Lima (2006); Faria (2009).

Alguns autores preferem *cortesia* em virtude de a palavra implicar um significado mais lato, constituindo “um hiperónimo em relação a cada um dos fenómenos pragmáticos de que esta teoria se ocupa”, segundo Rodrigues (2003, p. 13).

Quanto aos linguistas que preferem *delicadeza*, Faria (Allen, 2019, p. 5) que “o termo original inglês dispõe já de tradução consensual em português.” A autora traduz o termo de origem inglesa *politeness* para *delicadeza* em Português.

Maria Helena Araújo Carreira, autora de estudos importantes sobre o fenómeno em Português Europeu, indica que o Português e o Espanhol escolheram *cortesia*, enquanto outras línguas preferiram usar *delicadeza* e *polidez*. Por isso, usa *cortesia* no seu estudo. Porém, a autora aponta que *delicadeza* é o termo mais compatível no sector metalinguístico, por incluir mais gradações dos sentidos:

A questão da metalinguagem levanta-se aqui como na maioria dos setores da linguística, dados os termos metalinguísticos resultarem com frequência numa transposição de termos correntes. Assim, torna-se difícil desligar um termo metalinguístico desse mesmo termo e de termos afins na consciência linguística do sujeito falante. Na utilização corrente, *cortesia* evocará fortemente regras de etiqueta, enquanto *delicadeza* será sentido como mais abrangente, incluindo a interioridade – ou, em termos linguísticos a intencionalidade – e as suas manifestações. Quanto à *polidez*, termo menos utilizado, evoca a superfície polida, sem ângulos ou imperfeições. (...) o termo *delicadeza*, pela sua abrangência na intuição linguística dos falantes, estaria mais apto do que o termo *cortesia* a designar um domínio de estudo polifacetado que contemple tanto a intencionalidade

e a relação interpessoal e social, como as manifestações verbais e não verbais e suas regras de funcionamento. Contudo, no estágio atual, a aliança entre o português e o espanhol elegeu *cortesía*. (...) Respeitando esse consenso terminológico (...), adotarei, pois, o termo metalinguístico *cortesía*, desligando-o assim em grande parte da intuição que dele tenho na linguagem corrente – o que não ocorre com o termo *delicadeza*. (Carreira, 2014, pp. 29-30, apud Cavalheiro, 2016, p. 67)

Os linguistas avançam razões diversas para fundamentar as suas ideias sobre esta questão. De acordo com o quadro da Allen em cima, entre 1937 e 2010, 1 autor escolheu usar *polidez* na sua tese, 12 autores escolheram *cortesía* e 6 autores usaram *delicadeza*. Depois de muito pensarmos sobre o assunto, em acordo com Allen, decidimos que *delicadeza* é o termo mais abrangente, por razões etimológicas e socioculturais. Para o antônimo de *delicadeza*, opta-se por *indelicadeza*.

A delicadeza existe em todos os atos comunicativos interpessoais, ela é estabelecida como base da estratégia enunciativa usada, dependendo do contexto e das relações sociais dos interlocutores.

No contexto chinês, a noção de delicadeza é muito diferente da que conhecemos no Ocidente. Gu Yueguo resume-a em quatro pontos baseados nas restrições culturais chinesas ao comportamento e moralidade humanos: respeito, modéstia, cordialidade e refinamento (Jiang, 2018, p. 60). Embora o respeito e o refinamento estejam presentes em quase todos os contextos culturais, a modéstia e a cordialidade são características particulares da cultura chinesa, e é daí que provém uma forma importante de tratamento em Chinês: tratamento humilde. Funciona diminuindo-se o estatuto de uma pessoa e elevando o estatuto da outra, a fim de alcançar a delicadeza. Há também o uso alargado de tratamentos de parentesco, mais uma vez para exprimir a delicadeza, que é muito diferente do sistema ocidental de tratamento.

É importante notar que a delicadeza também se divide em *delicadeza linguística*, que consiste simplesmente num vocábulo, numa expressão, ou num conceito estático definido pela forma linguística, e *delicadeza prática*, que é a aplicação das regras da primeira no quotidiano, e tem valor comunicativo. Por vezes, as duas são idênticas, por exemplo, quando o orador escolhe a forma de tratamento correta de acordo com a diferença de estatuto, a distância social, a proximidade, etc., em relação ao destinatário. Se utilizados incorretamente

utilizando, por exemplo, tratamentos exagerados, demasiado humildes e deslocados, também podem ser considerados como sarcasmo sobre a outra pessoa.

Em Chinês, o termo *delicadeza* pode ser traduzido por 礼 *lǐ*, um dos princípios fundamentais de Confúcio; hodiernamente, é mais comum 礼貌 *lǐmào*. Segundo Confúcio, *lǐ* refere-se à limitação e sanção de comportamentos pessoais assentes nas normas sociais. *Lǐ* é uma ferramenta significativa para manter em ordem a estrutura social e política, desempenhando um papel predominante tanto na governação do estudo quanto na vida quotidiana do povo.

A delicadeza, ou *lǐmào*, pode acontecer quando um locutor tenta evitar ofender com as suas palavras o alocutário, quando existe divergência ou uma atitude discordante da atitude do outro, de modo que não provoque a antipatia do alocutário.

1.2.1.1 Estratégias de delicadeza em Português e Chinês

A delicadeza, como já referimos no Capítulo I, é um fenómeno linguístico que é muitas vezes entendido como uma estratégia adotada pelo orador para alcançar um determinado objetivo, tal como aumentar ou manter a relação/comunicação entre as duas partes. A utilização de estratégias de delicadeza na construção de frases determina a interpretação do ato fala por parte do ouvinte, e se a utilização de estratégias de delicadeza não for tida em conta, tal é suscetível de dificultar a comunicação e até de causar mal-entendidos desnecessários, especialmente na comunicação transcultural. No entanto, a construção de estratégias de educação parece não merecer atenção suficiente no ensino do Português nas universidades chinesas. Para os estudantes universitários que estão prestes a entrar no mercado de trabalho e a ser desafiados a desempenhar diferentes papéis sociais, a questão de como melhorar a sua capacidade de escolha da expressão certa para diferentes contextos comunicativos e públicos, de modo a melhor atingir os seus objetivos comunicativos, deveria constituir uma grande preocupação para os professores de Língua Portuguesa. Por conseguinte, cremos ser necessário discutir sistematicamente a construção de estratégias de delicadeza em Português.

De acordo com Brown & Levison (1987, p. 101), a delicadeza divide-se entre delicadeza positiva, através da qual o orador mostra coerência ao ouvinte, enfatizando a uniformidade de ambas as partes, e delicadeza negativa, de acordo com a qual o orador toma

medidas para preservar a sua própria dignidade, a do ouvinte e/ou de outros participantes, por exemplo, não impondo ou perturbando a outra parte, do ponto de vista do ouvinte. Discutiremos, então, brevemente a construção de estratégias de delicadeza negativa em Português e Chinês em termos de expressões impessoais, eufemismos, expressões indiretas, diminutivos, tempos verbais, algumas frases fixas, etc.

1. Expressões impessoais

Podemos usar frases impessoais em ambas línguas para construir estratégias de delicadeza negativa. Ao utilizar frases impessoais, o orador que dá o comando já não está em oposição ao recetor do comando. A expressão é relativamente objetiva e parece mais eufemística, tornando-a mais aceitável. Existem dois tipos de expressões impessoais em Português: (1) usando o verbo na 3.^a pessoa do singular + palavra impessoal *se*. (2) genéricas. Por exemplo:

(1)

- a) *Aqui não podes fumar.* 你不能在这吸烟。
- b) *Aqui não se pode fumar.* 这里不允许吸烟。

(2)

- a) *Proibo-te de fumares aqui.* 我不允许你在这吸烟。
- b) *Todos sabem que é proibido fumar aqui.* 大家都知道这里不允许吸烟。

Na frase a) do exemplo (1), o orador dá esta ordem ao ouvinte muito diretamente, e o conflito é óbvio, enquanto na frase b, ao introduzir o pronome impessoal *se*, faz com que o "eu" já não seja colocado em oposição ao ouvinte, pois as circunstâncias objetivas exigem que não seja permitido fumar, e o tom é eufemístico e educado. Do mesmo modo, no exemplo (2), a frase a), *Proibo-te de fumares aqui*, que é uma expressão muito forte e é passível de gerar fricção, é substituída por um tema geral, como *Todos sabem*, que tira o orador de uma posição de comando, preservando assim a dignidade do ouvinte e tornando o outro lado mais recetivo.

2. Eufemismos como pretexto

Os eufemismos como pretexto são usados para criar condições que tornam o nosso pedido mais aceitável, ou seja, uma frase educada é usada como pretexto para introduzir um

ato de fala que é potencialmente ameaçador para os interesses do ouvinte. Em Português, o eufemismo é frequentemente utilizado como *desculpe(a)..., mas...; se não se(te) importa(s)*.

a) *Desculpe acordá-lo tão cedo, mas o seu agendamento hoje foi antecipado.*

抱歉这么早把您叫醒，但您今天的预约提前了。

b) *Se não se importa, poderia emprestar-me este livro?*

如果您不介意的话，可以把这本书借给我吗？

Na frase a), *Desculpe* não é realmente um pedido de desculpas, mas uma preparação do ouvinte para a antecipação do agendamento, que é prejudicial aos interesses do ouvinte; o eufemismo no exemplo b), *Se não se importa*, também se destina a tornar o pedido subsequente menos presunçoso e abrupto.

3. Expressões indiretas

O uso de expressões indiretas em vez de expressões diretas é uma tática muito comum de delicadeza negativa, e é comum em todas as línguas. Algumas expressões tornam o mesmo significado mais confortável e aceitável, enquanto outras são diretas, acutilantes e desconfortáveis, tanto em Chinês como em Português. Por exemplo:

a) *Fez um mau trabalho.* 你做得很糟。

b) *Acho que poderia fazer melhor.* 我觉得你可以做得更好。

As duas frases são construídas de maneiras diferentes, mas o significado pretendido, ou seja, o propósito comunicativo é o mesmo: fazer o ouvinte perceber as deficiências do seu trabalho. A frase a), contudo, é um ato de discurso direto, que, se usado de forma tão direta e enérgica, prejudicaria inevitavelmente a dignidade do ouvinte e tornaria difícil para ele aceitar a avaliação do orador e até mesmo melhorar o trabalho. A frase b), por outro lado, expressa subtilmente a insatisfação do orador com o trabalho do ouvinte, ao mesmo tempo que preserva a dignidade do ouvinte de uma forma indireta.

Para além disso, podemos expressar um pedido indiretamente sob a forma de uma pergunta, por exemplo:

a) *Sáimos daqui.* 我们离开这。

b) *Não acha que é tarde para nós ficarmos aqui?* 你不觉得我们在这待得太晚了吗？

Neste exemplo, o objetivo comunicativo do orador é pedir ao ouvinte para saírem juntos. Em contraste com a frase a), que é um comando direto, a frase b) é uma pergunta indireta dirigida ao ouvinte. Não requer uma resposta de “sim” ou “não” do ouvinte, mas o objetivo do discurso é que o ouvinte descodifique a intenção do questionador e responda com a ação real de 'partir'. Esta forma discreta e indireta de alguém se expressar é uma maneira educada e delicada de evitar fazer um pedido ou dar uma ordem direta ao ouvinte.

A construção de estratégias de delicadeza negativa em Chinês inclui a utilização de tratamentos humildes que abordámos no capítulo anterior, através dos quais o orador por vezes se esforça por se diminuir o seu estatuto para agradar à outra pessoa, o que é mais apelativo para o ouvinte. Esta é uma característica importante que distingue os tratamentos humildes dos outros tratamentos. Há muitas expressões humildes, tais como 寒舍 *minha pobre casa (minha casa)*、小女 *minha pequena filha (minha filha)*、犬子 *meu filho de cão (meu filho)*、在下 *inferior eu (eu)*、不才 *incapaz eu (eu)*、老朽 *velho eu (eu)*. Os funcionários antigos referiam-se a si próprios como 微臣 *ministro pequeno (eu)*、下官 *funcionário inferior (eu)*、小吏 *funcionário menor (eu)*. As pessoas antigamente referiam-se a si próprias como 小人 *pessoas pequenas (eu)*、小民 *povo pequeno (eu)*、草民 *povo de erva (eu)*. As mulheres referiam-se a si próprias como 妾 *concubina (eu)*、贱妾 *concubina barata (eu)*、奴家 *escrava eu (eu)*, etc. (Jiang, 2009, p. 214) Este tipo de tratamento humilde é uma tentativa deliberada do orador de baixar o seu estatuto a fim de elevar o estatuto da outra parte, como um sinal de respeito e delicadeza negativa.

4. Diminutivos

Não nos é desconhecido o uso de diminutivos em Chinês, por exemplo, 小猫 *gato*——小猫猫 *gatinho*, 酸的 *azedo*——酸酸的 *azedinho*, ou quando nos referimos ao nome de uma pessoa: 恐龙 *Konglong*——小龙 *pequeno Long* (ou 龙龙 *Long Long*). Podemos ver que, em Chinês, os diminutivos são frequentemente usados através da sobreposição de um carácter, ou do uso de adjetivos/adversões. Em Português, por outro lado, os diminutivos são expressos através da variação de sufixos de substantivos e adjetivos. Os diminutivos são

utilizados não só para expressar afeto verbal e proximidade, mas também como tática educada para mostrar a educação e modéstia do orador. Por exemplo:

- a) *O meu textinho trata da proteção dos direitos humanos.* 我这篇拙作是关于人权保护。
- b) *Aceite por favor a minha prendinha.* 请收下我不成敬意的礼物。(任珊珊, 2016)

No exemplo a), a palavra *textinho*, que é o diminutivo de *texto*, é uma expressão de humildade e delicadeza, que pode assumir o significado e ser interpretada em Chinês como 拙作 *trabalho humilde*. No exemplo b), a palavra *prendinha* é utilizada para referir um presente; também transmite a ideia da humildade chinesa 一点小意思, 不成敬意. *apenas uma pequena lembrança para mostrar o meu respeito.*

5. Eufemismos diretos

Os eufemismos são expressões suaves, mais agradáveis de uma realidade menos agradável (que se opõem a expressões duras) usadas para não infringir a dignidade do ouvinte. Em Português, como em Chinês, os eufemismos são frequentemente utilizados na comunicação.

- a) *A minha gata morreu ontem.* 我的猫昨天死了。
- b) *A minha gata faleceu ontem.* 我的猫昨天去世了。
- c) *A minha gata deixou-nos ontem.* 我的猫昨天离开了我们。

Na frase a), o verbo *morrer* é utilizado para descrever o facto de o gato ter falecido, mas o uso deste verbo faz com que a expressão pareça muito fria e desprovida de respeito pelo falecido. Na frase b), por outro lado, o verbo *morrer* é substituído pelo eufemismo *falecer*, que aumenta o nível de educação da expressão, enquanto a frase c) é a mais educada, utilizando o verbo *deixar*, ao transmitir implicitamente ao leitor uma sensação de tristeza que não é literalmente expressa. O eufemismo mais comum para expressar a morte em Chinês é 走了 *saiu*, que é equivalente a *gone* em Inglês. *A minha gata saiu.* = *A minha gata partiu.*

6. Tempos verbais

Em Português, podemos usar o imperativo (frases a) e b)) ou o tempo imperfeito/condicional (frase c)) para expressar uma ordem/pedido. O modo imperativo é utilizado para exprimir ordens, pedidos, exigências, etc. Contudo, existem formas mais educadas na realização de um pedido/ordem. Por exemplo, se quisermos ordenar a alguém que não fume, podemos usar as seguintes expressões:

- a) *Não fumes.* (你) 不要吸烟。
- b) *Não fume.* (您) 不要吸烟。
- c) *Gostava/Gostaria que não fumasse.* 我希望 (您) 不要吸烟。

As frases a) e b) utilizam o imperativo; a segunda é mais educada do que a anterior, devido à diferença de tratamento. Em Português, *tu* é uma forma de tratamento de um superior para um subordinado, de alguém mais velho para um jovem, ou entre amigos próximos, enquanto *você* é mais formal e educado. Em contraste, a frase c) revela o mais alto nível de educação, pois transforma o imperativo em desejo e expectativa para o ouvinte, através do uso do pretérito imperfeito do indicativo ou do condicional, e, portanto, leva a uma oração completiva que requer a utilização do modo conjuntivo.

7. Algumas frases de delicadeza

Muitas vezes, para evitar ferir a dignidade do interlocutor e para tornar as nossas expressões menos rudes e secas, é importante utilizar "lubrificantes" linguísticos que reduzam o comportamento de superioridade condescendente dos nossos pedidos, exigências e ordens. As expressões mais comuns em Chinês são 请 *por favor*, em Inglês, *please*, enquanto em Português usamos *por favor*, *se faz favor*, *fazer (o) favor de*:

- a) *Por favor, dê-me esse livro.* 请把那本书给我。
- b) *Se faz favor, abra a janela.* 请打开窗。
- c) *Pode fazer o favor de encher a saco?* 可以帮忙装满袋子吗?

1.2.2 Formas de tratamento na Língua Portuguesa Contemporânea

Segundo Fryer & Pinheiro:

A primeira coisa que se deseja fazer com uma língua é falar com as pessoas. Mas, em Portugal, uma pessoa está sujeita a ser interpelada de

quatro, ou mesmo de cinco modos diferentes e a cada um desses modos está associado um grau diverso de intimidade ou de respeito, cada um deles fixa firmemente o tipo de relação entre a pessoa interpelada e a pessoa que se lhe dirige. (1961, p. 230, apud Cunha & Cintra, 1986, p. 9)

As formas de tratamento são uma parte significativa do estudo e análise da cultura e linguística de uma língua. Refletem a forma como os locutores utilizam a língua de acordo com certas convenções ou hábitos sociais. Ao nível da delicadeza, as formas de tratamento destinam-se a destacar a face do interlocutor e a indicar que o emissor concorda com as convenções sociais que regem o uso de certas palavras. O não cumprimento destas regras sociais óbvias pode criar situações embaraçosas, tais como problemas nas interações com o interlocutor, ou mesmo ofendê-lo, e pode transmitir uma atitude incorreta de hostilidade. Portanto, o domínio do uso de formas de tratamento pode ser eficaz para ajudar a construir a relação certa com os outros.

Saber ou não como tratar os seus interlocutores pode determinar uma comunicação agradável ou rígida. No caso particular do Português contemporâneo, as formas de tratamento refletem a estratificação social. Por isso, trata-se de uma área muito complexa que coloca muitos problemas ao aprendente da língua.

Acreditamos que a língua que escolhemos é sem dúvida condicionada pelas relações sociais que estabelecemos com os nossos interlocutores e pelo contexto social em que interagimos.

Tendo avaliado o contexto comunicativo, que inclui as relações sociais entre os participantes, o locutor deve ter uma coleção léxico-gramática rica e variada que lhe permita escolher a forma de tratamento apropriada mais consciente e confiante. O tópico é tão complexo e enigmático que coloca dificuldades não só aos alunos de Português Língua Estrangeira, como também aos falantes nativos. Quanto a estes, as dificuldades aumentam frequentemente em grupos de falantes nativos que não falam a variedade padrão num ambiente familiar.

Existe uma grande quantidade de formas de tratamento em Português Europeu, especialmente quando os nossos alocutários são mulheres. Tendo essa variedade em conta, eis, como exemplo, as possíveis formas de tratamento para chamar a senhora Adelaide:

(a) *(Ó) Adelaide, estás doente?*

- (b) *Tu estás doente?*
- (c) *Você está doente?*
- (d) *(Ó) Adelaide, está doente?*
- (e) *A Adelaide está doente?*
- (f) *Dona Adelaide, está doente?*
- (g) *A Dona Adelaide está doente?*
- (h) *Senhora Adelaide, está doente?*
- (i) *A Senhora Adelaide está doente?*
- (j) *A Senhora Dona Adelaide está doente?*
- (k) *A Doutora Adelaide está doente?*
- (l) *Ø está doente?*

Embora todas as declarações tenham em comum a pergunta feita sobre a doença, há uma clara diferença na forma como esta informação é expressa. Esta diferença reside principalmente na escolha das várias formas de tratamento, diferença essa causada pelo contexto formal, como a ocupação, o estatuto social, a idade, etc., que existe entre os participantes, seja pequena ou grande. Assim, por exemplo, tem de ser feita uma escolha razoável entre as formas pronominais *Tu* e *Você* ou entre as formas pronominais *A Senhora Adelaide* e *A Adelaide*.

Para os aprendentes de Português Europeu, segundo Allen (2019, p.39), as dificuldades no uso das formas de tratamento residem possivelmente nestes três aspetos ¹:

- (i) Saber que as formas nominais de tratamento são muito complexas em Português Europeu, visto variarem, por exemplo, de acordo com a relação social existente entre os diferentes interlocutores;
- (ii) Saber quando o emissor, para sinalizar deferência, se dirige ao alocutário com uma forma nominal como sujeito de um verbo na 3.^a pessoa do singular, e não na 2.^a pessoa do plural, como em Francês.
- (iii) Saber que a 3.^a pessoa gramatical é a forma mais usual de tratamento em PE, em detrimento do *Tu*, mais usado em espanhol, por exemplo.

¹ Ver Carreira: “La symétrie (la réciprocité) ou l’ asymétrie (la non réciprocité) des formes choisies par les interlocuteurs, en ce qui concerne le degré de déférence que chacun accorde à l’ autre, dépend, en portugais, de facteurs hiérarchiques. Il faut souligner l’ importance que jouent les facteurs sociaux et professionnels qui se superposent à l’ âge” (1997, p. 48).

Relativamente à complexidade da escolha correta das formas de tratamento numa enunciação determinada, temos um exemplo de José Saramago no seu livro *O Ano da Morte de Ricardo Reis*:

Hesitou muito Ricardo Reis sobre o vocativo que deveria empregar [...]. Claro que Ricardo Reis não admitiu, sequer, a hipótese de tratar Marcenda por excelentíssima senhora dona, ou prezada senhora, a tanto não lhe chegaram os escrúpulos de etiqueta, mas, tendo eliminado esta fácil impessoalidade, achou-se sem léxico que não fosse perigosamente familiar, íntimo, minha querida Marcenda, porquê sua, porquê querida, é certo que também poderia escrever menina Marcenda ou cara Marcenda, e tentou-o, mas menina pareceu-lhe ridículo, cara ainda mais, depois de algumas folhas rasgadas achou-se com o simples nome [...]. (apud Duarte, 2011, p. 91)

Pelo exposto, é evidente a dificuldade neste setor, tanto para tradutores quanto para aprendentes e utilizadores do Português.

Um dos pontos em que diferem o Português Europeu Contemporâneo e o Português Brasileiro é a utilização da 3.^a pessoa gramatical. Em Português Europeu Contemporâneo há mais cuidado no uso do pronome *Você*. Há três maneiras de chamar a 3.^a pessoa numa frase (Pratas, 2017, p. 18): (i) com diferentes formas nominais que são sujeito do verbo na 3.^a pessoa, (ii) com *Você* e (iii) com o sujeito nulo, evitando algum mal-estar resultante do uso de *Você* (Hammermüller, 2004, apud Duarte, 2011, p. 87).

Ao contrário do Português Brasileiro, no Português Europeu Contemporâneo, a presença de *Você* numa enunciação pode induzir mal-estar e incómodo, e apresentar uma atitude rude ou de indelicadeza, exceto em algumas regiões ou dialetos determinados. Porém, esse fenómeno existe só na utilização do pronome *Você* (no singular, portanto), o plural *Vocês* é totalmente inofensivo no caso de designarmos vários alocutários. Atualmente, usa-se o pronome de 2.^a pessoa do plural *Vós* apenas em condições particulares, dado que esta expressão tem sido substituída por *Vocês* (informal) e *Os senhores/As senhoras* (formal). Em conclusão, considera Pratas (2017, p. 19), “que a utilização na norma padrão do pronome *Você* como FT do PEC é específica das relações predominantemente simétricas e amistosas,

sendo inaceitável na maior parte dos casos (sobretudo se existir assimetria social ou de idade entre os interlocutores).”

1.2.3 Formas de tratamento na Língua Chinesa Contemporânea

Em virtude de uma maior complexidade, a definição daquilo que entendemos por ‘formas de tratamento’ é ainda discutível entre os linguistas chineses. À semelhança de Jiang (2018, p. 12), consideramos que o termo ‘formas de tratamento’ corresponde, simultaneamente, a dois conceitos diferentes e facilmente confundíveis em Chinês: 称谓 *tratamentos de caso vocativo* e 称呼语 *tratamentos designativos*.

A principal razão da confusão é que a maioria dos tratamentos de caso vocativo demonstra ser igual aos tratamentos designativos. Portanto, enquanto alguns gramáticos consideram que 称呼语 e 称谓语 são dois conceitos diferentes, outros linguistas indicam que o tratamento designativo é uma parte do tratamento de caso vocativo. Assim, vamos esclarecer os dois termos.

Teoricamente, o tratamento de caso vocativo centra-se nas várias relações sociais entre as pessoas e nos papéis sociais que desempenham, e é a expressão lexical das várias relações sociais entre as pessoas e o seu estatuto, ocupação e posição social. Quando usado numa enunciação cara a cara, o tratamento de caso vocativo é equivalente ao tratamento designativo; quando se usa numa conversa não cara a cara, o tratamento de caso vocativo não pode ser substituição do tratamento designativo. Relativamente ao tratamento designativo, é a forma usada “para designar alguém numa comunicação linguística direta”. Ele reflete as relações entre uns e outros e avaliações sociais que possuem. Nisto, o tratamento designativo é igual ao tratamento de caso vocativo; mas pode não funcionar conforme exposto e, nesse caso, ele é tratamento designativo, mas não é tratamento de caso vocativo. Por conseguinte, os dois implicam diferentes pontos de vista.

Na prática, no que respeita à maioria dos tratamentos em Chinês, temos duas formas de indicar um título, por exemplo, o termo ‘professor’ pode ser expresso por ① 教师 (mais formal) ou ② 老师 (mais informal). Há uma parte significativa dos termos mais formais que não pode ser usada para designar a pessoa numa conversa cara a cara. Essa parte do

tratamento de caso vocativo, como “① 教师 *professor*) 学生 *estudante*, 爱人 *amor*, ① 丈夫 *marido*, ① 妻子 *mulher*, 父亲 *pai*, 母亲 *mãe*”, etc., não é equivalente ao tratamento designativo; ao mesmo tempo, uma parte do tratamento designativo que não reflete as relações sociais e os papéis sociais desempenhados, como “老武 *velho Wu*, 小梁 *Liang pequeno*, 迪迪 *Didi*, 沐祺 *Muqi*, 李皓然 *Li Haoran*”, etc., obviamente não é considerado tratamento de caso vocativo.

Portanto, os termos no tratamento de caso vocativo que refletem as relações sociais e os papéis desempenhados e, simultaneamente, fazem parte das formas para designar alguém numa enunciação cara a cara, como “② 老师 *professor*, 同学 *colega*, 老伴 *parceiro idoso*, ② 老公 *marido*, ② 太太 *mulher*, 爸爸 *papá*, 妈妈 *mamã*”, etc., são tratamentos de caso vocativo e tratamentos designativos ao mesmo tempo. Por isso, entre as duas formas de tratamento existe uma relação cruzada: em parte sobrepostos, em parte separados.

Cao (2005, p. 62) explica e caracteriza as duas formas de tratamento chinesas em três pontos:

1) A expressão “tratamento de caso vocativo” é relativamente mais estática, com características mais sistemáticas e estáveis; enquanto a expressão “tratamento designativo” é relativamente mais dinâmica, com características não-sistemáticas e flexíveis;

2) A expressão “tratamento de caso vocativo” encerra características sociáveis e populares, que são consagradas pela sociedade e respeitadas pela população. No entanto, embora alguns tratamentos do “tratamento designativo” também possuam as mesmas características do “tratamento de caso vocativo” (uma vez que estes tratamentos fazem parte do “tratamento de caso vocativo”), aqueles que não pertencem ao “tratamento de caso vocativo” são caracterizados pelos próprios interlocutores, revelando mais particularidade e individualidade.

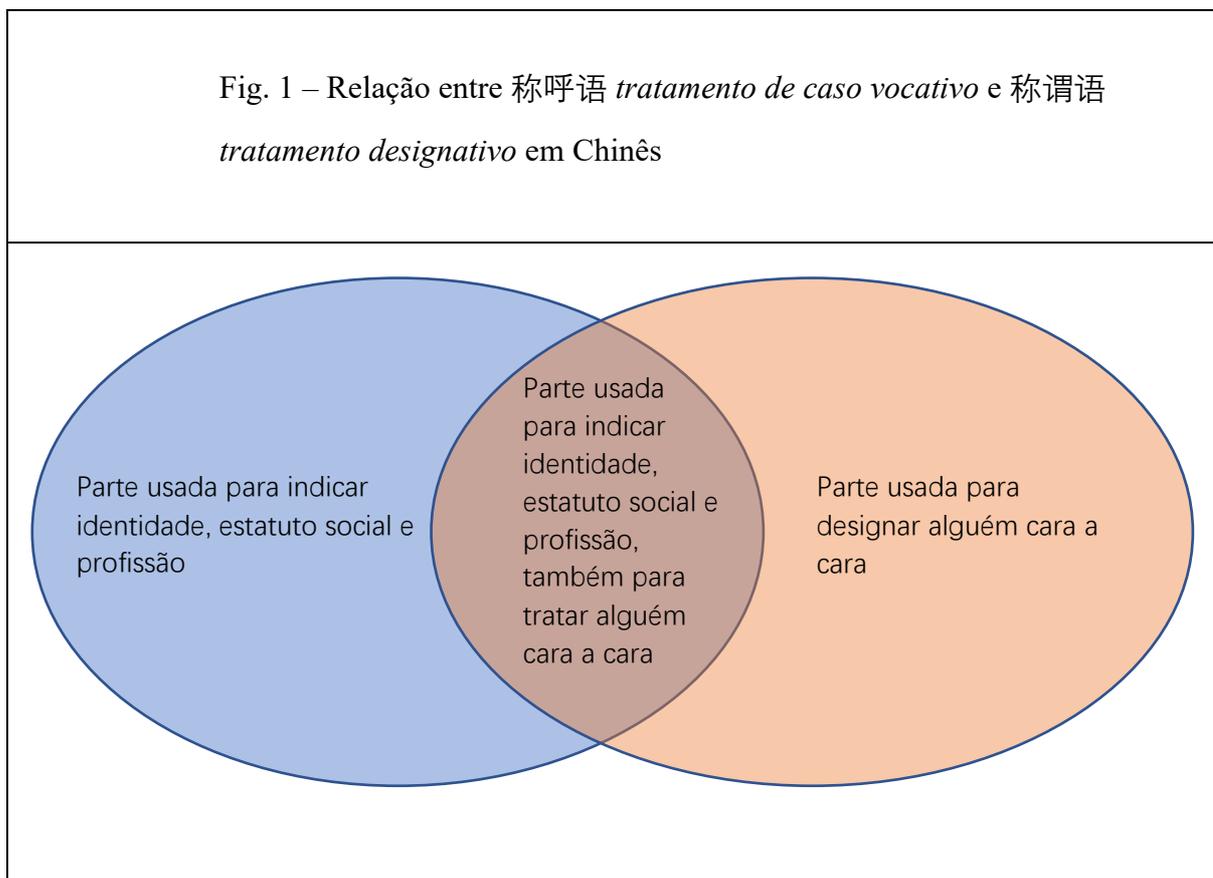
3) Podemos verificar que os casos típicos de “tratamento de caso vocativo” são do âmbito de 面称 *tratamentos frontais*, quer dizer,

tratamentos usados quando o destinatário está presente; e de 背称 *tratamentos pelas costas*, ou melhor, os tratamentos indicativos que são usados quando o destinatário não está presente. Ambos possuem características de “tratamento de caso vocativo” e “tratamento designativo”. Por isso, o “tratamento de caso vocativo” é mais utilizado na escrita e o “tratamento designativo” na oralidade. (2005, p. 62, apud Jiang, 2018, p. 14)

Neste ponto, podemos apresentar uma definição e interpretação mais objetiva, justa e abrangente das duas formas de tratamento. O "tratamento de caso vocativo" é simplesmente o nome que as pessoas usam para indicar as suas relações sociais e os papéis sociais que desempenham. O “tratamento designativo” é o nome que as pessoas usam para se cumprimentarem umas às outras cara a cara.

Pelo exposto, as formas de tratamento em Chinês incluem: tratamentos de caso vocativo e tratamentos designativos.

Fig. 1 – Relação entre 称呼语 *tratamento de caso vocativo* e 称谓语 *tratamento designativo* em Chinês



 称呼语 *tratamentos de caso vocativo*

 称谓语 *tratamentos designativos*

 Partes em comum dos 称呼语 *tratamentos de caso vocativo*

e 称谓语 *tratamentos designativos*

Capítulo II

Comparação entre as diferentes formas de tratamento

2.1 Formas de tratamento nominais

Conforme referimos anteriormente, o conjunto das formas de tratamento divide-se em: i) formas de tratamento nominais; ii) formas de tratamento pronominais; iii) formas de tratamento verbais.

Das três formas, as de tratamento nominais, devido ao seu grande número e mudanças frequentes, não constituem um sistema fechado, mas bastante flexível e versátil na sua utilização. As formas de tratamento nominais também refletem mais direta e claramente do que as outras duas formas a proximidade ou estatuto do locutor em relação ao interlocutor (neste caso, semântica de segunda pessoa) ou à pessoa referida (neste caso, semântica de terceira pessoa). Segundo (Raposo et al., 2013, p. 2720), as formas de tratamento nominais esclarecem:

(i) aspetos individuais dos participantes no ato de comunicação, como o nome próprio (2.^a pessoa: *António, queres um gelado também?*; 3.^a pessoa: *A Ana foi à livraria hoje.*)

(ii) relações de convivência mais ou menos formais que os participantes mantêm (2.^a pessoa semântica: *A senhora quer mais doce?*; 3.^a pessoa: *O professor está na praia, o senhor doutor foi com eles.*)

(iii) relações de parentesco (2.^a pessoa semântica: *O pai quer ficar em casa?, A prima vem connosco?*; 3.^a pessoa: *O meu sogro gosta de fazer desporto.*)

(iv) relações de profissão, cargo, função ou título (2.^a pessoa semântica: *O professor tem aula em seguinte?*; 3.^a pessoa: *O senhor presidente recebeu uma carta de demissão.*)

(v) relações de afeto (2.^a pessoa semântica: *Cara professora, não percebi a pergunta.; Amor, vem cá.;* 3.^a pessoa: *Não sei o que os meus amigos estão a fazer.*), sendo algumas delas também seguidas, por vezes, do nome próprio (2.^a pessoa semântica: *A gatinha Ana ainda não fez o trabalho de casa?*; 3.^a pessoa: *O senhor deputado prefere calar-se.*)

Do ponto de vista da delicadeza, as escolhas das formas de tratamento nominais refletem uma compreensão do sistema de relações sociais e a seleção das formas corretas em situações formais ou informais de acordo com as normas de etiqueta e o contexto da conversa. Estas formas sociais de dêixis são ilustradas no presente trabalho em duas partes: formas de tratamento de parentesco (2.1) e formas de tratamento sociais (2.2).

2.1.1 Formas de tratamento de parentesco

Parentesco, em Chinês é referido como 亲属 *qīn shǔ*. Segundo *A Enciclopédia da China*², o parentesco (亲属) corresponde às "relações sociais decorrentes do casamento, sangue e adoção, com direitos e obrigações legais entre os parentes", enquanto no *Dicionário Cihai* (1999, p. 1697) se refere que diz respeito às "relações entre pessoas decorrentes do casamento, sangue e adoção". O *Dicionário Chinês Moderno* diz que um parente é "uma pessoa que está relacionada conosco por sangue ou casamento".

No *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*³, parentesco é definido como: 1. Condição ou vínculo dos que pertencem à mesma família, por descendência de sangue, por casamento ou por adoção (ex.: grau de parentesco; parentesco consanguíneo; parentesco por afinidade). 2. Qualidade de parente.

Embora as três expressões sejam diferentes, não há diferença substancial entre elas. Por conseguinte, o parentesco é a forma de se dirigir a pessoas que são parentes de alguém.

Em Chinês, as formas de tratamento de parentesco são referidas como parentes e não parentes; o primeiro grupo é utilizado entre familiares, enquanto o segundo é utilizado em interações sociais. 爸爸 *Pai*, 妈妈 *Mãe* é apenas um termo de tratamento entre familiares; 叔叔 *Tio* e 大哥 *Irmão mais velho* podem ser usados como um termo de tratamento entre familiares puros e não familiares; ao passo que 阿姨/大妈 *Tia* é um tratamento social e só pode ser usado entre não-parentes.

Dependendo de como ocorre o parentesco, as pessoas dividem os seus familiares entre familiares de sangue e familiares por afinidade, e há uma divisão dos familiares de

² <https://h.bkzx.cn/item/225624?q=%E4%BA%B2%E5%B1%9E%E4%BA%B2%E5%B1%9E%E7%9A%84%E7%A7%8D%E7%B1%BB>

³ <https://dicionario.priberam.org/parentesco>

sangue entre familiares de sangue diretos e familiares de sangue colaterais, e familiares por afinidade entre diretos e colaterais, dependendo se estão diretamente relacionados com eles. O termo ‘familiares diretos de sangue’ refere-se aos familiares que estão diretamente relacionados pelo sangue. Independentemente da linha paterna ou materna, são familiares diretos de sangue, por exemplo, pais e filhos, avós e netos, avós e netos maternos, etc. Familiares de sangue colateral são aqueles familiares que estão indiretamente relacionados entre si, ou seja, que estão relacionados entre si pelo sangue, tais como irmãos e irmãs relacionados com os pais, tios e tias relacionados com os avós maternos e tios e tias relacionados com os avós paternos.

Existem dois tipos de familiares por afinidade, diretos e colaterais: 1. o cônjuge de um familiar de sangue direto é uma afinidade direta, e o cônjuge de um familiar de sangue colateral é uma afinidade colateral. Ao primeiro grupo pertencem, por exemplo, noras e mulheres dos netos, ao segundo pertencem, por exemplo, mulheres dos irmãos mais velhos, maridos das irmãs mais jovens, etc. 2. se as afinidades forem familiares de sangue do cônjuge, o cônjuge é o padrão, familiares diretos de sangue do cônjuge são familiares diretos por afinidade; familiares colaterais de sangue do cônjuge são familiares colaterais por afinidade. Ao primeiro grupo pertencem sogro e sogra; ao segundo pertencem cunhados e cunhadas.

Há menos formas de tratamento de parentesco em Português do que em Chinês, que tem um sistema muito rico e complexo de formas de tratamento de parentesco. Assim, na comunicação intercultural entre chineses e portugueses, as formas de tratamento de parentesco levantam frequentemente alguns problemas. Tomemos como exemplo “o irmão da Ana” ou “a irmã da Patrícia”; em Português, o irmão não é especificamente referido como irmão mais velho ou irmão mais novo, e da mesma forma, a irmã não é especificamente referida como irmã mais velha ou irmã mais nova, mas o Chinês tem um sistema com numerosas formas de tratamento de parentesco, e, no caso da irmã, pode apontar para prima materna mais velha, prima materna mais nova, prima paterna mais velha, prima paterna mais nova etc.

Em Portugal, familiares, amigos e vizinhos são frequentemente chamados pelos seus primeiros nomes, o que é raro na China, onde os chineses geralmente têm alcunhas e muitas vezes chamam os seus familiares ou amigos pelas suas alcunhas e não pelos seus primeiros nomes. Embora o Chinês e o Português sejam tão diferentes nas suas formas de tratamento,

existem adjetivos que são utilizados na comunicação transcultural para distinguir entre estas formas de tratamento formalmente idênticas.

Vejamos:

Quadro 2 – Formas de tratamento de parentesco do Português e do Chinês		
Chinês	Português	Explicação
曾祖父 (母)	Bisavô(ó)	Avô(ó) do pai
曾外祖父 (母)		Avô(ó) da mãe
祖父 (母)	Avô(ó)	Avô(ó) paterno(a)
外祖父 (母)		Avô(ó) materno(a)
公公	Sogro	Pai de marido
岳父		Pai de esposa
婆婆	Sogra	Mãe de marido
岳母		Mãe de esposa
干爸	Pai nominal	
干妈	Mãe nominal	
大伯	Tio	Irmão mais velho do pai
叔叔		Irmão mais novo da mãe
舅舅		Irmão da mãe
姑父		Marido da irmã do marido
姨夫		Marido da irmã da esposa
大娘		Mulher do irmão mais velho do pai
婶婶	Mulher do irmão mais novo do pai	
舅母	Mulher do irmão da mãe	
姑姑	Tia	Irmã do pai
姨妈		Irmã da mãe
堂兄	Primo	Irmão paterno mais velho

堂弟		Irmão paterno mais novo
表兄		Primo materno mais velho
表弟		Primo materno mais novo
堂姐	Prima	Irmã paterna mais velha
堂妹		Irmã paterna mais nova
表姐		Primo materno mais velho
表妹		Primo materno mais novo
儿媳	Nora	Mulher do filho
女婿	Genro	Marido da filha
侄子	Sobrinho	Filho do irmão
外甥		Filho da irmã
侄女	Sobrinha	Filha do irmão
外甥女		Filha da irmã

Nesta tabela, enumerámos apenas algumas das palavras que usamos na nossa vida quotidiana, mas não incluímos termos como 大伯子 *irmão mais velho de marido*, 小叔子 *irmão mais novo de marido*, 小姨子 *irmã mais nova de mulher*, 妯娌 *mulher do irmão de marido*, etc., o que tornaria mais confuso imaginar como os ocidentais usam o seu simples sistema de formas de tratamento para se referirem a tantos nomes; talvez não tenham uma compreensão tão complexa da palavra ‘parente’ como nós, chineses, temos.

O vasto sistema de parentesco em Chinês é muito diferente do existente no Ocidente, e, em geral, os vários tratamentos de parentesco podem ser divididos em quatro categorias:

1. a família nuclear: constituída por pai, mãe, filhos e irmãos.
2. extensões da família nuclear: a extensão superior inclui os avós; a extensão inferior inclui netos; a linha colateral inclui irmãos e primos nas linhas paterna e materna.
3. parentesco: constituído por sogro, sogra, genro e nora.
4. parentesco civil: relações de parentesco definidas por lei, tais como entre um padrasto, uma madrasta e um enteado, ou entre um pai adotivo e uma criança adotada.

Como a sociedade chinesa é tradicionalmente uma sociedade patrilinear, as relações de parentesco também podem ser divididas em: parentes patrilineares, parentes matrilineares, parentes do marido e da esposa. Esta distinção está também refletida no quadro acima apresentado.

Isto deve-se ao facto de na Língua Chinesa os diversos tratamentos de parentesco fornecerem informação clara sobre se os parentes são originários da linha paterna ou da materna, se são de idade superior ou inferior, se provêm da linha direta ou colateral e se são parentes de sangue ou por afinidade. Em contraste, os tratamentos de parentesco em Português são mais vagos e não dão muita informação. Assim, as formas de tratamento chinesas de parentesco são principalmente descritivas, enquanto as formas de tratamento de parentesco portuguesas são mais gerais. Os chineses atribuem grande importância ao parentesco, geração, idade e sexo, enquanto em Português apenas o sexo e a geração são especificados. A partir disto, podemos fazer a seguinte comparação:

Quadro 3 – Características das formas de tratamento de parentesco do Português e do Chinês				
Características Língua	Paterno/ materno	Direto/ colateral	Idade	Geração e respeito
Português	Não	Não	Não	Sim
Chinês	Sim	Sim	Sim	Sim

As razões para as diferenças entre os dois sistemas residem nas diferenças de língua, história, cultura, tradição, conceito e ideologia. O sistema de família chinês tem origem no *sudanese kinship* (Jiang, 2018, p. 59), que é o mais complicado de todos os sistemas de parentesco. Mantém uma designação distinta para quase todos os parentes do *Ego*, com base na sua distância do *Ego*, na sua relação, e no seu género. O pai do *Ego* é distinguido do irmão do pai do *Ego* e do irmão da mãe do *Ego*. A mãe do *Ego* distingue-se igualmente da irmã da mãe do *Ego* e da irmã do pai do *Ego*. Para os primos, há oito termos possíveis. Assim, quase todos os parentes do *Ego* são rotulados individualmente, de acordo com a sua distância do *Ego*, parentesco e género; a origem do sistema português é o *eskimokinship* (Jiang, 2018, p. 59), sistema utilizado para definir a organização familiar em antropologia, que apenas se aplica à família nuclear, sendo os membros da família não nuclear tratados em geral.

Há muitas razões para estas diferenças, incluindo as origens linguísticas e as tradições culturais. A cultura tradicional chinesa é fortemente influenciada pelo confucionismo e, como resultado de milhares de anos de feudalismo e de uma sociedade patriarcal, levou a uma forte ênfase nos laços familiares e a uma ordem hierárquica rigorosa em que as pessoas mais velhas são mais respeitadas do que as mais jovens e os homens são mais respeitados do que as mulheres. É por isso que os familiares paternos são também referidos como parentes internos (内亲) e os familiares maternos como parentes externos (外戚). Obviamente, os parentes internos são também mais respeitadas do que os parentes externos. Os tratamentos de todos os membros da família estão estritamente divididos, descrevendo claramente as origens de cada pessoa.

Portugal difere da China na medida em que a cultura portuguesa recebeu a influência do pensamento renascentista e ocidental e foi liderada pelo capitalismo durante grande parte da sua existência. Em contraste, o feudalismo na China só foi gradualmente substituído a partir do século XX. Influenciadas pela Renascença, existem semelhanças nas culturas ocidentais: a importância da autoestima em vez da confiança nos valores familiares; o respeito pelos direitos individuais em vez das obrigações familiares; a importância da família central e a ênfase na relação conjugal dentro dela, que é precisamente o oposto da China, onde é dada maior importância à relação filial dentro da família central; bem como o respeito pela igualdade de género; e a igualdade de pessoas de diferentes gerações. Devido ao elevado valor atribuído às relações de igualdade, os portugueses não têm uma visão tão forte da família ou dos laços familiares como os chineses.

Ao mesmo tempo, estes tratamentos em Chinês distinguem-se também por uma designação de frente, que é um tratamento frontal, e uma designação costal, que é um tratamento pelas costas. Por exemplo, um marido refere-se ao irmão da sua mulher como 小舅子 *cunhado*, mas na comunicação presencial, 小舅子 *cunhado* não é usado, e o marido refere-se geralmente ao irmão da sua mulher pelo nome ou irmão, por isso 小舅子 *cunhado* é um tratamento pelas costas e o seu nome é um tratamento frontal.

Há também uma forma de tratamento especial em Chinês utilizada em famílias especiais, em que os pais voltaram a casar, e a forma como os filhos adultos se dirigem ao padrasto e à madrasta é muitas vezes uma questão sensível para uma família que voltou a casar. Alguns filhos adultos recusam-se a chamar "pai" ou "mãe" ao padrasto e à madrasta

para o resto das suas vidas, e geralmente dizem "tia" ou "tio", no máximo. Isto serve para mostrar que não reconhecem o facto de os seus pais terem voltado a casar. Se um filho adulto chama "mãe" ou "pai" à sua madrasta ou padrasto, isto é uma indicação de que reconhecem a nova relação familiar. Por conseguinte, as formas de tratamento nunca são apenas uma questão de chamamento.

2.1.1.1 O uso alargado das formas de tratamento de parentesco

Fei Xiaotong, no seu livro *From the Soil*, oferece uma visão teórica da estrutura social e das relações interpessoais na sociedade chinesa tradicional, quando afirma: "No padrão da ordem diferencial, as relações sociais são gradualmente transmitidas de uma pessoa para outra, são alargamentos das relações privadas, e a esfera social é uma rede formada a partir de laços privados". O autor argumenta que a sociedade vernacular chinesa é essencialmente uma sociedade de conhecidos, e que a essência das relações humanas na sociedade chinesa é uma ordem de parentesco universalizada.

A utilização de tratamentos de parentesco como uma extensão dos tratamentos sociais é um fenómeno muito especial na China. Nas línguas ocidentais, é muito raro que as relações sociais sejam tratadas como relações de parentesco. Já mencionámos a importância do conceito de família e da harmonia social na cultura chinesa. Por esta razão, utilizamos normalmente tratamentos de parentesco para nos referirmos a não-parentes, o que reduz a distância entre estranhos e mostra proximidade, delicadeza e modéstia.

A utilização do tratamento de parentesco para nos dirigirmos a pessoas que não estão relacionadas conosco ou a estranhos é um fenómeno que incorpora membros não-parentes na rede de relações de parentesco (por exemplo, 爷爷 *avô paterno*, 奶奶 *avó paterna*, 伯伯 *irmão mais velho do pai*, 叔叔 *irmão mais novo do pai*, 姨 *tia*, 婶 *mulher do irmão mais novo do pai*, 兄/哥 *irmão mais velho*, 嫂 *mulher do irmão mais velho*, 姐 *irmã mais velha*, etc.). Pan (Pan, 1998, p. 37) resume 16 termos de parentesco que são mais fixos em Chinês falado moderno, respetivamente: 爷 *avô paterno*, 奶 *avó paterna*, 伯 *irmão mais velho do pai*, 叔 *irmão mais novo do pai*, 伯母 *mulher do irmão mais velho do pai*, 妈 *mãe*, 娘 *mãe (na zona rural)*, 婶(儿) *mulher do irmão mais novo do pai*, 姨 *tia*, 哥/兄 *irmão mais velho*,

嫂 *mulher de irmão mais velho*, 姐 *irmã mais velha*, 兄弟 *irmão*, 弟 *irmão mais novo*, 妹 *irmã mais nova*, 姑娘 *filha/menina*.

Por exemplo, pode-se chamar aos estranhos mais velhos 大哥 *grande irmão*, 大姐 *grande irmã*, 大爷 *grande tio*, 大妈 *grande tia*, também se pode chamar 小妹妹 *irmãzinha* ou 小弟弟 *irmãozinho* a estranhos mais novos, e chamar 张姐 *irmã Zhang*, 王婶 *tia Wang*, 李哥 *irmão Li*, etc. às pessoas conhecidas. Em particular, os termos 爷爷 *avô*, 奶奶 *avó* e 叔叔 *tio* tornaram-se termos comuns para os jovens se dirigirem a homens e mulheres mais velhos do que eles. Na *internet*, os tratamentos *irmão* e *irmã* são muito utilizados. Por exemplo: as pessoas costumavam chamar à cantora famosa com traços masculinos chamada Li Yuchun *irmão Chun*; esta alcunha surgiu na *internet*. Existem mais, como: *irmão de solidão*; *irmão Phoenix*, etc. Estas formas podem também ser usadas para referir pessoas que trabalham numa determinada indústria ou que têm certas características, tais como:

的哥	Significado literal: <i>irmão de táxi</i> Significado alterado: <i>motorista de táxi</i>
打工妹	Significado literal: <i>irmãzinha trabalhadora</i> Significado alterado: <i>rapariga trabalhadora</i>
警嫂	Significado literal: <i>cunhada da polícia</i> Significado alterado: <i>mulher da polícia</i> , etc.

Para escolher acertadamente um tratamento de parentesco, podemos seguir (Jiang, 2018, p. 76):

1. Geração e idade

Em situações gerais, a escolha dos tratamentos de parentesco alargado é normalmente determinada pela geração e idade. Se o destinatário for de uma geração superior à do orador, é utilizado o tratamento de parentesco da mesma geração. Por outras palavras, se o destinatário for de uma geração semelhante aos seus avós, o tratamento de parentesco escolhido é 爷爷 *avô*, 奶奶 *avó*, etc. Se ele for da mesma geração que os seus pais, o tratamento escolhido deve ser 叔叔 *tio*, 阿姨 *tia*, etc. Se o interlocutor for da mesma geração, o tratamento é escolhido de acordo com a idade. Neste caso, o tratamento de parentesco utilizado entre irmãos e irmãs é escolhido de

acordo com a idade do interlocutor. Deve-se notar que ao escolher um tratamento para uma pessoa, devemos estar cientes de que quando o interlocutor é do sexo feminino é melhor descer uma geração ou uma classe etária por delicadeza. Por exemplo, se a destinatária for uma mulher mais nova que a mãe do orador, é melhor usar 姐 *irmão*, apelido + *irmão*, 大姐 *grande irmão*, em vez de 姨 *tia*.

2. Intimidade e proximidade

Na maioria dos casos, o objetivo de utilizar tratamentos de parentesco como tratamentos sociais é aproximar o destinatário e aumentar a intimidade. Na vida cotidiana, a fim de os distinguir dos parentes reais, normalmente prefixamos um apelido ou nome ao tratamento para indicar o recetor não-relativo, por exemplo, 张阿姨 *Tia Zhang*, 王叔叔 *Tio Wang*, etc.

Os chineses usam normalmente o tratamento de parentesco para se dirigirem aos seus amigos, bem como aos amigos dos seus pais. Isto serve para mostrar a proximidade da relação e para mostrar respeito pela mesma. Em Português, quando nos dirigimos a estranhos em situações informais, a forma zero é utilizada. Em Chinês, contudo, a forma zero é considerada bastante indelicada. Por conseguinte, podemos evitar o embaraço utilizando o tratamento de parentesco.

3. Contexto da situação

O tratamento de parentesco é mais aplicável em ambientes informais. Em situações formais, usamos os tratamentos profissionais e cerimoniosos já descritos.

4. Estatuto social do destinatário

O estatuto do destinatário também tem um impacto na escolha das formas de tratamento. Ao abordar um assunto com alguém que tem um baixo nível de educação e cuja profissão também não faz parte de uma classe social elevada, não é aceitável abordá-lo diretamente com um tratamento de profissão. Por delicadeza, é melhor usar o tratamento do parentesco. Por exemplo, ao designar uma porteira, é melhor utilizar o tratamento de parentesco, como "tia porteira", do que o tratamento de profissão.

Em Português, é raro tratarmos outras pessoas que não estão relacionadas usando um tratamento de parentesco. No entanto, por vezes, "filho" e "filha" podem ser usados por não-pais. "Filha" pode ser utilizado em relação aos amantes, entre marido e mulher, ou amigos, ou por pessoas mais velhas para se dirigirem a pessoas mais

jovens. Em Chinês, não há uso equivalente, uma vez que apenas os pais podem usar "filho" e "filha" para se dirigirem aos seus filhos, outros casos são considerados rudes.

"O uso alargado de tratamentos de parentesco para nos referirmos a pessoas que não estão relacionadas pode ser inicialmente um fenómeno temporário, mas através do uso repetido pelas pessoas, ou seja, através da socialização, os tratamentos de parentesco passaram a ter um significado e uso generalizados" (Zhao, n.d.)⁴. A generalização dos tratamentos de parentesco chineses é um produto do antigo sistema de clãs chinês, que fez com que o povo chinês prestasse especial atenção aos laços de parentesco.

Em suma, as relações interpessoais tradicionais do povo chinês são de facto uma rede de relações com as Cinco Virtudes como núcleo e o parentesco como ligação, expandindo-se para fora da ordem de parentesco (Zhao, n.d.). As relações feudais de produção e de sangue há muito estabelecidas na China têm sido fortemente coloridas por relações de sangue patriarcais, e o confucionismo, com a sua ordem ritualística de respeito pela inferioridade e superioridade, tem permeado a vida da sociedade como um todo. Apesar das mudanças fundamentais na estrutura da nossa sociedade atual, a cultura como tradição tem uma continuidade inigualável. Por outras palavras, o fenómeno da generalização dos títulos de parentesco, que é muito comum hoje em dia, é um fenómeno de longa data, que é uma acumulação de história.

2.1.2 Formas de tratamento sociais

Se as formas de tratamento de parentesco são relativamente fixas – “Pai” é “Papá”, e não se pode deixar de lhe chamar “Papá” para lhe chamar outra coisa –, as formas de tratamento sociais são flexíveis e podem ser escolhidas. O mesmo ministro chamado 张三 *Zhang San* só pode ser chamado *Ministro Zhang* pelo novo secretário no seu gabinete, 老张 *Velho Zhang* pelos seus antigos colegas e 小张 *Pequeno Zhang* pelos seus superiores. Os termos sociais mudam de acordo com o estatuto.

⁴ <https://www.xzbu.com/9/view-4863356.htm>

2.1.2.1 Tratamento de profissão e de título

Há duas categorias no sistema de formas de tratamento nominais: profissão e título. Estes incluem títulos acadêmicos, políticos, civis, militares, religiosos, nobiliárquicos e honoríficos. Os títulos profissionais podem ser “professor”, “engenheiro”, “médico”, etc.

Em Português, os nomes das profissões não podem ser usados como meros tratamentos. Devem ser combinados com tratamentos como “senhor” e “senhora”. Por exemplo: “o(a) Senhor(a) + nome de profissão”, ou “Vossa Excelência + (Senhor(a) + nome de profissão)”, etc.

Em Chinês, nem todas as formas de tratamento profissionais podem ser utilizadas como tratamentos. Em geral, apenas algumas profissões com qualificações acadêmicas elevadas (tais como médicos, professores, engenheiros, juízes, advogados, jornalistas, etc.) podem ser utilizadas como tratamentos de profissão. No entanto, não é permitido o uso de formas de tratamento profissional não especificadas (por exemplo, funcionário) como tratamento. A fim de se dirigir a um profissional com um baixo nível de educação, é preferível utilizar outras formas de tratamento, tais como um tratamento comum, o tratamento de parentesco com uso prolongado, etc.

Os tratamentos de profissão no contexto chinês podem assumir as seguintes formas:

1. Nome de profissão ou função diretamente (医生 *médico*)
2. Apelido + Nome de profissão ou função (陆医生 *médico Lu*)
3. Nome completo + Nome de profissão ou função (陆雄医生 *médico Lu Xiong*)

(Jiang, 2018, p. 68)

Os títulos também são frequentemente considerados como pertencendo à categoria de formas de tratamento cerimoniais, uma vez que este tipo de tratamento demonstra maior respeito. Em Português, os títulos são títulos acadêmicos, políticos, civis, militares, religiosos, nobiliárquicos e honoríficos. Tal como com os tratamentos profissionais, os títulos como formas de tratamento não podem ser utilizados isoladamente. Devem ser utilizados em combinação com "senhor(a)".

Podemos concluir que a maneira de usar o tratamento de título é a seguinte: “o Senhor + Título acadêmico (Dr./Arq.º/Eng.º/Professor) + Nome Próprio + Nome de família; a

Senhora + Título acadêmico (Dr.^a/Arq.^a /Eng.^a/Professora) + Nome Próprio + Nome de família”. No entanto, notamos que ainda existem diferenças para designar o destinatário dos diferentes sexos. Na prática, é mais comum designar os homens com a forma “senhor + título + apelido” e as mulheres com “senhora + título + nome próprio”(Jiang, 2018, p. 68).

Em Chinês, há também vários tipos de títulos utilizados como formas de tratamento. No entanto, por ser tão diferente do Português, os chineses normalmente só usam um título após um apelido ou nome próprio: 马博士 *doutor Ma*, 张老师 *Professor Zhang*, 王厅长 *diretor Wang*, 刘设 (计师) *projetista Liu*, 李女士 *senhora Li*, 赵先生 *senhor Zhao*, etc. Como regra, apenas o título ou profissão que mostre mais respeito é escolhido para seguir o nome ou apelido chinês. Em Português, é comum utilizar títulos múltiplos para designar uma pessoa em situações formais, aumentando o nível de respeito com o acúmulo de títulos, como “Senhor Professor Doutor Carlos”. No entanto, numa tradução literal para o Chinês, como 卡洛斯先生博士教授, tal tratamento não está de acordo com as convenções linguísticas da Língua Chinesa. Neste caso, “Senhor Professor Doutor Carlos” corresponderia a 卡洛斯博士 *Dr. Carlos* ou 卡洛斯教授 *Prof. Carlos*. Relativamente a 卡洛斯先生 *Sr. Carlos*, não serve para expressar bastante respeito, pelo que não deve ser usado. Em Chinês, temos, em geral, três estruturas para usar os tratamentos de título: 1. O título, (*professor*) 2. Apelido + título (*professor Wang*) 3. Nome completo + título (*professor Wang Yuanzhi*)

Outro fenômeno particular na Língua Chinesa é que se costuma usar o tratamento mais elevado. Se o título ou profissão do destinatário inclui o prefixo *vice* (副), no tratamento facial, omite-se sempre o “vice” antes do título ou profissão. Em Português, não há este costume (Jiang, 2018, p. 69).

2.1.2.2 Tratamento cerimonioso

As formas de tratamento cerimonioso são mais um reflexo do respeito, reverência e delicadeza do emissor. Em Chinês, existe outra categoria que expressa uma atitude semelhante, nomeadamente 谦词, cujo significado literal é “palavras modestas”. Este tipo

de tratamento personifica tanto o respeito como a humildade, ou seja, baixa-se o estatuto de um para, assim, elevar o estatuto do outro.

Conforme o quadro apresentado por Jiang (2018, p. 70), em Português, as formas de tratamentos que mostram mais delicadeza são as seguintes:

Quadro 4 – Formas de tratamento cerimoniais		
Abreviatura	Tratamento	Explicação
V. A.	Vossa Alteza	Príncipes, arquiducos, duques
V. Em. ^a	Vossa Eminência	Cardeais
V. Ex. ^a	Vossa Excelência	No Brasil: altas autoridades do governo e oficiais generais das Forças Armadas; em Portugal: qualquer pessoa a quem se quer manifestar grande respeito.
V. Mag. ^a	Vossa Magnificência	Reitores das universidades
V. M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V. Ex. ^a Rev. ^{ma}	Vossa Excelência Reverendíssima	Bispos e arcebispos
V. P.	Vossa Paternidade	Abades, superiores de conventos
V. Rev. ^a V. Rev. ^{ma}	Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima	Sacerdotes em geral
V. S.	Vossa Santidade	Papa
V. S. ^a	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil e na popular de Portugal, pessoas de cerimónia.

Para uma repartição mais detalhada de acordo com as diferentes áreas:

Quadro 5 – Tratamentos correspondentes às diferentes categorias
--

FT Categoria	Cargo	Tratamento	Abreviatura singular	Vocativo
Autoridades Universitárias	Reitores	Vossa Magnificência; Vossa Excelência	V. Mag. ^a / V. Maga.; V. Ex. ^a / V. Exa.	Magnífico Reitor; Excelentíssimo Senhor Reitor
	Vice-reitores	Vossa Excelência	V.Ex. ^a / V. Exa.	Excelentíssimo Senhor Vice-Reitor
	Assessores; Pró-Reitores; Diretores; Coord. de Departamento	Vossa Senhoria	V. S. ^a / V. Sa.	Senhor + cargo
Autoridades Judiciárias	Auditores; Curadores; Defensores Públicos; Desembargadores; Membros de Tribunais; Presidentes de Tribunais; Procuradores; Promotores	Vossa Excelência	V. Ex. ^a / V. Exa.	Excelentíssimo Senhor + cargo
	Juízes de Direito	Meritíssimo Juiz; Vossa Excelência	M. Juiz; V. Ex. ^a / V. Exas.	Meritíssimo Senhor Juiz; Excelentíssimo Senhor Juiz
Autoridades Militares	Oficiais Gerais (até Coronéis)	Vossa Excelência	V. Ex. ^a / V. Exa.	Excelentíssimo Senhor
	Outras Patentes	Vossa Senhoria	V.S. ^a / V. Sa.	Senhor + patente

Autoridades Eclesiásticas	Arcebispos	Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex. ^a Rev. ^{ma} / V. Exa. Revma.	Excelentíssimo Reverendíssimo
	Bispos	Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex. ^a Rev. ^{ma} / V. Exa. Revma.	Excelentíssimo Reverendíssimo
	Cardeais	Vossa Eminência; Vossa Eminência Reverendíssima	V. Em. ^a / V. Ema.; V. Em. ^a Rev. ^{ma} / V. Ema. Revma.	Eminentíssimo Reverendíssimo; Eminentíssimo Senhor Cardeal
	Cónegos	Vossa Reverendíssima	V. Rev. ^{ma} / V. Revma.	Reverendíssimo Cónego
	Frades	Vossa Reverendíssima	V. Rev. ^{ma} / V. Revma.	Reverendíssimo Frade
	Freiras	Vossa Reverendíssima	V. Rev. ^{ma} / V. Revma.	Reverendíssimo Irmã
	Monsenhores	Vossa Reverendíssima	V. Rev. ^{ma} / V. Revma.	Reverendíssimo Monsenhor
	Papa	Vossa Santidade	V. S.	Santíssimo Padre
	Sacerdotes em geral e pastores	Vossa Reverendíssima	V. Rev. ^{ma} / V. Revma.	Reverendo Padre / Pastor
Autoridades Monárquicas	Arquiduques	Vossa Alteza	V.A.	Sereníssimo + Título
	Duques	Vossa Alteza	V.A.	Sereníssimo + Título
	Imperadores	Vossa Majestade	V.M.	Majestade

	Príncipes	Vossa Alteza	V.A.	Sereníssimo + Título
	Reis	Vossa Majestade	V.M.	Majestade
Autoridades Civis	Chefe da Casa Civil e da Casa Militar; Cônsules; Deputados; Embaixadores; Governadores; Ministros de Estado; Presidentes da República; Secretários de Estado; Senadores; Vice-Presidentes de Repúblicas;	Vossa Excelência	V.Ex. ^a / V. Exa.	Excelentíssimo Senhor + Cargo
	Demais autoridades não contempladas com tratamento específico	Vossa Senhoria	V.S. ^a / V. Sa.	Senhor + Cargo

Como podemos ver, é muito difícil para os chineses identificar as abreviaturas dos tratamentos, tanto em tratamentos dos cargos a que correspondem como em tratamentos da sua aplicação.

Em Chinês contemporâneo, os tratamentos cerimoniais podem ser divididos em tratamentos de reverência e tratamentos de modéstia.

Na área do tratamento de reverência, as formas mais usadas são (Jiang, 2018, p. 73):

1. 老 *Velho* + Apelido:

老王 *Velho Wang/ Senhor Wang*

老李 *Velho Li/ Senhor Li*

2. Apelido + 老 *Velho*:

李老 *Senhor Li*

叶老 *Senhor Ye*

3. Apelido + 公 *senhor*:

周公 *Senhor Zhou*

叶公 *Senhor Ye*

4. Uso especial de certos tratamentos:

先生 *Senhor/ Senhor Professor Doutor*

夫人 *Senhora*

老师 *Professor*

阁下 *Vossa Excelência*

5. Prefixos de reverência + formas de tratamento:

Os prefixos são: 贵 *nobre*, 尊 *reverente*, 令 *seu*, 贤 *moral*, 高 *alto*, 仁 *bondoso*, 大 *grande*, 严 *severo*, 慈 *misericordioso*:

贵公子 *seu nobre filho*

尊夫人 *sua reverente esposa*

贤弟 *irmão moral*

仁兄 *irmão bondoso*

令严 *seu severo pai*

令慈 *sua misericordiosa mãe*

O nível de respeito expresso pelos prefixos acima mencionados cresce, por sua vez. Entre estes, 阁下 *Vossa Excelência* é sobretudo utilizado na forma escrita. Deve ser utilizado com cautela na comunicação verbal, em consequência de poder ser visto como um tratamento sarcástico.

Conforme referido no parágrafo inicial, a modéstia é uma característica muito especial do tratamento em Língua Chinesa. De acordo com as características da delicadeza chinesa, a modéstia foi sempre muito valorizada na cultura chinesa. Exprime-se diminuindo sempre

o estatuto do orador para elevar o estatuto do ouvinte. Hoje em dia, os tratamentos humildes mais frequentemente utilizados são os seguintes (Jiang, 2018, p. 74):

1. Para diminuir a posição, capacidade e estatuto social do locutor:

鄙人 *rústico eu*

不才 *incapaz eu*

在下 *inferior eu*

2. Para baixar a geração do locutor:

晚辈 *eu de geração inferior*

学生 *eu como estudante*

3. Prefixos de modéstia + tratamentos:

Os prefixos são: 家 *da minha família*, 舍 *da minha casa*, 小 *pequeno*, 愚 *tolo*, 拙 *grosseiro*, 鄙 *rústico*, 卑 *malnascido*, 贱 *pobre*:

家父 *meu pai da minha família*

舍弟 *meu irmão da minha casa*

小女 *minha pequena filha*

愚夫 *meu tolo marido*

拙荆 *minha grosseira mulher*

A utilização destas formas de tratamento é limitada ao próprio nome do orador e não pode ser usada para se referir a outras pessoas, pois é não só indelicada como abusiva para a pessoa referida.

2.1.2.3 Formas de tratamento comum

O tratamento comum é uma forma de tratamento que pode ser usada em muitas situações, quer entre desconhecidos ou estranhos, quer para tratar as pessoas que não precisam de tratamento mais específico (Yi, 2016, p. 54).

Em Chinês, os termos mais utilizados são 师傅 *mestre*, 医生 *médico* ou 大夫 *doutor*, 老师 *professor*, etc. Na Língua Chinesa, 师傅 *mestre* assume frequentemente três

significados: (1) pode ser usado no sentido tradicional de uma pessoa mais velha que transmite conhecimentos; só é usado para mestres do sexo masculino mais velhos, do mesmo ofício; (2) num sentido modesto, pode ser usado para se referir a trabalhadores que operam em fábricas de produção; (3) *mestre* é considerado um tratamento muito comum, usado da mesma forma que "camarada" era usado antes dos anos 70. Quando se está a caminhar na rua e não se consegue encontrar o lugar que se procura, é preciso perguntar a alguém que se conhece a direção.

Mestre, doutor e médico são geralmente usados para nos referirmos aos trabalhadores médicos; no entanto, *doutor e médico* são também usados para referir pessoas que trabalham na profissão médica, tais como farmacêuticos, enfermeiros e outras pessoas que trabalham em hospitais. O termo *professor* é geralmente usado para referir o pessoal das escolas, faculdades e universidades; contudo, *professor* tornou-se agora um tratamento genérico para todo o sistema de trabalho científico. Os três títulos acima mencionados são amplamente utilizados na sociedade chinesa para expressar respeito pela pessoa que faz o trabalho em questão; podem ser utilizados sozinhos ou em conjunto com um apelido ou nome completo. Por exemplo: 李大夫 *doutor Li*, 王老师 *professor Wang*, 恐龙师傅 *mestre Kong Long*, 王二大夫 *doutor Wang Er*, 张三老师 *professor Zhang San*.

Em Chinês existem também outras formas de tratamento, tais como *motorista, carteiro, porteiro, enfermeiro, polícia, vendedor e empregado*, mas estes tratamentos não são tão comuns quanto os três acima mencionados, principalmente porque não mostram respeito pela pessoa que os ouve; no uso quotidiano, anexamos frequentemente as seguintes palavras a estes tratamentos: *camarada, mestre, tio, tia*, etc., que são mais aceitáveis.

Em Português, estas formas de tratamento que denotam profissões raramente são utilizadas na vida quotidiana, exceto em determinadas profissões, como juízes, altos funcionários do governo, oficiais militares, pessoal médico, médicos, professores e líderes religiosos; muitas vezes, incluem o nome ou o nome completo da pessoa a quem se dirige (por exemplo, Juiz Ana, Congressista Maria, Dr. Brown, Professor João); a maioria pode ser utilizada individualmente, exceto "doutor". Em Português, "doutor" tem um significado muito diferente; quando usado isoladamente, refere-se frequentemente a alguém que concluiu um doutoramento. Outros termos profissionais como "empregado de mesa", "vendedor", "limpador", etc. também podem ser utilizados por conta própria, mas, como em Chinês, não mostram respeito pela pessoa que os ouve.

Em Português europeu, são cinco os tratamentos comuns que mais ocorrem: "senhor", "senhora", "dona", "menino" e "menina". O uso de "senhor/senhora" é um pouco complexo. "Senhor" foi usado para designar reis em tempos antigos. Mais tarde, o uso foi gradualmente alargado a toda a nobreza e alto clero; só no século XVIII e depois é que "senhor" se tornou o honorífico formal para os homens. A forma feminina é "senhora". Hoje em dia, "senhor" e "senhora" são termos utilizados para abordar um homem ou uma mulher na vida quotidiana. Pode ser utilizado com flexibilidade entre conhecidos e estranhos em situações formais e na ausência de intimidade. "Senhor" e "senhora" são formas de expressar o respeito de uma pessoa por outra, sendo, portanto, uma forma de delicadeza. A vantagem desta forma de tratamento é que não faz distinção entre classes sociais e pode, por isso, ser utilizada sem ter em conta a educação ou o estatuto social das pessoas.

Segundo Lešková (2012, p. 17), também se usa nas formas seguintes:

- (1) com nome próprio (o senhor Manuel, a senhora dona Maria)
- (2) com apelido (o senhor Carvalho)
- (3) com título académico (a senhora doutora)
- (4) com título profissional (o senhor engenheiro)
- (5) ou com título honorífico (o senhor presidente)

Já o referimos, "o(a) senhor(a)" também pode ser usado em combinação com um cargo ou título académico, honorífico, de categoria ou outro, por exemplo: "o Senhor Presidente", "o Senhor Professor", "o Senhor Doutor", "o Senhor Padre", "o Senhor Engenheiro", etc. "Senhor" também pode ser seguido de um nome e/ou apelido, um tratamento de profissão ou um título académico, político ou civil, militar ou religioso. Neste caso, no entanto, é necessário que a exposição seja acompanhada de condições adicionais. Elementos como o estatuto social e a idade do recetor, o grau de intimidade entre os interlocutores e a natureza formal do diálogo devem ser ponderados com cuidado. Das várias combinações de formas acima enumeradas, a que apresenta maior formalidade e respeito é a forma conjunta com o título. A forma de tratamento "o senhor + apelido ou nome próprio" só é utilizada entre conhecidos e interlocutores próximos. De facto, o tratamento "senhor(a)" é utilizado com frequência crescente, mas "a senhora", quando não acompanhada de um título académico ou honorífico, etc., deve ser evitada. Em Portugal, "Senhora Maria" mostra menos delicadeza do que "Senhora Dona Maria".

Segundo Cunha & Cintra (1986, p. 295), o termo "Dona" é definido como um tratamento que "pode referir-se a uma senhora de qualquer classe social". No entanto, não é tão fácil de usar como pode parecer, em comparação com a palavra "Senhora". A etiqueta depende da relação entre os interlocutores e da idade do destinatário. Se o recetor tiver a mesma idade que o orador, pode referir-se a ela como "Senhora"; se o recetor for mais velho, o orador pode referir-se a ela como "Senhora Dona" ou simplesmente "Dona", dependendo dos diferentes costumes de diferentes regiões. Geralmente, "Senhora Dona" é considerado mais educado do que simplesmente "Dona".

Em relação aos dois últimos tratamentos, "menino" e "menina", são utilizados entre interlocutores da mesma idade ou por uma pessoa mais velha para se dirigir a um destinatário mais jovem. Quase todos os recetores não casados podem ser abordados desta forma. No entanto, quando a idade do destinatário atinge um determinado ponto, ou seja, quando o destinatário já não é jovem, é necessário alterar os tratamentos para "senhor" e "senhora".

2.2 Formas de tratamento pronominais

Em Português existe um sistema muito complexo de tratamentos pronominais. Ao contrário do Chinês, em que existem apenas pronomes pessoais de sujeito. Os pronomes pessoais de sujeito, de complemento direto, de complemento indireto, assim como de outros complementos em Português correspondem, em Chinês, na sua totalidade, aos pronomes pessoais de sujeito em combinação com outras frases.

Em Português temos:

1. pronomes pessoais de 1.^a pessoa

Os pronomes pessoais de 1.^a pessoa referem o falante, no singular (*eu*), e um grupo que inclui o falante, no plural (*nós*).

no singular: *eu* (pronome nominativo)

me (pronome acusativo/dativo)

mim/comigo (pronome oblíquo e pronome oblíquo especial usado com a preposição *com*)

Exemplos: *Eu sou o vosso professor.*

Por que me perguntas?

Para mim, não há diferença.

Vem comigo.

A 1.^a pessoa pode incluir o destinatário a quem o orador se dirige com a sua declaração. A utilização do plural da primeira pessoa neste caso é inclusiva; caso contrário, é considerada exclusiva.

no plural: *nós/a gente*

nós (pronome nominativo/obliquo)

nos (pronome acusativo/dativo)

connosco (pronome obliquo especial usada com a preposição *com*)

Exemplos: *Nós somos amigos.*

O bolo é para nós.

Deu-nos uma oportunidade.

Vem connosco.

Gramaticalmente, *a gente* tem o mesmo significado que um pronome plural de primeira pessoa (*nós*) em contextos informais. Por exemplo: *A gente gostaria de comprar o teu produto. / Nós gostaríamos de comprar o teu produto.* Na norma padrão, o uso da 3.^a pessoa singular é recomendado (cf. os exemplos acima) porque, formalmente, *gente* é um substantivo feminino singular, que é formalmente a 3.^a pessoa singular. No entanto, é de notar que na língua falada é possível ter duas formas de utilização: *A gente temos tanta prática, que a gente sabe.* A norma padrão recomenda o singular feminino, mas, na língua falada, tanto o masculino como o plural são também frequentes: *A gente ficam, ao fim de anos, estragados* (Raposo et al., 2013, p. 2707).

Uma mudança lexical semelhante pode ser usada com o substantivo coletivo *a malta*, mas é menos comum.

Relativamente a *nós*, em certos contextos formais, alguns escritores ou oradores usam a forma *nós* para se referirem a si próprios, em vez de *eu*. Em contextos científicos, isto é, quando utilizados pelos autores de dissertações de mestrado e teses de doutoramento, a semântica é singular.

Originalmente, *nós* era uma forma utilizada por reis e altos funcionários da igreja para expressar humildade, com a conotação de unidade entre o rei e o povo ou a igreja e os fiéis. Foi utilizada em tempos posteriores como um "símbolo de grandeza e poder".

2. pronomes pessoais de 2.^a pessoa

no singular: *tu* (pronome nominativo)

te (pronome acusativo/dativo)

ti (pronome oblíquo)

contigo (pronome oblíquo especial usado com a preposição *com*)

Exemplos: *Tu* deves comer mais.

Não podemos dar-te o livro.

Pensei muito em ti.

Vamos à praia contigo.

Quando os interlocutores são conhecidos ou quando existe uma relação próxima (entre parentes, amigos ou colegas), geralmente, *tu* é usado para alguém se referir ao outro. (Exemplo: *Um deputado: - Olha o que fizeste no Ministério da Agricultura! Orador: - "O que fizeste" não! O que fez! O senhor não me conhece de parte alguma e não lhe admito que me trate por tu.* (Raposo et al., 2013, p. 2709) Existe uma expressão em Português, *tu cá tu lá*, que indica o grau de familiaridade ou proximidade entre duas pessoas, numa conversa: *Eles são nossos amigos, somos tu cá tu lá com eles.*

A utilização de *tu* também pode não ser recíproca, isto é, os dois interlocutores podem não se dirigir necessariamente um ao outro como *tu*. Em geral, existem assimetrias na utilização de *tu* no que diz respeito a diferenças de idade e geração ou convenções familiares e sociais. Avós, pais, tios, parentes e anciãos podem usar *tu* para se dirigirem a netos, filhos, sobrinhos e sobrinhas, bem como a crianças e jovens de grau inferior, mas não *tu* para se dirigirem a avós, pais, tios ou outros parentes e anciãos de grau superior, ou entre amigos e colegas que têm uma clara diferença em termos de idade e estatuto hierárquico. Pessoas de idade semelhante ou muito próximas umas das outras são frequentemente referidas como *tu*, tais como marido e mulher, irmãos, primos, amigos e colegas.

Curiosamente, *tu* também tem um significado impessoal e pode representar um grupo de pessoas com um significado geral vago: *Estudar na biblioteca requer autodisciplina, e, sempre que tu entras, precisas de observar o que dizes e fazes.*

Pronome: *você* (pronome nominativo)

o/a (pronome acusativo)

lhe (pronome dativo)

você/si (pronome oblíquo)

consigo (pronome oblíquo especial usado com a preposição *com*)

Exemplos: *Olá, Daniel, como está você?*

Se encontrar o livro, envie-o para mim.

Ele deu-lhe uma palmada.

Compre um para si também.

Eles vão jogar consigo.

Relativamente aos pronomes acusativo *o/a* e dativo *lhe*, às vezes, sem conhecermos o contexto, não conseguimos saber quem ou que coisa os pronomes designam. Notámos, também, que existem dificuldades inerentes ao uso dos pronomes oblíquos *si* e *consigo*, de *você*. Eis alguns exemplos:

A Matilde não quer comprar uma saia para si.

O Pedro gosta de ter um cão consigo.

Nestes exemplos, os pronomes podem referir-se ao interlocutor do emissor, o ouvinte da frase, ou ao próprio sujeito. Não podemos confiar apenas nestas frases para fazer um julgamento.

Na língua escrita, *você* é por vezes abreviado em *V*. *Você* é etimologicamente derivado da forma mais antiga do tratamento cerimonioso *Vossa Mercê*. Existe uma outra variante de *Você*, que também evoluiu de *Vossa Mercê*: *Vossemecê*. *Você* concorda com a conjugação do verbo na 3.^a pessoa do singular, mostrando que foi historicamente utilizado como forma nominativa, ou seja, é semanticamente um pronome singular de 2.^a pessoa e gramaticalmente um pronome singular de 3.^a pessoa.

Hodiernamente, em Português Padrão e entre pessoas educadas e mais velhas, o pronome *você* é utilizado para representar a existência de uma relação social simétrica entre o orador e o recetor, por exemplo, colegas de trabalho não íntimos, ou uma relação hierárquica, por exemplo, de patrão para empregado. Para pessoas mais instruídas ou mais velhas, é uma forma de tratamento indelicada, e as pessoas tenderão a usar tratamentos como, por exemplo, “o senhor”, “a senhora”, o nome do interlocutor, etc. em vez daquela forma. Em geral, o pronome *você* não é utilizado para nos dirigirmos a um interlocutor mais velho e de nível social superior.

No entanto, como acontece com muitos outros tratamentos, o pronome *você* é usado como um tratamento que expressa respeito em certas áreas, particularmente em áreas rurais, ou nas classes sociais superiores, e entre familiares e conhecidos (por exemplo, marido e mulher, irmão e irmã, amigos ou conhecidos) ou por pessoas mais velhas que se dirigem a pessoas mais jovens (por exemplo, de pai para filho, de avô para neto etc.). Assim, dependendo dos costumes, pode ser uma forma educada ou imprudente de tratamento.

Como os tempos mudaram e a sociedade mudou, *você* perdeu a sua formalidade na vida quotidiana. Entre grupos menos instruídos, ou entre as gerações mais jovens, o uso de *você* já não se restringe a grupos específicos e é mais amplamente e indiscriminadamente utilizado. Raposo et al. (2013, p. 2712). consideram que “É possível que o uso mais frequente de *você* corresponda à necessidade de suprir a ausência de um pronome de 2.^a pessoa a usar em conversas informais, mas sem intimidade opondo-se, portanto, ao pronome *tu*.”

Por fim, tal como o pronome *tu*, *você* também tem um significado impessoal e pode representar um grupo de pessoas com um significado geral vago.

Pronomes pessoais da 2.^a pessoa do plural: *vós*, *vocês*.

vós (pronome nominativo e oblíquo)

vos (pronome acusativo ou dativo)

convosco (pronome oblíquo especial usado com a preposição *com*)

Exemplos: *Vós* destes o livro ao alunos?

O professor confirmou que vos dá a aula.

Eles estudam convosco.

O uso de *vós* tem diminuído gradualmente no Português Padrão, e mesmo muitos estudantes do Português Língua Estrangeira já não consideram a conjugação de *vós*. *Vós* é geralmente substituído por *vocês*, ou por outros tratamentos nominais, e é usado apenas nos dialetos do centro e norte de Portugal. Além disso, é utilizado na literatura ou em situações formais.

vocês (pronome nominativo)

os/as (pronomes acusativos)

lhes (pronomes dativos)

vocês (pronome oblíquo)

convosco (pronome oblíquo especial usado com a preposição *com*)

Exemplos: *Ontem, onde foram vocês?*

Há longo tempo que não os via, o que andam vocês a fazer?

Dê-lhes o livro, vou pagar depois.

Não podemos jantar sem vocês.

O Pedro quer voltar para casa convosco.

Como plural de *você*, tal como *você*, gramaticalmente, *vocês* é 3.^a pessoa, etimologicamente derivado de *vossas mercês*, e *vocês* é semanticamente ambíguo na ausência de contexto; atente-se, por exemplo, na segunda frase dos exemplos: *Há longo tempo que não os via*. Sem conhecermos o contexto, *os* pode designar *vocês*, ou *eles/elas*.

Vocês é amplamente utilizado em todos os contextos sociais, com diferentes restrições comparativamente à utilização de *você*. No entanto, também pode ser ofensivo quando se dirige a uma pessoa mais velha ou altamente instruída.

Pronomes pessoais de 3.^a pessoa:

ele, ela (pronomes nominativos e pronomes oblíquos)

o, a, os, as (pronomes acusativos)

lhe, lhes (pronomes dativos)

se, si, consigo (formas reflexas)

Exemplos: *Ela não vai ficar muito tempo.*

A mãe permite que o bebé os coma.

Demos-lhes os brinquedos.

Ela acostumou-se.

O Pedro confia sempre em si.

O Pedro gosta de falar consigo.

Em conclusão, “Há diferenças importantes entre os pronomes de 1.^a e de 2.^a pessoa, por um lado, e os pronomes de 3.^a pessoa, por outro. Em primeiro lugar, os pronomes de 1.^a e de 2.^a pessoa referem os interlocutores do discurso (o falante e o ouvinte), e a sua referência varia não só de situação discursiva para situação discursiva, mas também (numa conversa normal) internamente a uma dada situação discursiva, à medida que o papel de falante e de ouvinte vai alternando entre os interlocutores. Em contrapartida, os pronomes de 3.^a pessoa referem entidades do universo do discurso sobre as quais os interlocutores falam, e nesse aspeto funcionam como expressões referenciais, de modo semelhante aos nomes próprios e às expressões definidas.” (Raposo et al., 2013, p. 2715)

Alguns linguistas acreditam que a 3.^a pessoa é um pró-forma porque pode ser substituída por expressões nominativas. Assim, a 1.^a e a 2.^a pessoas não são um pró-forma, porque apontam diretamente para o orador e para o destinatário, em vez de o fazerem como referência. Há também linguistas que rejeitam a 3.^a pessoa, argumentando que essa “pessoa” só se aplica aos participantes numa conversa, ou seja, o orador e o recetor, e Benveniste até usa o termo *não-pessoa* para se referir à forma do pronome na 3.^a pessoa. (Raposo et al., 2013, p. 2715) Em contraste com os pronomes de 1.^a e 2.^a pessoa, os pronomes de 3.^a pessoa não refletem a diferença de identidade entre o interlocutor e a pessoa de quem se está a falar.

Há semelhanças entre os tratamentos pronominais em Português e os tratamentos em Chinês. A primeira pessoa *eu* em Português é o equivalente a 我 em Chinês. E *eu* em Chinês também pode referir-se a *nós* em certos contextos. Por exemplo:

我方代表队即将启程参加亚洲棒球赛。

A nossa equipa partirá em breve para o Torneio Asiático de Basebol.

Neste exemplo, 我方 (*a minha equipa*) significa *a nossa equipa*.

A 2.^a pessoa no plural *Nós* em Português corresponde em Chinês a 我们 e 咱们. Há pouca diferença entre os dois termos, depende das regiões; na área do Sul, os dois são equivalentes, na área do Norte, 我们 designa *eu e outras pessoas não ouvintes*; 咱们 designa *eu e os ouvintes*.

Relativamente à 2.^a pessoa do singular, em Português, *tu* é equivalente a 你 em Chinês, e *você* é equivalente a 您 em Chinês. O uso de *tu* e 你 são quase iguais. A utilização de 你 não tem muitos limites, normalmente usa-se entre amantes, amigos, colegas, conhecidos e pessoas de mesma geração ou idade. Deve-se evitar o seu uso em ocasiões formais, entre estranhos, e com as pessoas mais velhas. Tal como 我 *eu*, por vezes, 你 *tu* também se refere a 你们 *vocês*.

Por exemplo:

你方不能用一个航次将我方所定杂货完全装运。

Vocês não poderão enviar na totalidade a carga geral por nós encomendada numa única viagem.

Portanto, existem diferenças entre *você* e 您. Em Chinês, este tratamento mostra mais respeito, é aceitável o seu uso por pessoas mais velhas e instruídas. Usa-se também no contexto formal, entre estranhos e pessoas de gerações mais antigas e mais velhas. Na área de Pequim, o uso de 您 *você* é mais popular do que o de 你 *tu*; de um modo geral, as pessoas tratam os outros por 您 *você*, caso contrário, são consideradas indelicadas.

Relativamente à 2.^a pessoa no plural, em Chinês temos o plural de *tu*, 你们, mas o plural de *você* 您们, no Chinês padrão, não existe. Vejamos o exemplo:

请您扶稳坐好, 不要把头、手伸出窗外。

Por favor, sente-se firmemente e não ponha a cabeça ou as mãos fora da janela.

飞机即将降落，请您系好安全带，收起小桌板，并把手机调至飞行模式。

Como o avião está prestes a aterrar, por favor, aperte o cinto de segurança, recolha a mesa pequena e coloque o telemóvel em modo de avião.

É evidente que ambos são casos típicos de "uma pessoa que se dirige respeitosamente a muitas pessoas", mas 您们 não é usado em nenhum dos casos. Pode ver-se que a 2.^a pessoa e o plural não devem ser usados em conjunto na língua padrão chinesa moderna.

Como a língua está em constante evolução, a comunidade académica atual está dividida quanto à existência da palavra 您们, e não existe uma conclusão definitiva. Os linguistas que têm uma atitude completamente negativa são representados por Wang Li e Ding Shengshu, e esta opinião é adotada principalmente por dicionários autorizados como o *Dicionário Xinhua*, o *Dicionário Chinês Moderno* e o *Cihai*. No entanto, este formulário ainda pode ser utilizado na oralidade.

Relativamente à 3.^a pessoa, há semelhanças e diferenças entre os dois sistemas linguísticos. Em Chinês, 她 *ela* e 他 *ele* designam especialmente seres humanos, mas também se podem aplicar a coisas ou animais como forma de personificação. Por terem a mesma pronúncia, na oralidade, sem conhecer o contexto, não se consegue distinguir se a pessoa a que se refere é do sexo feminino ou masculino. Para designar uma coisa ou animal, existe o termo 它, como existe em inglês *it*. Esta palavra não indica o género.

2.3. Forma zero de tratamento

A forma zero de tratamento (ou o tratamento verbal) existe nos dois sistemas linguísticos. Uma diferença importante entre o Português e o Chinês é a conjugação verbal, que, em Português, permite determinar a pessoa, mesmo sem o uso de pronomes pessoais. Uma vez que a conjugação verbal não existe em Chinês, não é suficiente determinar o seu sujeito através do verbo na ausência de pronomes pessoais e conhecimento do contexto. Portanto, a forma zero de tratamento parece ser mais amplamente utilizada em Português. Vejamos exemplos:

1. 在学习吗?
2. *Estás a estudar?*

3. *Está a estudar?*

4. *Estão a estudar?*

A mesma frase, em Chinês não indica a quantidade de ouvintes, nem o tipo de relação entre os interlocutores; sem conhecermos o contexto, não sabemos que pessoa(s) está(ão) presente(s) ou ausente(s). Pelo contrário, em Português há mais facilidade de interpretação, a qual depende da conjugação verbal. Observamos que no exemplo 2 os interlocutores têm mais intimidade do que no exemplo 3. A diminuição da intimidade deve-se, provavelmente, a uma diferença de idade ou de estatuto social. No exemplo 4, observamos a existência de um aumento da quantidade de recetores da frase. É fácil perceber que podemos obter mais informações na forma zero de tratamento em Português do que em Chinês.

Conforme já referimos, em Português, às vezes, usa-se, numa enunciação, em vez de *você*, a forma zero de tratamento, para manter a delicadeza. Diferentemente do uso alargado da forma zero de tratamento em Português, a utilização da forma zero de tratamento em Chinês pode ser ofensiva. Entre familiares, amigos, pessoas com muitas intimidades não há problema em usar a expressão. Por exemplo, entre mãe e filha, ou entre amigos de longa data, para abreviar as frases, é comum usar-se: 吃了吗? *Já comeste?* 去哪 *Aonde vais?* 回来了? *Voltaste?*. No entanto, deve evitar-se o uso entre estranhos, pessoas com menos intimidade ou mais velhas. De estudante para professor, usam-se formas nominais ou pronominais – como 老师吃了吗? *O professor comeu?* 您吃了吗? *Você comeu?* 老师, 您吃了吗? *Professor, você comeu?* – em vez da forma zero de tratamento. Portanto, para não causar embaraço ou ofender, é melhor que não se use a forma zero em Chinês.

O Português é uma língua de sujeito nulo, o que significa que o orador usa simplesmente a conjugação do verbo para se referir ao sujeito que quer expressar. Como dissemos nos capítulos anteriores, o plural da 1.^a pessoa é frequentemente utilizado para nos referirmos à primeira pessoa singular em situações escritas como dissertações de mestrado ou teses de doutoramento. O mesmo se aplica à forma zero de tratamento. Alternativamente, a forma zero de tratamento da 1.^a pessoa plural também pode ser usada para referir a 2.^a pessoa, num uso suave, eufemístico ou mesmo sarcástico. Por exemplo, de mãe para filho: "Vamos sair de novo amanhã, vamos?"; de um médico para um paciente: "Agora vamos ver o seu raio X"; de um chefe para um empregado preguiçoso: "Já estamos de férias?"

Como forma neutra de tratamento, a sua utilização generalizada em Português também a torna um fenómeno interessante. Uma vez que, ao contrário dos tratamentos

pronominais e dos tratamentos nominais, a forma zero de tratamento elimina a diferença de estatuto social refletida no tratamento, esta também pode ser utilizada sem causar ofensa quando o orador não tem a certeza de como se dirigir ao destinatário, ou esqueceu o seu nome.

2.4 Vocativo

Ao contrário de outras formas de tratamento, o vocativo é uma categoria especial de tratamento cuja função principal é "chamar"; enquanto as outras refletem mais ou menos o estatuto social e a proximidade, o vocativo serve mais como uma "chamada, interpelação, invocação", assegurando, assim, que o orador inicia uma conversa diretamente com o destinatário. As suas formas são variáveis e a semântica muda com elas. Os tratamentos nominais e pronominais mencionados nos capítulos anteriores podem, quase sempre, ser encontrados sob a forma de vocativos. O vocativo pode ser usado com pessoas de qualquer classe, alta ou baixa patente, em conjunto com formas de saudação, para cumprimentar, ou para expressar súplicas, perguntas, avisos.

O vocativo tem várias funções:

1. sob a forma de um nome, como um sujeito. Por exemplo: *João, vem cá; António, os alunos estão a esperar.*

2. sob a forma de 2.^a pessoa. Por vezes, adiciona-se *ó* antes da 2.^a pessoa do singular *tu*. Por exemplo: *Tu, não faças isso! / Ó tu! Vem cá! / Você, por que não vai mais cedo? / Vocês, não se reúnam aqui. / Eles já saíram, e vós, sigais-lhes!*

3. sob a forma de tratamento nominal. Por vezes, enquanto, gramaticalmente, na 3.^a pessoa, na prática, na 2.^a pessoa. Por exemplo: *Professor, como está? / Irmão, onde estão os meus chinelos? / Minha senhora, já sabe o que deve fazer?*

4. sob a forma de um termo descritivo utilizado para descrever alguma característica do objeto, ou na figura da personificação para descrever objetos não seres humanos. Por exemplo: *Bom dia, loiraça! / A rainha perguntou: Espelho meu, quem é a mais bela de todas?*

5. sob a forma de *pá*, abreviatura de *rapaz*, usada em contextos informais e podendo referir-se a homens e mulheres jovens. Por exemplo: *Pá, estás atrasado outra vez? / Pá, não tens aula amanhã?*

6. sob a forma de um termo carinhoso. Por exemplo: *Minha flor* / *Minha princesa* / *Meu anjo* / *Meu ideal*, etc.

7. sob a forma de um termo insultuoso. Por exemplo: *Vem cá, meu cobarde!* / *Basta, imbecis!* / *Onde está, seu idiota?*

8. como abertura de carta, aviso, etc. Existem tanto formas formais como informais. Por exemplo: (i) *Caros membros da comunidade acadêmica* / *Minha senhora* / *Caro professor*, etc. (ii) *Minha querida* / *meu amor* / *meus queridos pais*, etc.

Como afirma Allen (2019, p. 24), “Os vocativos pertencem a uma categoria formal independente, visto serem assinalados estilisticamente à superfície. A sua função de formulação de um objeto direto encontra-se marcado por [+ênfase].”

Pode-se subdividir o sistema de vocativo como sistema de tratamento em:

Vocativo nominal: *Ó pai!*; *Pedro!*; *Professora!*; *Pá!*; *Ó menina!*, etc.

Vocativo pronominal: *Ó tu!*; *Você!*; *Ó meu!*; *Ó minha!*, etc.

Vocativo verbal: *Vem cá, já! Não vá, então.* (Hammermüller, 2004, p. 6) considera que, nesta forma, *ó* é substituído pelo elemento especial *já, então*)

Evitação de vocativo: ausência de vocativo, quer porque não é utilizado, quer nos casos em que não é possível utilizá-lo.

Finalmente, podemos concluir sobre as características do vocativo o seguinte:

- (i) É um pronome ou uma expressão que é semântica e sintaticamente independente da frase em que se encontra.
- (ii) Separado por pontuação numa frase, para formar uma unidade entoacional, pode indicar uma súplica, uma exortação, uma chamada.
- (iii) Como chamada, normalmente utilizada para iniciar uma comunicação verbal, pode consistir de apenas um elemento e constituir uma conversa em si mesma. (*Táxi!*)
- (iv) É parentético, porque pode aparecer em todas as partes da frase. (*Vem cá, Rita! Rita, vem cá!*; *Olha aqui, Zé, tem um ponto indeterminado.*)
- (v) Usado antes e depois dos verbos, em frases imperativas, (*Zé, vem! Vem, Zé!*), exclamativas (*Pá, está viva!*) e interrogativas (*Onde está, mãe?*)
- (vi) Não acompanhado de um determinante, demonstrativo ou quantificador. (*Olha, João!*)

- (vii) Pode ocorrer em combinação com possessivos e adjetivos. (Meu Deus! Deus meu! Minha querida menina!)
- (viii) Podem ser adicionados modificadores. (Minha senhora linda!)
- (ix) Múltiplos sujeitos podem ocorrer ao mesmo tempo. (Zé, João, Gilda, venham cá.)
- (x) Pode ser seguido por uma forma de tratamento como sujeito. (Amigos, vocês não vão algures?)
- (xi) Pode ser seguido de modificadores. (Zé, amigo meu, não faça isso! Pá, ali sentando, fala algo!)

Em Chinês, um tratamento de caso vocativo é um nome que as pessoas usam para se cumprimentarem pessoalmente. Inclui um grande número dos tratamentos presenciais discutidos acima, bem como alguns tratamentos simples que não fazem parte da terminologia. Existem várias categorias de vocativo: (1) tratamentos de parentesco presenciais mencionados acima. Por exemplo, 爷爷 *avô*, 奶奶 *avó*, 爸爸 *pai*, 妈妈 *mãe*, 哥哥 *irmão mais velho*, 姐姐 *irmã mais nova*, 叔叔 *tio*, 姨妈 *tia*, etc.; (2) tratamentos sociais, incluindo o uso alargado dos tratamentos de parentesco acima mencionados. Por exemplo, 老师 *professor*, 大夫 *médico*, 经理 *gerente*, 营业员 *vendedor*, 团长 *chefe*, 科长 *chefe de secção*, 博士 *doutor*, 大爷 *grande tio*, 大妈 *grande tia*, 大哥 *grande irmão*, 大姐 *grande irmã*, 同志 *camarada*, 师傅 *mestre*, 先生 *senhor*, 小姐 *senhorita*, 小朋友 *miúdo pequeno*, 小鬼 *miúdo*, 壮士 *homem forte*, etc.; (3) vocativos nominais, que são puramente vocativos. Por exemplo, 余华 *Yu Hua*, 老钱 *velho Qian*, 小张 *jovem Zhang*, 贝贝 *Beibei*, etc. Os dois primeiros já foram abordados na discussão dos tratamentos de parentesco e tratamentos sociais, pelo que não trataremos deles aqui.

(a) Composição dos vocativos nominais

Existem sete tipos principais de vocativos nominais:

1. apelido + nome próprio. Por exemplo: 莫言 *Mo Yan*, 钱钟书 *Qian Zhongshu*, 周杰伦 *Zhou Jielun*, 鲁迅 *Lu Xun*, 欧阳震华 *Ouyang Zhenhua*, 欧阳锋 *Ouyang Feng*, etc.

2. "velho", "pequeno" ou "grande" + sobrenome. Por exemplo: 老武 *velho Wu*, 小李 *pequeno Li*, 小张 *pequeno Zhang*, 大拿 *grande Na*, 大天 *grande Tian*, 大梁 *grande Liang*, etc.

3. apelido. Limitado apenas a apelidos compostos (apelido composto de dois ou mais caracteres). Por exemplo: 上官 *Shangguan*, 申屠 *Shentu*, 诸葛 *Zhuge*, 欧阳 *Ouyang*, 司徒 *Situ*, 皇甫 *Huangfu*, etc.

4. nomes próprios. Geralmente limitado a nomes compostos de dois ou mais caracteres, por exemplo 大春 *Dachun*, 显志 *Xianzhi*, 春丽 *Chunli*, 皓然 *Haoran*, 志远 *Zhiyuan*, etc. Quanto a nomes únicos, são geralmente utilizados apenas entre amantes, por exemplo, 春 *Chun*, 志 *Zhi*, 丽 *Li*, 然 *Ran*, 远 *Yuan*, 乐 *Le*, etc.

5. sobreposição de nomes, como em Português *Zeze*. Geralmente utilizado para se dirigir às crianças, e comumente utilizado pelos pais para se dirigirem aos seus filhos. Por exemplo, 文文 *Wenwen*, 迪迪 *Didi*, 远远 *Yuanyuan*, 然然 *Ranran*, 琪琪 *Qiqi*, etc.

6. 小 *pequeno*, 阿 *a* + nome. Geralmente utilizado entre pessoas da mesma geração e colegas, os dois prefixos podem ser sobrepostos. Por exemplo: 小梁 *pequeno Liang*, 阿远 *a Yuan*, 阿伟 *a Wei*, 小阿伟 *pequena a Wei*, etc.

7. um carácter do nome + 儿 *er*, 子 *zi*. Uso popular na região do Norte. Por exemplo: 婷儿 *Ting er*, 杨儿 *Yang er*, 拿子 *Na zi*, 乐子 *Le zi*, 远子 *Yuan zi*, etc.

(b) Formas compostas de vocativo

Existem dois tipos principais de vocativos compostos:

1. vocativos compostos de aposição, ou seja, de várias preposições ou tratamentos combinados, formando uma espécie de estrutura interna de relação apositiva (composta) de tratamento, de várias perspectivas, para se dirigir à mesma pessoa. Existem nove casos de vocativos compostos de aposição, como se segue:

(1) Nome + tratamentos de parentesco de uso alargado. Por exemplo: 袁隆平爷爷 *avô Yuan Longping*, 屠呦呦奶奶 *avó Tu Youyou*, 雷锋叔叔 *tio Lei Feng*, 杨绛奶奶 *tia Yang Jiang*, etc.

(2) Nome + cargo, título, estatuto e outros títulos sociais. Por exemplo: 温家宝总理 *Primeiro-ministro Wen Jiabao*, 杨振宁博士 *Dr. Yang Zhenning*, 蔡元培校长 *Reitor Cai Yuanpei*, 王家卫导演 *Realizador Wang Jiawei*, 钱学森教授 *Professor Qian Xuesen*, etc.

(3) Apelido + tratamento de parentesco de uso alargado. Por exemplo: 邓爷爷 *avô Deng*, 陈叔叔 *tio Chen*, 雷叔叔 *tio Lei*, 黄阿姨 *tia Huang*, 张大爷 *tio mais velho Zhang*, 陆大哥 *irmão mais velho Lu*, etc.

(4) Apelido + posição, título, estatuto e outros tratamentos sociais. Por exemplo: 毛主席 *Presidente Mao*, 梁省长 *Governador Liang*, 刘校长 *Reitor Liu*, 朱老师 *Professor Zhu*, 钱博士 *Dr. Qian*, etc.

(5) Nome próprio + tratamento de parentesco de uso alargado. Os nomes são geralmente limitados a nomes duplos (de dois caracteres). Por exemplo: 小平爷爷 *avô Xiaoping*, 颖超奶奶 *avó Yingchao*, 恐龙叔叔 *tio Konglong*, 志远伯伯 *tio Zhiyuan*, 钰航阿姨 *tia Yuhang*, etc.

(6) Nome + tratamento social, como posição, cargo, tratamentos comuns, etc. Os primeiros nomes são geralmente limitados a nomes duplos (de dois caracteres). Por exemplo: 锦涛主席 *Presidente Jintao*, 小平同志 *Camarada Xiaoping*, 沐祺先生 *Sr. Muqi*, 伯承元帅 *Marechal Bocheng*, 去病将军 *General Qubing*, etc.

(7) Tratamentos sociais, tais como posição, título, cargo, estatuto, etc. + uso alargado dos tratamentos de parentesco. Por exemplo: 门卫爷爷 *avô do porteiro*, 警察叔叔 *tio da polícia*, 清洁阿姨 *tia do limpador*, 司机大哥 *irmão mais velho do motorista*, 服务员大姐 *irmã mais velha do empregado de mesa*, etc.

(8) Uso alargado dos tratamentos de parentesco + tratamentos comuns. Os tratamentos comuns são limitados a muito poucos, tais como *camarada*, raramente utilizado nos dias de hoje. Por exemplo: 姥姥同志 *camarada avó*, 妈妈同志 *camarada mãe*, 大爷同志 *camarada tio mais velho*, etc.

(9) Tratamentos sociais, tais como posição, título, profissão, estatuto, etc. + tratamentos comuns. Por exemplo: 校长同志 *Camarada reitor*, 省长先生 *Sr. Governador*, 营业员小姐 *Sra. Vendedora*, etc.

2. vocativo formal composto, ou seja, precedido por um elemento modificador para indicar proximidade. Existem oito situações em que é utilizado um vocativo composto formal:

(1) Modificador + tratamento de parentesco. Por exemplo: 好妈妈 *boa mãe*, 好大儿 *bom filho*, 好闺女 *boa filha*, 亲爱的奶奶 *querida avó*, 我的妈妈 *minha mãe*, etc.

(2) Nome de pessoas das gerações mais novas + tratamentos de parentesco. Por exemplo: 小迪爸爸 *pai do pequeno Di*, 皓然妈妈 *mãe de Haoran*, 迪迪奶奶 *avó de Didi*, 钰航爷爷 *avó de Yuhang*, 沐祺外婆 *avó de Muqi*, etc.

(3) 孩子 *criança* + *ele* + tratamentos de parentesco. Por exemplo: 孩子他姥爷 *avó da criança*, 孩子他姥姥 *avó da criança*, 孩子他爸 *pai da criança*, 孩子他姨 *tia da criança*, etc.

(4) Modificador + tratamento social. Por exemplo: 敬爱的总理 *Caro primeiro-ministro*, 尊敬的校长 *Estimado Diretor*, 尊敬的女士 *Estimada Senhora*, 在座的教授 *Professores presentes*, etc.

(5) Modificador + tratamento do nome (nome completo, apelido, nome próprio ou alcunha). Por exemplo: 小迪迪 *pequeno Didi*, 亲爱的皓然 *querido Haoran*, 我的龙儿 *meu Longer*, 我的傻迪迪 *meu tolo Didi*, etc.

(6) Modificador + nome completo + tratamento social. Por exemplo: 尊敬的梁皓省长 *Respeitado Governador Lianghao*, 尊敬的李皓然校长 *Estimado reitor Li Haoran*, 尊敬的李春水 *Caro administrador Li Chunshui*, 亲爱的杨恐龙叔叔 *Querido tio Yang Konglong*, etc.

(7) Modificador + apelido + tratamento social. Por exemplo: 我的彭老师 *Meu professor Peng*, 尊敬的武老板 *Caro Chefe Wu*, 尊敬的王导演 *Caro Realizador Wang*, etc.

(8) Modificador + tratamento social 1 + tratamento social 2, onde "tratamento social 1" é um tratamento social como posição, título, profissão, estatuto, etc., e "tratamento social 2" é um tratamento comum. Por exemplo, 尊敬的省长先生 *Caro Sr. Governador*, 亲爱的门卫爷爷 *Querido Avô porteiro*, 敬爱的警察叔叔 *Estimado tio da Polícia*, 亲爱的清洁员小妹妹 *Querida irmãzinha limpadora*, 我的校长同志 *Meu Camarada Reitor*, etc.

A forma composta tem muitas vezes a característica de ser frontal, ou seja, pode-se usar cara a cara, e é, portanto, um meio importante de gerar vocativos. Esta característica da forma composta é plenamente demonstrada na seguinte situação: há alguns tratamentos sociais pelas costas que não podem ser utilizados cara a cara, tais como *ELP (Exército de Libertação Popular)*, *motorista*, *polícia*, *jornalista*, *enfermeira*, *advogado*, *escritor*, *editor*, *ator*, etc.; uma vez usada com o tratamento comum *camarada*, *Sr.*, *Sra.*, esta forma torna-se uma forma composta e pode-se usar como um vocativo.

(c) Simplificação dos vocativos compostos

Não existe apenas a forma completa do vocativo composto, tal como listado acima, mas também a forma simplificada, e esta forma simplificada tende a ser utilizada mais frequentemente na vida quotidiana do que a forma completa.

Há três casos principais da forma simplificada da forma composta do vocativo:

1. Apelido + um morfema num uso alargado dos tratamentos de parentesco. Esta é uma forma simplificada de vocativo, reduzida de vocativo composto de aposição "apelido + uso alargado dos tratamentos de parentesco". Por exemplo: 杨叔 (叔) *Tio Yang*, 李伯 (伯) *Tio Li*, 刘 (阿) 姨 *Tia Liu*, 武哥 (哥) *Irmão Wu*, 和妹 (妹) *Irmã He*, etc.

2. Apelido + um morfema de um tratamento de profissão e título. Esta é uma forma simplificada de vocativo, reduzida de "apelido + tratamento de profissão e título", um vocativo composto de aposição. Por exemplo: 李校 (长) *Reitor Li*, 吴院 (长) *Diretora Wu*, 陈队 (长) *Capitão Chen*, 陆科 (长) *Chefe de seção Lu*, 和总 (经理) *Gerente He*, 刘总 (工程师) *Engenheiro Liu*, etc. É bastante estranho que não haja uma simplificação semelhante para "apelido + '主席 *Presidente*, 书记 *Secretário*, 省长 *Governador*, 市长 *Presidente da Câmara*, 县长 *Prefeito*, 主任 *Diretor*, 乡长 *Chefe de Município*, etc."

3. Apelido + 先. Esta é uma forma simplificada de vocativo para chamar homens, reduzida de "apelido + 先生 *Senhor*", um vocativo composto de aposição, predominante principalmente entre os professores da maioria das escolas primárias e secundárias. Por exemplo: 梁先 *Sr. Wang*, 李先 *Sr. Li*, 和先 *Sr. He*, 王先 *Sr. Wang*, 武先 *Sr. Wu*, 冯先 *Sr. Feng*, 张先 *Sr. Zhang*, 白先 *Sr. Bai*, etc.

2.5 Outras formas de tratamento

(1) Formas nominais informais e populares

Quando nos dirigimos a pessoas exteriores a uma conversa com amigos e pessoas próximas, os tratamentos informais ou populares são frequentemente 3.^a pessoas, tais como *tipo*, *tipa*, *gajo* e *gaja*. Entre estes quatro tratamentos populares, o tratamento *gajo* é o mais conhecido. Os tratamentos femininos *tipa* e *gaja* são considerados normalmente formas de indelicadeza. Em Chinês podemos usar simplesmente o género 男的 (masculino) e 女的 (feminino) para indicar uma qualquer pessoa. Para indicar que se trata de uma pessoa específica, acrescentamos o prefixo 那 *esse* ou 这 *est*, depende da distância entre os interlocutores e o pronome a que se referem. Por exemplo:

昨天一起喝酒那男的你认识吗? *Conhece o gajo com quem bebemos ontem?*

照片里这女的是你朋友吗? *A gaja na foto é sua amiga?*

Há também uma 3.^a pessoa, *fulano*, utilizada para descrever uma pessoa cujo nome não é conhecido, ou cujo nome não é necessário mencionar, ou se nos encontramos numa situação em que não queremos nomear a pessoa. A expressão equivalente é *fulano de tal*. Na forma escrita chinesa, é traduzido para 某人, na oralidade diz--se apenas 人 *pessoa* ou adicionamos um prefixo de quantidade 一个人 *uma pessoa*, 几个人 *algumas pessoas*. Por exemplo:

我看到她在街上和人说话。/ 我看到她在街上和一个人说话。

Vi-te a falar com um fulano na rua.

(2) Formas nominais de afeto

Os tratamentos nominais de afeto, ou tratamentos carinhosos, de modo semelhante nos dois sistemas linguísticos, usam-se entre amantes, familiares e pessoas com grande proximidade. A forma inclui diminutivos e repetições de uma sílaba, como: *meu amor*, *minha amada*, *meu amorzinho*, *minha flor*, *minha alma*, *minha querida*, *queridinha*, *mãezinha*, *meu amiguinho*, *Zezé*, *papá*, *mamã*, *vovó*, etc.

(3) Formas nominais injuriosas

Muitas palavras abusivas em Português estão relacionadas com animais, tais como *camelo*, *porco*, *burro*, *cabrão*, etc., enquanto outras são verdadeiros insultos, como *parvo(a)*, *estúpido(a)*, *imbecil*, *patife*, *sacana*, *filho(a) da mãe/da puta*, *canalha*, *ladrão/ladra*, etc. Em Chinês, também se usa *porco* para designar as pessoas preguiçosas e desmazeladas, ou mesmo estúpido; *rato* é utilizado para descrever uma pessoa covarde, etc. Também é possível usar o tratamento *filho* para insultar alguém, ou dizer diretamente 我是你爹 *sou o teu pai*. No entanto, os tratamentos injuriosos normalmente estão relacionados com o órgão sexual humano. O tratamento injurioso mais popular, que é considerado o “palavrão nacional”, é 傻逼 *** *estúpido* e serve para designar uma pessoa idiota; em alternativa, usa-se 傻屌 *** *estúpido*, que é um pouco menos agressivo e um pouco menos comum. Outros, como 虎逼 *** *de tigre* ou 虎玩意 *coisa de tigre*, usam-se mais na região do Norte, para descrever alguém como sendo estúpido. Um tratamento que surgiu da *internet* e ainda existe na vida quotidiana, 屌丝 *belo de* *** é normalmente usado para descrever um homem que é um perdedor.

Capítulo III

Apresentação dos resultados do inquérito

3.1 Influência da Língua Materna na aprendizagem de uma Língua Estrangeira

Para os estudantes de Português na China, o Chinês é a sua Língua Materna, ou Língua Primeira (L1), e o Português é uma Língua Estrangeira (LE), ou Segunda Língua (L2). Antes de podermos pensar em melhorar os nossos métodos de ensino de uma língua estrangeira, precisamos de conhecer os métodos e as principais teorias sobre o assunto.

Segundo Suisse (2020, p. 20), uma das primeiras áreas linguísticas que refletiu sobre fenómeno da transferência e interferência foi a Análise Contrastiva (AC), que se afirmava na área da Linguística Aplicada. Baseada na psicologia behaviorista da imitação, assume que a L1 desempenha o papel mais importante no processo de aprendizagem da L2. Afirma, assim, o mesmo autor (2020, p. 22):

A ideia principal dos psicólogos behavioristas traduz-se no facto de acreditarem que os seres humanos não possuíam habilidades inatas, hereditárias, ou capacidades que os diferenciavam dos animais, apenas tinham propensões para dar resposta aos estímulos aos quais fossem expostos. Neste caso, os estímulos eram entendidos como o que era captado pelos organismos dos seres humanos e dos animais irracionais mediante os sentidos (Durão, 2008) “ignorando completamente os aspetos criativos” (Cristiano, 2010, p. 35).

Os behavioristas explicam o comportamento pela observação das respostas a estímulos; a associação de certa resposta a um determinado estímulo constitui um hábito. Os hábitos são completamente espontâneos, automáticos e difíceis de erradicar. Skinner argumenta que a aprendizagem de um hábito acontece pela imitação e repetição, e não pela ação consciente. Por outras palavras, o hábito é valorizado em detrimento da consciência. Desta forma, porém, o aprendente é visto como um indivíduo inconsciente e pouco criativo. Ao mesmo tempo, a AC sublinha a importância de "antecipar os erros" em vez de "corrigir os erros". Como os estudantes são mais sensíveis às partes de L2 que são semelhantes à L1,

podem facilmente aprendê-las, enquanto as partes com as quais não estão familiarizados ou que diferem significativamente da L1 podem ser muito difíceis de aprender.

Analisar a L1 e a L2 de uma perspectiva estruturalista permite aos professores prever, a partir das diferenças, os erros que os estudantes são passíveis de cometer no seu processo de aprendizagem no futuro, identificar as diferenças linguísticas e assim mudar os hábitos linguísticos trazidos pela L1. É assim claro que a L1 tem mais do que um efeito negativo na aprendizagem da L2; também pode facilitar o processo de aprendizagem ao encontrar as diferenças entre as duas línguas. A análise dos sistemas L1 e L2 passa pelas seguintes fases:

- a) Descrição estrutural das L1 e L2;
- b) Comparação das descrições;
- c) Elaboração de uma lista preliminar de estruturas linguísticas não equivalentes;
- d) Seleção das mesmas, estabelecendo uma hierarquia de dificuldades;
- e) Previsão e descrição das dificuldades;

f) Preparação dos materiais e a sua aplicação didática (Gargallo, 1993, pp. 34-45, Fernández, 1997, p. 15, apud Suisse, 2020, p. 24).

A comparação das duas línguas ajuda, pois, os professores a antecipar e identificar os erros resultantes da aprendizagem dos alunos.

Outra característica importante da AC é a formação dos alunos através da escuta dirigida por professores. A fim de estabelecer novos e corretos hábitos linguísticos, os estudantes são obrigados a imitar e reforçar as suas capacidades de audição e fala, de forma a seguir, pela ordem natural, os passos de aquisição da L1, ou seja: ouvir, falar, ler/compreender e, finalmente, compor/produzir. Quando isto é feito, a correção de erros torna-se crucial e os professores precisam de corrigir os erros dos alunos de forma atempada, a fim de evitar a criação de novos hábitos linguísticos incorretos.

Após o surgimento da AC, outra teoria oposta surgiu também como uma dura crítica à AC, nomeadamente a teoria da gramática universal (GU), de Chomsky, que argumenta que aprender não é transferir L1 para L2 através do hábito, mas estabelecer uma forma de processamento num novo contexto. Pesquisas relacionadas mostraram que para aprendizes de diferentes L1, erros semelhantes ocorrem em L2. Isto sugere que a influência da L1 na L2 não é tão grande ou tão importante como se pensava anteriormente, e que pode ser apenas uma das muitas razões que influenciam o processo de aprendizagem de L2. A aquisição de L2 é, portanto, um processo criativo que se baseia em mecanismos cognitivos universais.

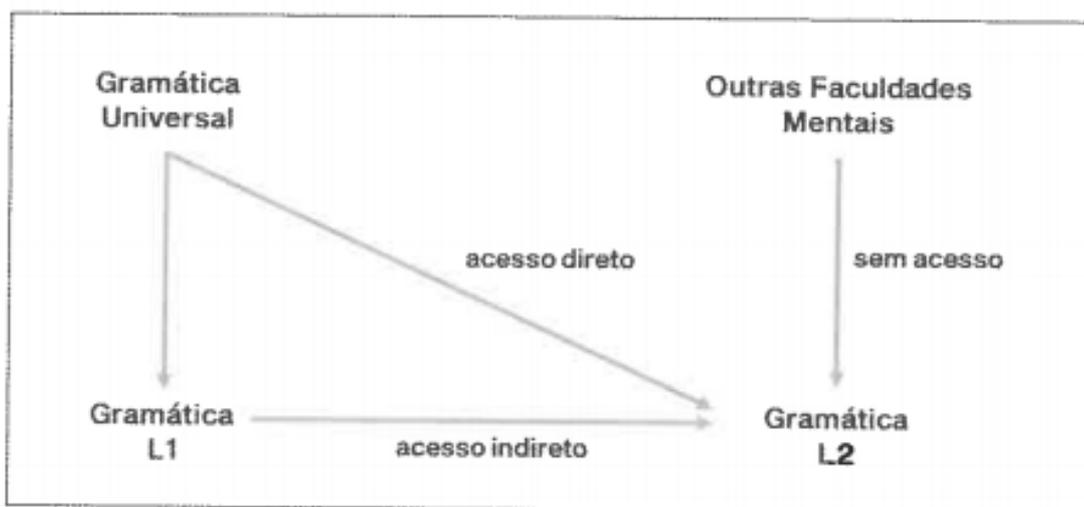
Contudo, isto não significa que a AC seja completamente errada e negativa, porque a ideia central da AC é prever erros e usar a L1 como base para um nível de cognição que muitas vezes garante que os aprendentes também usam a sintaxe, gramática e léxis corretas em L2.

Besse & Porquier (1991) resumem deste modo as principais críticas contra a AC:

1. Muitos dos erros previstos por uma análise contrastiva não ocorrem, ou ocorrem apenas raramente, ou apenas em determinadas fases da aprendizagem, ou aleatoriamente, dependendo de indivíduos, circunstâncias, métodos ou exercícios, alguns, de modo aparentemente paradoxal, apenas ocorrem num nível avançado.
2. Muitos erros numa dada língua-alvo são comuns a aprendentes de diferentes línguas maternas, incluindo em áreas onde as línguas parecem muito diferentes.
3. Os erros frequentemente atribuídos à interferência são encontrados quer em crianças nativas quer em certas variedades ou normas da língua-alvo. (...) (Besse & Porquier, 1991, p. 204, apud Suisse, 2020, p. 26).

Outro ponto a considerar é que a AC é demasiado difícil na prática, uma vez que a maioria dos estudantes de línguas de todo o mundo aprendem nos seus respetivos ambientes nativos, e os professores e autores de manuais escolares são também falantes nativos das suas línguas, tornando difícil, na maioria dos casos, analisar as L1 e L2 em simultâneo, para introduzir melhorias.

O conceito de GU é também controverso, uma vez que não se pode ter a certeza por que meios é que um aprendente é exposto à GU no processo de aprendizagem. Existem atualmente as seguintes hipóteses:



Acesso à GU na aprendizagem da L2 (Suisse, 2020, p. 30)

a. Acesso direto à GU

Neste caso, o processo de aquisição das L1 e L2 é o mesmo, os princípios e parâmetros que estão disponíveis para a aquisição de L1 podem permanecer no processo de aprendizagem da L2. Devido à possibilidade de acesso direto à GU, nega-se a interferência de L1 na aquisição de L2 e descarta-se a possibilidade de existir um período crítico de aprendizagem, ou seja, não se regista qualquer diferença entre a aquisição da L1 e da L2 (Suisse, 2020, p. 30).

b. Exposição indireta à GU ou inacessibilidade à GU

Neste caso, a aquisição das L1 e L2 é diferente, pois existe um "período crítico de aprendizagem de línguas" que impede os adultos de serem expostos à GU. Nesta base, os proponentes da hipótese argumentam que os erros na aprendizagem de L2 se devem à transferência dos hábitos linguísticos de L1. Em suma, o aprendente acredita erroneamente que as regras em L1 também se aplicam a L2 e, portanto, comete erros. Isto levou ao argumento de que os adultos nunca se tornarão "falantes nativos" devido à sua falta de acesso à GU (Suisse, 2020, p. 31).

Ao mesmo tempo, persistem as críticas aos estudos baseados na GU na aprendizagem da L2:

“Por seu turno, Mitchell e Myles (1998) criticam o facto de GU estudar apenas a sintaxe, deixando de lado aspetos como a semântica, a pragmática e o discurso. Além disso, os investigadores que adotam estes modelos focalizam o desenvolvimento linguístico em L2, pois não consideram as variáveis psicológicas, sociais e culturais, que são relevantes em qualquer aprendizagem” (Suisse, 2020, p. 32).

Vista de outra forma, a teoria da GU pode, contudo, ajudar os professores de LE a olharem para a aquisição/aprendizagem da L2 de uma perspetiva mais científica. Sendo a Gu “a competência que possuímos nas nossas mentes, ou seja, as capacidades cognitivas que

qualquer aprendente possui”, ela pode ajudar os professores a escolherem as estratégias a adotar no ensino de uma L2 em sala de aula (Suisse, loc. cit.).

Na sequência da teoria da inacessibilidade à GU, surgiram a teoria da Interlíngua (IL) e da Análise do Erro (AE), com o objetivo de compreender e estruturar os padrões de aprendizagem de L2 a partir de uma perspectiva psicológica e também de melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem de L2. De acordo com esta teoria, todos os erros cometidos pelos aprendentes de L2 são vistos como manifestações positivas e naturais, e, como já referimos anteriormente, o papel da L1 consiste em dar ao aprendente um nível básico de cognição sobre o qual se constrói a aprendizagem das L2 e L3 ou mais. Selinker (1972) cunhou o termo *Interlíngua*, que define como um processo de aprendizagem em que se ativa um conjunto de estruturas psicológicas latentes na mente do aluno quando aprende uma LE. O estudioso defende que apenas 5% dos aprendentes adultos atingem o domínio da L2 como falantes nativos em resultado da ativação da estrutura latente da linguagem. Os outros 95% ativam a estrutura psicológica latente que permite aos alunos comunicar de uma forma apenas aproximada da L1. Assim, Selinker (1972, apud Suisse, 2020, p. 35) resume a cinco os processos mediante os quais os alunos ativam as estruturas psicológicas no cérebro:

1) Transferência linguística

Os aprendentes transferem as características da L1 para a L2;

2) Transferência de instrução

Fossilização de regras e subsistemas observáveis no uso das novas estruturas da L2 em estudo;

3) Estratégias de aprendizagem da L2

Os aprendentes tendem a transformar algumas estruturas da L2 noutras mais simples, evitando ou omitindo o uso de categorias gramaticais da L2 que não considera essenciais para o ato de comunicação (artigos, morfemas de plural, flexão verbal, etc.);

4) Estratégias de comunicação

Os aprendentes, quando comunicam com falantes nativos, tentam negociar significados com eles em situações reais da língua. Como têm um domínio limitado da língua-alvo, é possível que não encontrem os termos adequados para comunicarem;

5) Supergeneralização do material Linguístico da L2

Os aprendentes utilizam regras da L2, anteriormente adquiridas, em novas situações às quais aquelas não se aplicam, dando origem a erros intralinguísticos.

Conforme podemos verificar, “nos quatro primeiros processos, Selinker destaca o papel da L1 na apropriação da L2 (L1→L2), enquanto no último processo destaca a possibilidade da transferência intralinguística (L2→L2).” (Suisse, 2020, p. 35)

O linguista identificou depois as características da interlíngua, como a permeabilidade, o dinamismo, a sistematicidade e o retrocesso. A interlíngua é reconhecida como um produto linguístico de transição criado pelo aluno no decurso do processo de aprendizagem de uma L2, com características da L1, da L2 e outras idiossincráticas. Este produto pode ajudar os professores a compreenderem as estratégias utilizadas pelos estudantes na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Sabe-se também que a ausência prolongada da utilização da língua materna no decurso da aprendizagem de uma L2 pode causar um declínio nos níveis da L1 dos aprendentes bilíngues. Por outras palavras, as L1 e L2 acabam por se influenciar e depender uma da outra. Podem ocorrer transferências de uma para a outra, que são mais prováveis quando as duas línguas são menos diferentes. É importante notar que este efeito de diferença e distância pode ser tanto positivo como negativo. Quando há menos diferenças entre línguas, mais erros podem ser cometidos devido a uma atenção reduzida. Na maioria dos casos, porém, as pequenas diferenças interlinguísticas são também mais “amigáveis” para os alunos. Ao mesmo tempo, as diferenças e distâncias entre as línguas aqui mencionadas dependem não só do nível científico, mas também do nível psicológico dos estudantes.

Existem dois outros problemas no processo de aprendizagem de uma L2. O primeiro é a situação em que os alunos pós-adolescentes utilizam uma L2 com sotaque nativo. Há duas razões possíveis para isto: em primeiro lugar, o aprendiz habitua-se às características vocais da língua materna e tem dificuldade em lidar com fonemas diferentes ou desconhecidos, criando erros. Em segundo lugar, o sotaque representa, em certa medida, a identidade, e muitos aprendentes produzirão deliberadamente um sotaque estrangeiro para indicar uma identidade quando na companhia de falantes nativos, devido à timidez, o que pode ser visto como um fenómeno de evasão. O segundo problema é que os alunos evitam utilizar estruturas da L2 potencialmente erradas e complexas. Se a situação não for voluntariamente reportada ao professor pelo aluno, torna-se difícil de detetar e resolver. É

fácil perceber que a inibição linguística pode ser causada pela timidez ou vergonha. Ellis (1994), com base na investigação de Kellerman (1977), sugere uma série de situações que dão origem à inibição:

i) quando os aprendentes têm uma ideia sobre a dificuldade de produzir uma determinada estrutura da L2. Neste sentido, a dificuldade constitui a condição mínima para a inibição;

ii) quando os aprendentes conhecem a forma da língua em estudo, mas consideram muito difícil a sua utilização em situações particulares (por exemplo, no contexto de conversação livre);

iii) quando os aprendentes sabem o que dizem e como o dizer, mostrando-se, contudo, relutantes em dizê-lo porque isso resulta na desobediência das suas próprias normas de comportamento. (apud Suisse, 2020, pp. 49-50).

Nestes casos, o professor poderá ajudar a resolver o problema tendo em consideração a L1 do aprendente, mas também o seu nível de conhecimentos sobre a L2 e suas atitudes face à sua própria cultura e ao contexto cultural do idioma em estudo.

Os professores devem ser sensíveis aos mecanismos e processos de conversão de L1 para L2, prever e recolher os erros cometidos pelos estudantes e acompanhar o seu progresso de aprendizagem, analisando e identificando os tipos de erros (gráficos, fonológicos, gramaticais, semânticos...) com base na AE e desenvolvendo planos de ensino cientificamente apropriados. A fim de explicar as causas dos erros interlinguísticos, Durão (2002) propõe o critério etiológico-linguístico:

- a. erros de extensão por analogia;
- b. semelhanças ortográficas e/ou fonológicas;
- c. inabilidade para distinguir aspetos lexicais da L2 em relação à L1;
- d. inabilidade para distinguir aspetos gramaticais da L2 em relação à L1;
- e. emprego de palavras ou expressões da L1 em enunciados da L2;
- f. emprego de estrangeirismos;
- g. emprego da técnica da tradução literal;
- h. transferência de estruturas sintáticas da L1 (Durão, 2002, p. 69, apud Suisse, 2020, p. 53).

Gargallo (1993, p. 137 apud Suisse, 2020, p. 53), por outro lado, sugere que a AE dos alunos de L2 deve ter em conta:

- a. a caracterização do perfil do informante ou dos informantes, aspeto já salientado por nós anteriormente;
- b. a determinação do tipo de análise, podendo ser longitudinal (por um período de tempo com os mesmos informantes) ou transversal (num momento determinado do processo de aprendizagem);
- c. a aplicação da tarefa tendo em conta o objetivo do estudo (ex. tema de conversação, lugar da prova e relação entre os informantes e os seus interlocutores, etc.);
- d. a análise dos fatores que causam a variabilidade na interlíngua.

Na sequência desta reflexão sobre o processo de transferência da L1 para a L2. Percebemos que a L1 funciona como um elemento mediador no processo de aprendizagem da L2, “na medida em que as estruturas linguísticas prévias são a base para receber as novas estruturas em L2 e na construção da interlíngua”, e, numa perspetiva didática, permite que o professor de um idioma estrangeiro compreenda o processo de aprendizagem, identifique as melhores estratégias de intervenção didática (Suisse, 2020, p. 55) Em suma, o aprendiz é um indivíduo criativo, e o ensino de uma segunda língua deve ser um esforço conjunto entre o professor e o aprendiz, que também deve relatar quaisquer dificuldades no processo de aprendizagem para ajudar aquele a planear as correções a fazer.

3.2 Análise do inquérito

Nos subcapítulos anteriores, discutimos as estratégias de delicadeza e a influência da língua materna na aprendizagem de uma língua estrangeira. Neste, analisaremos os resultados do inquérito que serve de base ao nosso estudo sobre o uso das formas de tratamento em Português por aprendentes chineses.

3.2.1 Apresentação do inquérito

Através deste inquérito, esperamos identificar erros frequentemente cometidos por estudantes chineses no processo de aprendizagem das formas de tratamento em Português,

analisar os problemas detetados, para, depois, propor estratégias de melhoria do ensino-aprendizagem do tópico.

O inquérito foi distribuído no início de maio de 2022, a alunos que têm experiência de estudo do Português enquanto Língua Estrangeira. Os inqueridos variavam entre os 18 e os 27 anos de idade, 34 são do sexo feminino e 3 do sexo masculino. O inquérito é composto por duas partes, 20 perguntas no total. A primeira parte consiste em 6 perguntas que visam colher informações pessoais caracterizadoras dos inquiridos. As 6 perguntas visam a idade, o sexo, o número de anos de estudo do Português, o nível de proficiência em Português, a experiência de aprendizagem do Português em país lusófono e as principais dificuldades inerentes à aprendizagem das formas de tratamento. As duas primeiras questões fornecem dados estatísticos relativos à idade e ao género dos inquiridos. Eis percentagens do valor mais alto para o mais baixo: 23 anos (35.14%), 22 e 20 anos (13.51%), 21 e 24 anos (10.81%), 25 anos (8.11%), 27 anos (5.41%), 18 anos (2.70%); sexo feminino (91.89%) e sexo masculino (8.11%). Analisaremos agora as restantes.

Parte I – Informações pessoais

3. Qual é o seu nível de proficiência em Português de acordo com o último Certificado ou com a sua auto-avaliação?

3 : Qual é o seu nível de proficiência de Português de acordo com o último Certificado ou com a auto-avaliação? 您的葡语水平。

Opções	Unidade	Estatística
A1	1	2.7%
A2	0	0%
B1	7	18.92%
B2	17	45.95%
C1	12	32.43%
C2	0	0%

Gráfico 1 – Proficiência em Português dos inqueridos

Os níveis de proficiência em Língua Portuguesa dos inqueridos distribuem-se entre A1, B1, B2 e C1, sendo que o nível B2 é o mais representado. Os estudantes com níveis mais elevados de português utilizam os tratamentos mais adequados do que os estudantes com níveis mais baixos.

4. Há quantos anos aprende português?

4 : Há quantos anos aprende português?您已学习葡语几年。

Opções	Unidade	Estatística
1 ou menos anos	0	 0%
2 anos	2	 5.41%
3 anos	7	 18.92%
4 ou mais anos	28	 75.68%

Gráfico 2 – Tempo de aprendizagem do Português

Todos inqueridos aprendem Português há mais de 1 ano, e a maior parte dos aprende Português há 4 ou mais anos. Os estudantes com mais anos de estudo do português utilizam os tratamentos mais adequados do que os estudantes com menos anos de estudo do português.

5. Aprende ou aprendeu Português em país lusófonos? Se sim, em que país aprende ou aprendeu?

5 : Aprende ou aprendeu Português em país lusófonos? Se sim, em qual país aprende ou aprendeu?
是否曾在葡语国家学习, 在哪个葡语国家学习。

Opções	Unidade	Estatística
Sim, o país é (foi):	36	97.3%
Não	1	2.7%

Gráfico 3 – Aprendizagem do Português em países lusófonos

Dos 37 inqueridos, apenas 1 nunca aprendeu Português em país lusófono. Dos 36 restantes, 1 aprendeu em Portugal e no Brasil, e outro apenas no Portugal. Os alunos com experiência de estudo em país lusófono utilizam os tratamentos mais adequados do que a estudante que não tem experiência de estudo em país lusófono.

6. Quais são os aspetos que considera mais difíceis na aprendizagem das formas de tratamento?

A. Distinguir os pronomes pessoais acusativos dos pronomes pessoais dativos (por exemplo: *o/a e lhe*). 区分直接宾语和间接宾语。

B. Saber o uso adequado de *Você e Tu*. 正确使用“您”和“你”。

C. O uso de *Você*. “您”的应用。

D. Saber quais as formas de tratamento adequadas ao contexto de enunciação oral. 在口语对话中使用恰当的称呼语。

E. Saber quais as formas de tratamento adequadas ao contexto de comunicação escrita (por exemplo: carta, email). 在书面对话中使用恰当的称呼语。

F. Outras 其他。

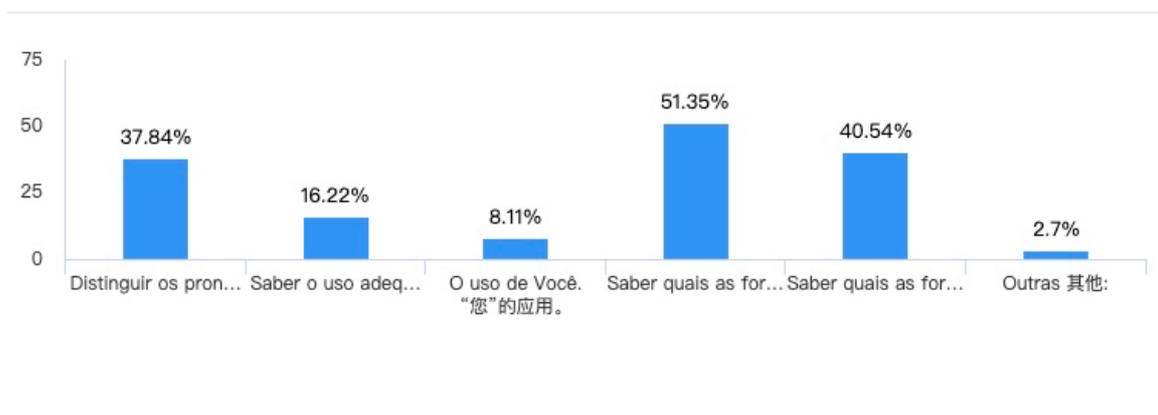


Gráfico 4 – Principais dificuldades na aprendizagem das formas de tratamento

Eis os obstáculos identificados na aprendizagem, dos mais mencionados para os menos mencionados:

1. Saber quais as formas de tratamento adequadas ao contexto de enunciação oral.
2. Saber quais as formas de tratamento adequadas ao contexto de comunicação escrita (por exemplo: carta, email).
3. Distinguir os pronomes pessoais acusativos dos pronomes pessoais dativos (por exemplo: *o/a* e *lhe*).
4. Saber o uso adequado de *Você* e *Tu*.
5. O uso de *Você*.

Em relação à segunda parte, preparámos 14 questões que visavam identificar as principais dificuldades e os aspetos mais propensos a erro e confusão no processo de aprendizagem das formas de tratamento.

Parte II – Exercícios

7. Complete a coluna abaixo de acordo com a coluna acima, segundo o tipo das formas de tratamento.

- a) tratamentos pronominais
- b) tratamentos nominais
- c) tratamentos verbais

- | | |
|---|----|
| (1) <i>Tu estás doente?</i> | a) |
| (2) <i>Está doente?</i> | c) |
| (3) <i>A Adelaide está doente?</i> | b) |
| (4) <i>A Dona Adelaide está doente?</i> | b) |
| (5) <i>Senhora Adelaide, está doente?</i> | b) |
| (6) <i>A Senhora Dona Adelaide está doente?</i> | b) |
| (7) <i>Vossa Excelência está doente?</i> | a) |

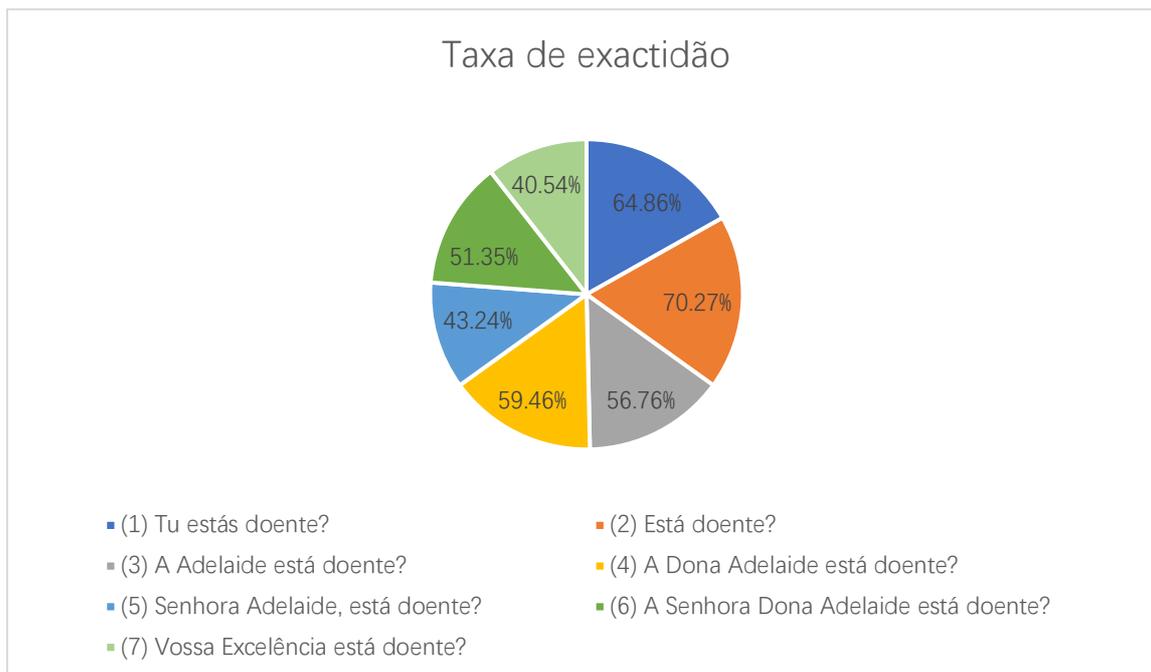


Gráfico 5 – Percentagens de exactidão das respostas à questão 7

Eis as percentagens de exactidão classificadas do valor mais alto para o mais baixo: (2) *Está doente?* (70.27%), (1) *Tu estás doente?* (64.86%), (4) *A Dona Adelaide está doente?* (59.46%), (3) *A Adelaide está doente?* (56.76%), (6) *A Senhora Dona Adelaide está doente?* (51.35%), (5) *Senhora Adelaide, está doente?* (43.24%), (7) *Vossa Excelência está doente?* (40.54%).

8. Em canais de comunicação oficiais, as abreviaturas V. S.a e V. S. são usadas com frequência e representam o abreviamento de:

- a) *Vossa Alteza e Vossa Senhoria*
- b) *Vossa Senhoria e Vossa Santidade***
- c) *Vossa Eminência e Vossa Santidade*
- d) *Vossa Reverendíssima e Vossa Senhoria*

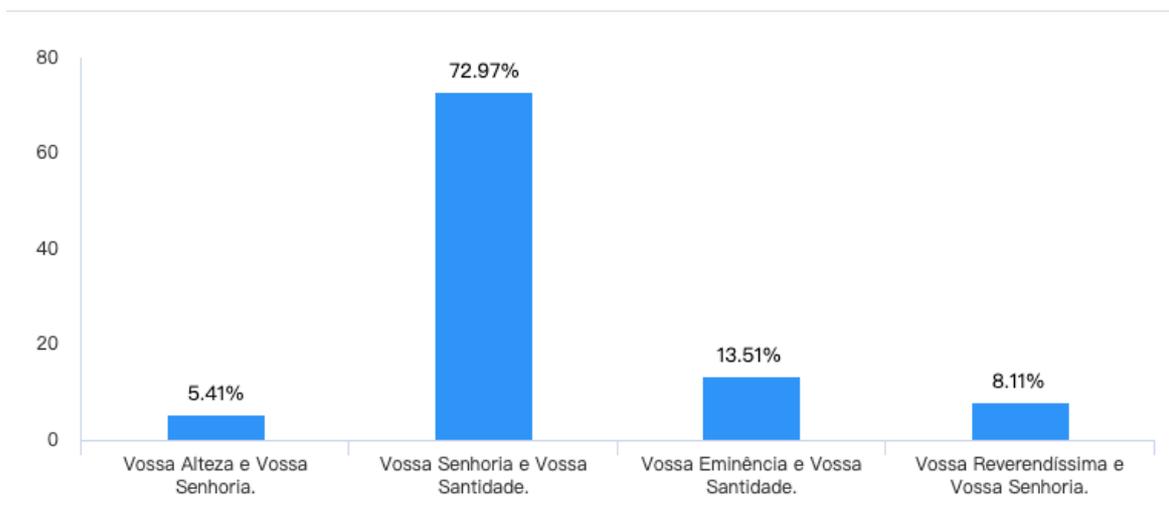


Gráfico 6 – Percentagens das resposta à questão 8

A maior parte dos inqueridos (72.97%) respondeu corretamente.

9. Escolha a frase com a forma de tratamento adequada.

- 1) *Eu dei-o o livro ontem.*
- 2) *Bom dia, professora, como está você?*
- 3) *A senhora Maria gosta de gatos?*
- 4) *A distinção foi atribuída a Vossa Excelência Maria.*

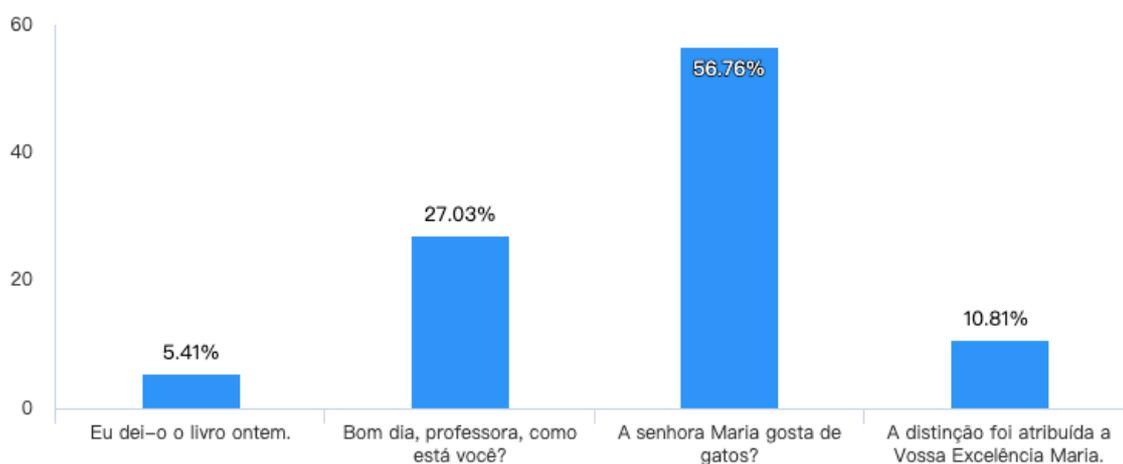


Gráfico 7 – Percentagens das resposta à questão 9

A maior parte dos inqueridos (56.76%) respondeu corretamente, mas o valor não é elevado.

10. Escolha a frase com a forma de vocativo adequada.

- 1) *Excelentíssimo Reitor, por favor, dê cumprimento à cerimónia de corte da fita para o novo edifício escolar.*
- 2) *Magnífico Presidente da República, por favor, junte-se a nós no salão de receção.*
- 3) *Exm.as Autoridades, apresentar-vos-ei agora as nossas últimas pesquisas.*
- 4) *Egrégio Juiz, permita-me que fale.*

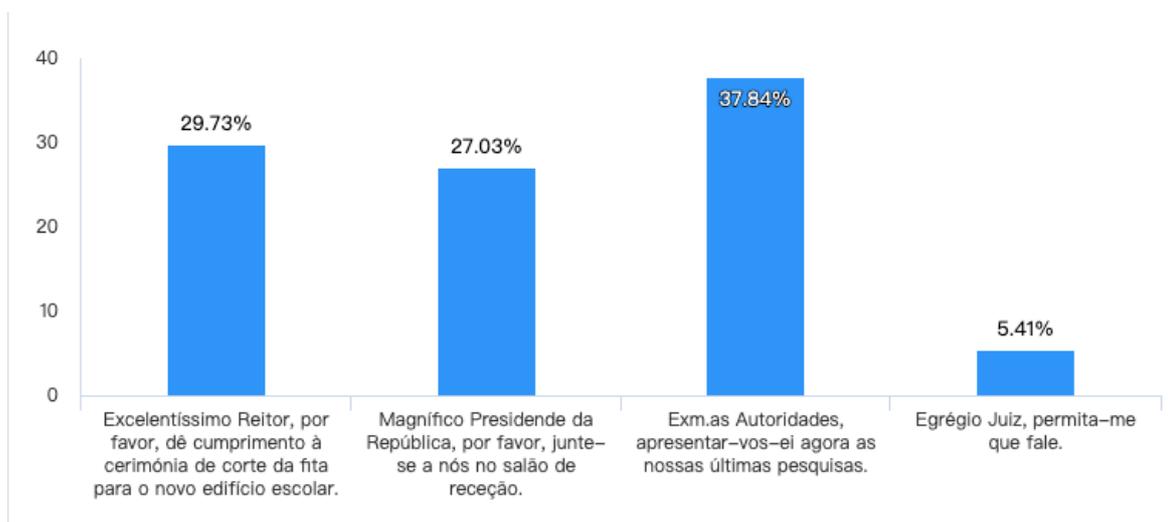


Gráfico 8 – Percentagens das resposta à questão 10

Uma minoria (37.84%) respondeu corretamente.

11. Para se poder candidatar a uma bolsa instituída pela universidade, a Joana escreveu um requerimento ao Reitor da Universidade de Aveiro solicitando a emissão de um certificado de habilitações académicas. Escolha a forma adequada para ela formular o pedido ao reitor:

- a) *Solicito a Vossa Magnificência que autorize a emissão do meu certificado de habilitações académicas para que eu possa candidatar-me a uma bolsa de estudo.*
- b) *Solicito ao Magnífico Reitor Manuel que autorize a emissão do meu certificado de habilitações académicas para que eu possa candidatar-me a uma bolsa de estudo.*
- c) *Solicito à Vossa Magnificência, Reitor Manuel, que autorize a emissão do meu certificado de habilitações académicas para que eu possa candidatar-me a uma bolsa de estudo.*
- d) *Solicito ao Magnífico Reitor Manuel, que autorize a emissão do meu certificado de habilitações académicas para que eu possa candidatar-me a uma bolsa de estudo.*

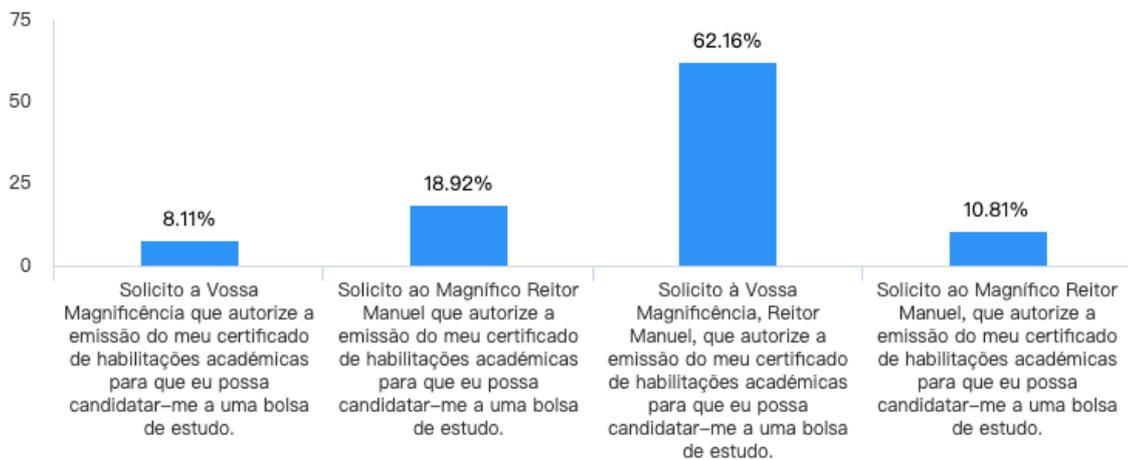


Gráfico 9 – Percentagens das respostas à questão 11

Uma minoria (8.11%) respondeu corretamente, a percentagem é muito baixa.

12. Escolha os pronomes de tratamento adequados.

1. **b** *pretende sair a que horas? – perguntou o motorista à Princesa.*
2. **a** *é muito querido pelos portugueses, disse o bispo ao Papa.*
3. **c** *, os dados que solicitou estão no gabinete presidencial.*

- a. *Vossa Santidade*
- b. *Vossa Alteza*
- c. *Vossa Excelência*

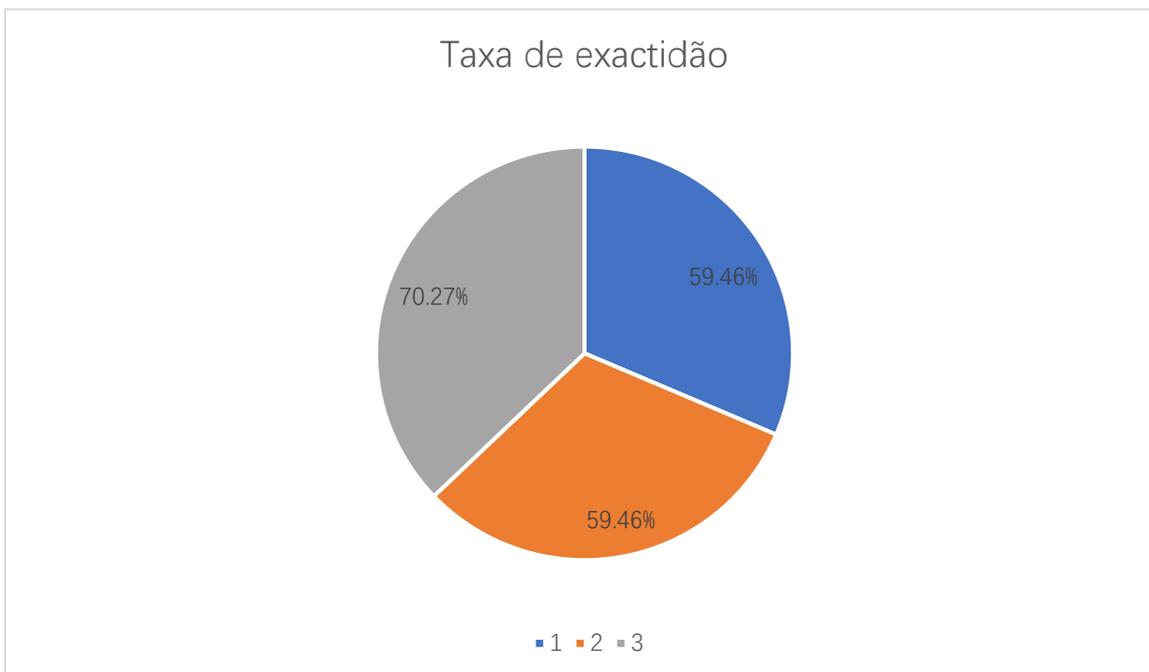


Gráfico 10 – Percentagens das resposta à questão 12

As percentagens de exactidão classificadas do valor mais alto para o mais baixo são: 3. (70.27%), 1. e 2. (59.46%).

13. Escolha a frase com a forma de tratamento adequada:

- a) *Sua Senhoria pretende que iniciemos já a viagem?*
- b) *Lamento informar que Vossa Senhoria, o Presidente da Autarquia, não poderá participar da abertura do congresso.*
- c) *Bem-vindo ao museu municipal, Sua Senhoria.*
- d) *Vossa Senhoria prefere que eu lhe entregue os documentos agora?*

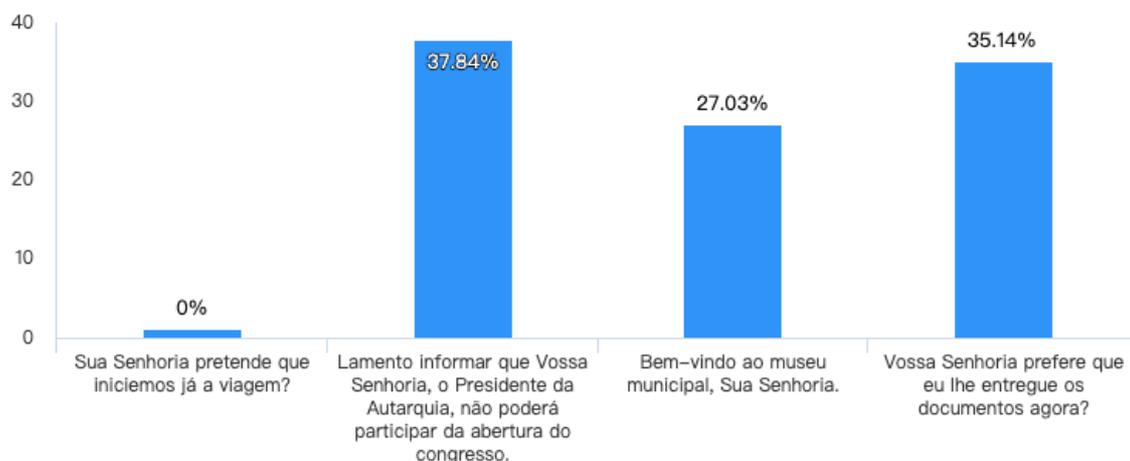


Gráfico 11 – Percentagens das resposta à questão 13

Uma minoria (35.14%) respondeu corretamente.

14. O pronome de tratamento que melhor completa a frase abaixo é:

_____ *o Papa está em visita a Portugal.*

a) *Sua Excelência Reverendíssima*

b) *Sua Santidade*

c) *Sua Eminência*

d) *Sua Magnificência*

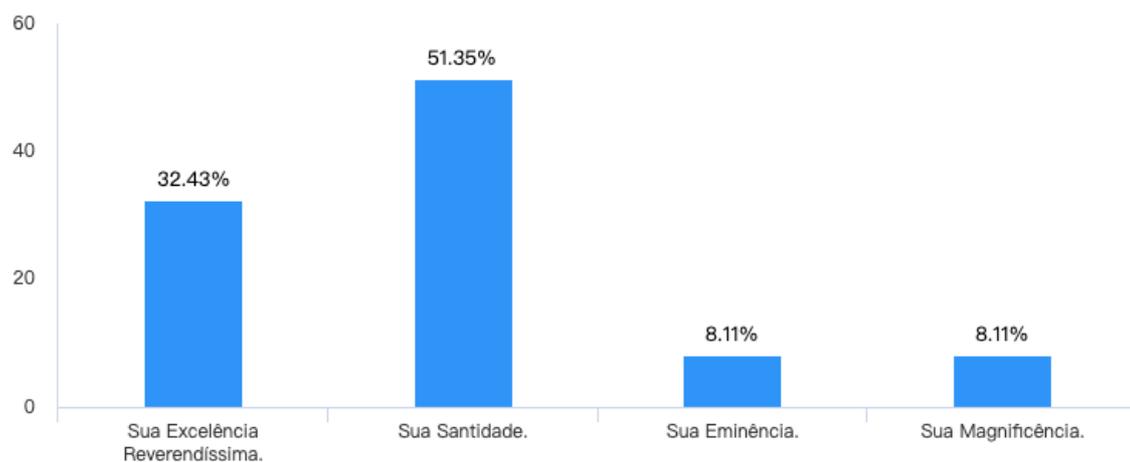


Gráfico 12 – Percentagens das resposta à questão 14

Cerca de metade dos inqueridos (51.35%) respondeu corretamente.

15. Para se dirigir ao arcebispo da Lisboa, qual o melhor pronome de tratamento?

- a) *Santíssimo*
- b) *Reverendo*
- c) *Eminentíssimo*
- d) *Excelentíssimo e Reverendíssimo*

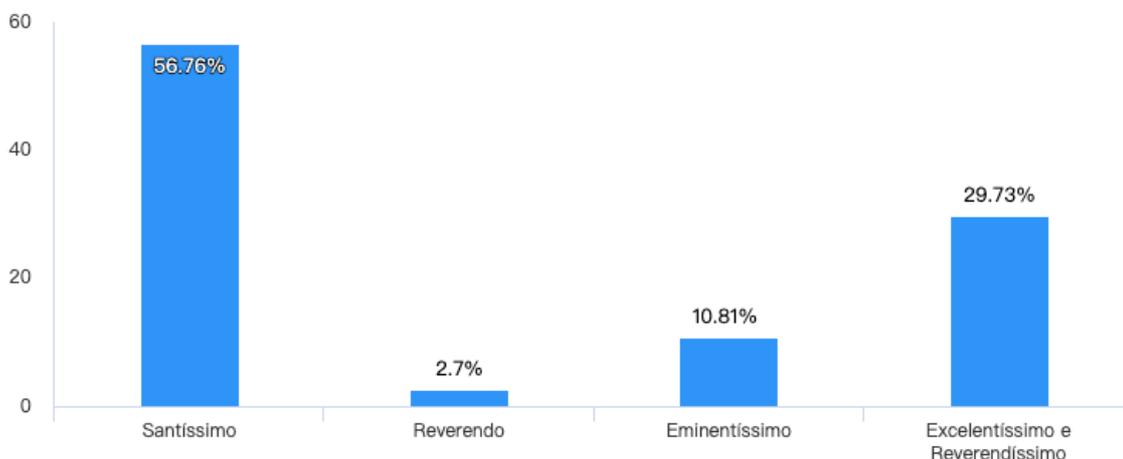


Gráfico 13 – Percentagens das resposta à questão 15

Uma minoria (29.73%) respondeu corretamente, a percentagem é muito baixa.

16. Relacione as colunas quanto ao uso dos pronomes de tratamento:

- a) (**IV**) *Vossa Alteza*
- b) (**V**) *Vossa Majestade*
- c) (**III**) *Vossa Senhoria*
- d) (**II**) *Vossa Santidade*
- e) (**I**) *Vossa Excelência Reverendíssima*

I. Usado para bispos e arcebispos

II. Usado para o Papa

III. Usado para funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimónia (na linguagem popular)

IV. Usado para príncipes, arquidukes, duques

V. Usado para reis, imperadores



Gráfico 14 – Percentagens das resposta à questão 16

As percentagens de exactidão classificadas do valor mais alto para o mais baixo são: d) *Vossa Santidade* (56.76%), a) *Vossa Alteza* (48.65%), b) *Vossa Majestade* (40.54%) & c) *Vossa Senhoria* (40.54%), e) *Vossa Excelência Reverendíssima* (27.03%).

17. Assinale os pronomes de tratamento adequados para as seguintes autoridades:

I – Papa

II – Diretor de Departamento

III – Reitor

a) *Vossa Santidade, Vossa Excelência, Vossa Magnificência.*

b) *Vossa Eminência, Vossa Excelência, Vossa Santidade.*

c) *Vossa Excelência, Vossa Magnificência, Vossa Santidade.*

d) *Vossa Excelência Reverendíssima; Vossa Excelência; Vossa Eminência.*

e) *Vossa Excelência, Vossa Graça, Vossa Beatitude.*

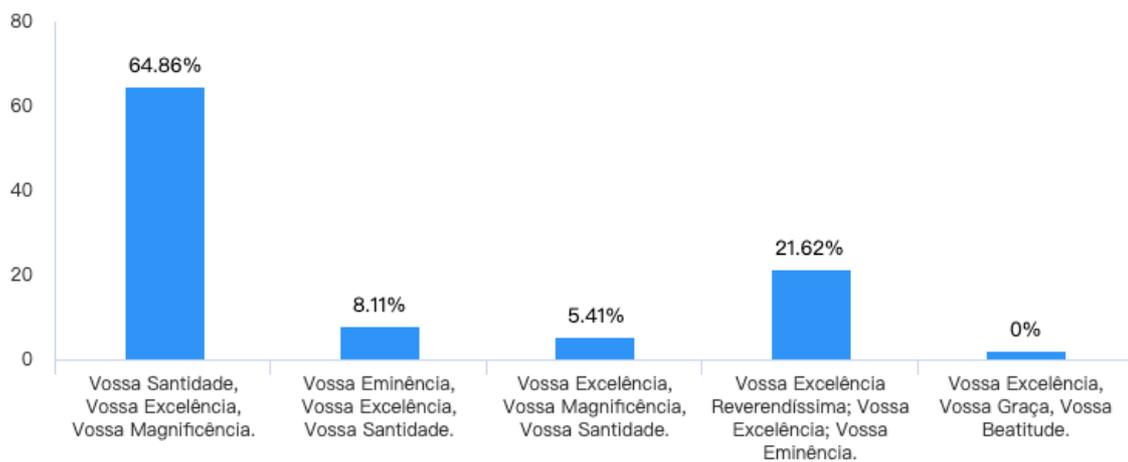


Gráfico 15 – Percentagens das resposta à questão 17

A maioria dos inqueridos (64.86%) respondeu corretamente.

18. Relacione os pronomes de tratamento listados a seguir com os respectivos cargos.

1. *Vossa Excelência*
 2. *Vossa Magnificência*
 3. *Vossa Senhora*
 4. *Vossa Reverência*
 5. *Vossa Santidade*
- () *Papa*
 () *Primeiro Ministro*
 () *Coronel*
 () *Reitor*
 () *Padre*

Assinale a opção que mostra a relação correta, segundo a ordem apresentada.

- a) 5, 2, 4, 1 e 3.
- b) 4, 1, 2, 3 e 5.
- c) 5, 3, 2, 1 e 4.
- d) 5, 1, 3, 2 e 4.**

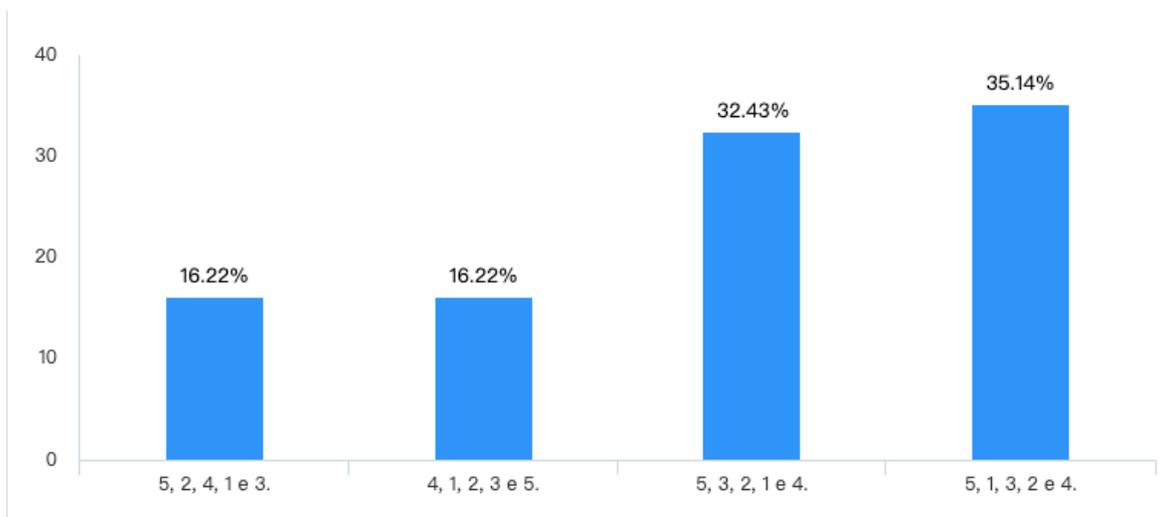


Gráfico 16 – Percentagens das respostas à questão 18

Uma minoria (35.14%) respondeu corretamente.

19. Atendendo aos principais pronomes de tratamento e à ocasião do seu uso, assinale os itens da abaixo que estão corretos:

- I) *Vossa Excelência / V. Ex.a / Usado para referenciar autoridades, como Presidente da República, Ministros de Estado, Deputados, etc.*
- II) *Vossa Eminência / V. Em.a / Usado para nos dirigirmos a Sacerdotes.*
- III) *Vossa Alteza / V. A. / Usado para nos dirigirmos a Príncipes e Duques.*
- IV) *Vossa Santidade / V.S. / Usado para nos dirigirmos ao Papa.*
- V) *Vossa Magnificência/ V. Mag.a / Usado para nos dirigirmos aos Reitores de Universidades.*

Assinale a alternativa correta:

- a) Apenas os itens I, III, IV e V estão corretos.**
- b) Apenas os itens I, II e V estão corretos.
- c) Apenas os itens I, II e III estão corretos.
- d) Todos os itens I, II, III, IV e V estão corretos.

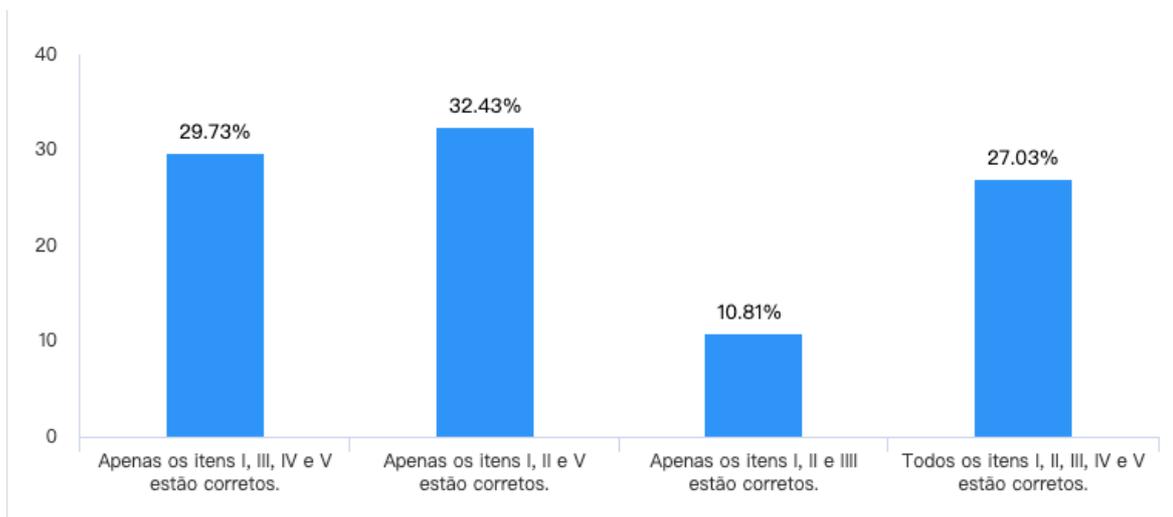


Gráfico 17 – Percentagens das resposta à questão 19

Uma minoria (29.73%) respondeu corretamente, a percentagem é muito baixa.

20. Agora que refletiu sobre o uso das diferentes formas de tratamento em Português, considera importante estudá-las? Porquê?

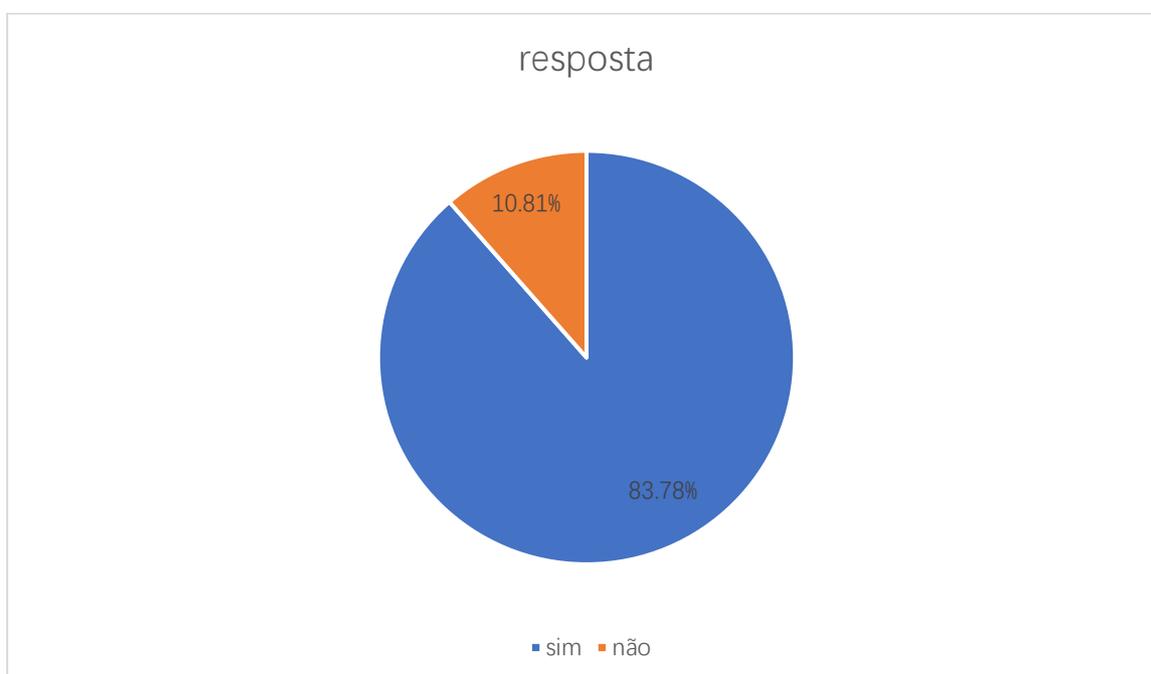


Gráfico 18 – Percentagens das resposta à questão 20

A maior parte dos inqueridos (83.78%) concordou que é importante estudar as formas de tratamento. Foram várias as razões apontadas:

1. Para compreender as diferentes culturas, é importante compreender os seus tratamentos, que, por desconhecimento, podem ser mal compreendidos e confundidos. A compreensão das formas de tratamento é o primeiro passo na aprendizagem, e é uma parte importante da compreensão da cultura de um país de Língua Portuguesa.

2. Os tratamentos afetam a interação e as relações humanas, representam o respeito demonstrado às pessoas. Os portugueses valorizam a delicadeza, uma melhor compreensão deste traço cultural facilita a comunicação.

3. É necessário distinguir entre ocasiões formais e informais; utilizar o tratamento adequado às diferentes ocasiões pode reduzir mal-entendidos desnecessários e é um reflexo da nossa boa etiqueta social.

4. Conhecer as formas de tratamento é especialmente necessário na redação de e-mails e no local de trabalho.

5. Os estudantes de Português precisam de ser versados no assunto.

6. É um ponto gramatical que é facilmente confundível.

7. As formas de tratamento são um tema difícil, nunca as utilizamos corretamente, temos vontade de continuar a aprender e a utilizá-las corretamente numa fase posterior.

Relativamente aos que não consideram importante aprender as formas de tratamento, comentaram o seguinte:

1. Não vale a pena aprender isto, porque é muito raro usar estas formas no nosso quotidiano.

2. Não é muito necessário. Posso entender o seu significado, mas, quando uso, sinto-me confusa e estranha.

3. Penso que é bom ser capaz de dominá-lo, mas não é necessário. A menos que seja um tradutor profissional, não se deparará com situações semelhantes.

3.2.2 Discussão dos resultados

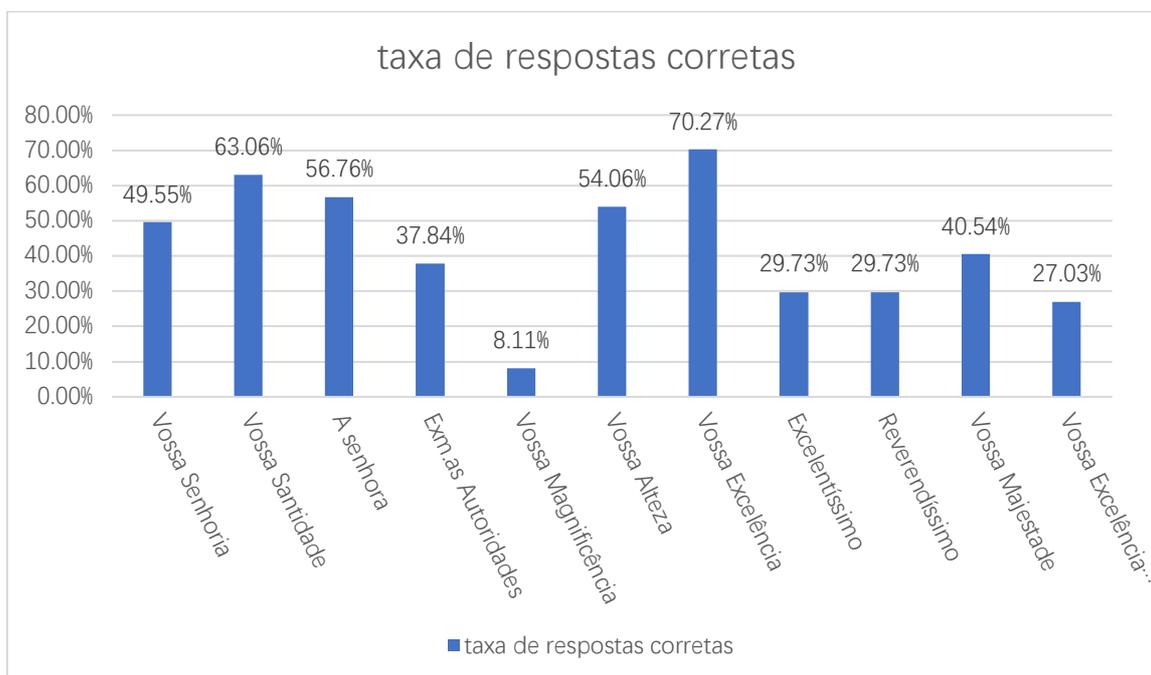


Gráfico 19 – Percentagens de utilização correta de cada tratamento

A partir do gráfico acima apresentado, verifica-se que o erro mais frequente ocorre na utilização de *Vossa Magnificência* (8.11%), o segundo é *Vossa Excelência Reverendíssima* (27.03%), o terceiro é *Excelentíssimo* (29.73%) e *Reverendíssimo* (29.73%). Os aprendentes também têm fraco entendimento na utilização de *Exm.as Autoridades* (37.84%). As respostas dos nossos inquiridos à pergunta 7 também mostraram uma distinção pouco nítida entre os tratamentos pronominais, os tratamentos nominais e os tratamentos verbais; a maior parte (70.27%) distingue os tratamentos verbais sem problema, mas com dificuldade os tratamentos nominais e pronominais. Os resultados obtidos na questão 13 demonstram que uma grande parte de inquiridos (64.87%) não é capaz de distinguir entre *Sua* e *Vossa*. Além disso, o gráfico mostra que o domínio geral das formas de tratamento pelos estudantes não é tão bom como seria desejável, o que reflete uma lacuna no sistema educativo no que concerne ao ensino-aprendizagem das formas de tratamento.

Em capítulos anteriores fomos apontando algumas pistas que poderiam contribuir para melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem do tópico em estudo. Agora identificaremos os pontos-chave a não esquecer no processo de aprendizagem com base nas semelhanças e diferenças entre as duas línguas, e especificaremos, à luz das respostas ao questionário, os aspetos a que os estudantes deverão estar mais atentos.

Na pergunta 6 do inquérido, os dois obstáculos relativos à aprendizagem mais mencionados são 1. Saber quais as formas de tratamento adequadas ao contexto de enunciação oral. 2. Saber quais as formas de tratamento adequadas ao contexto de comunicação escrita (por exemplo: carta, email). É fácil perceber que muitos tratamentos em Português são de natureza religiosa ou real, como *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade* e *Vossa Santidade*, o que constitui uma diferença cultural considerável para os estudantes chineses, que tiveram pouco ou nenhum contacto com a religião católica e não viveram no contexto de uma monarquia. A diferença de ambiente cultural leva à sua incapacidade de compreender o significado hierárquico por detrás destes títulos e torna mais difícil recordar a forma como são abordados. Como referiu uma inquirida/estudante na sua resposta à pergunta 20: “O tratamento é uma parte importante da compreensão da cultura de um país de língua portuguesa.” Conforme foi referido em capítulo anterior, a inibição condicionada pela perceção do aprendente acerca da distância linguística existente entre L1 e L2, mas também a distância cultural são fatores que tornam mais exigente ultrapassar as dificuldades no processo de aprendizagem de um idioma estrangeiro. Esta lacuna cultural pode ser colmatada com a inclusão nas aulas de Português de ensinamentos relacionados com a história e o contexto cultural que poderão aproximar os estudantes do conhecimento.

Por outro lado, o conhecimento da gramática é altamente lógico, abstrato e geral e é parte integrante da estrutura de uma língua. É por isso que é essencial ensinar a gramática de uma segunda língua; é de grande importância para os aprendentes de línguas dominarem a língua que estão a aprender. De um ponto de vista linguístico, a língua é um sistema de símbolos governado por regras. As regras de uma língua são finitas e as frases são infinitas, e aprender uma língua exige o domínio das regras gramaticais em vez de as aprender frase por frase. Além disso, a aprendizagem significativa é mais eficaz do que a aprendizagem mecânica, ou seja, a aprendizagem com base na compreensão é mais eficaz do que a aprendizagem de rotina; a aprendizagem consciente guiada pela teoria é mais eficaz do que a aprendizagem apenas pela intuição. A aprendizagem do conhecimento gramatical permite-

nos expressar, julgar e compreender com mais precisão a semântica expressa pelos objetos comunicativos.

Assim, embora a conjugação verbal e a mudança de forma dos pronomes como sujeito e objeto não existam em Chinês, estes dois pontos são cruciais na aprendizagem da gramática relacionada com o tratamento. Quanto ao primeiro item, se é verdade que a conjugação verbal pode, isoladamente, ser memorizada, também é verdade que não pode ser aplicada em cada frase de forma mecânica. Ademais, de acordo com os resultados da pergunta 6 do questionário, a distinção entre objetos diretos e indiretos é a terceira maior dificuldade do processo de aquisição, após a incapacidade de memorizar os tratamentos verbais e escritos adequados, devido a diferenças culturais. Para aprender a fazer isto mais facilmente, os alunos precisam de saber distinguir claramente os conceitos de objeto direto e objeto indireto. E para perceberem essa distinção têm de começar pelo predicado verbal. Tanto os objetos diretos como os indiretos são efetivamente objetos, isto é, os destinatários do predicado verbal, e este pode admitir, ou não, um objeto duplo. Os alunos precisam de ter perfeita consciência de todas as possibilidades (verbos bitransitivos, transitivos diretos e transitivos indiretos), para que não confundam, depois, as formas pronominais.

Além disso, com a pergunta 13, percebemos que a maioria dos estudantes estava muito pouco familiarizada com a utilização distinta dos pronomes *Sua* e *Vossa*. Para que tal não aconteça, é necessário que lhes seja explicado que: *Vossa* é usado quando se fala diretamente com a pessoa; *Sua* é usado para falar sobre a pessoa. Por exemplo:

Vossa Santidade está bem? (falando para o Papa)

Sua Santidade está bem? (falando do Papa)

Em suma, os estudantes chineses não têm um bom conhecimento dos tratamentos portugueses. Além de não compreenderem o significado dos títulos, os erros que os estudantes tendem a cometer podem ser amplamente categorizados com base no critério que mencionámos de Durão. Por exemplo, como há uma utilização alargada dos tratamentos de parentesco no sistema Chinês, os estudantes usam a mesma forma para se dirigirem aos portugueses; em Português usam apenas um título para mostrar respeito, mas tal não é suficiente em Chinês. Para além de incluir os contextos históricos e a cultura, é também importante lembrar as semelhanças entre os tratamentos chineses e portugueses por analogia, e comparar e contrastar as diferenças para evitar os erros. Considerando que estas formas

desempenham uma função importante na construção de boas relações, acreditamos que deve ser dada a devida atenção a este item gramatical nas aulas de PLE, combinar aquisição e pedagogia, fazer bom uso da Análise do Erro para prever erros, evitar erros antes de estes acontecerem, analisar os erros após a sua ocorrência e corrigi-los, para que as formas de tratamento não sejam utilizadas de forma desadequada, quando necessário.

Bibliografia

1. Allen, A. S. F. (2019). *O sistema de formas de tratamento em português europeu. Contributos para a compreensão da sua reestruturação a partir de textos escritos do século XX* [Master's thesis, Universidade de Lisboa.] Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/40875>
2. BROWN, P & LEVINSON, S. C. (1987). *Politeness. Some Universals in Language Usage.* (2nd ed.) Cambridge University Press.
3. BATORÉO, H. J. (2015). *I.R.Seabra (dir. e coord.) Cortesia: Olhares e (Re)Invenções. Seara e Chiado Editora, 2014. 586 pp. ISBN: 978-989-51-2247-9.* In *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 10, 167-174. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14023.pdf>. Acesso em: 03/03/2019.
4. Cao, W. (2005). Tratamentos de caso vocativo e designativos em Chinês contemporâneo. *Jornal da Universidade de Jiangsu (Ciência Social)*, 7(2), 62-69. <https://xuewen.cnki.net/CJFD-JSLD20050200A.html>
曹炜. (2005). 现代汉语中的称谓语和称呼语. *江苏大学学报(社会科学版)*, 7(2), 62-69.
5. Cavalheiro, V. M. (2016). *As diferentes regras de uso das formas tu e você e suas influências na compreensão de narrativas literárias: PB e PE.* [Doctoral dissertation, Universidade do Porto]. Repositório da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/108454/2/226736.pdf>
6. Chen, X. (1997). O Uso de Tratamentos e Falhas Pragmáticas na Comunicação Intercultural. *Jornal da Universidade Nordeste (Ciência Social)*, 1997(4), 82-86.
陈夏芳. (1997). 跨文化交际中称呼语的使用与语用失误. *东北大学学报 (哲学社会科学版)*, 1997(4), 82-86. https://www.researchgate.net/publication/236230570_kuawenhua_jiaojizhongchenghuyudeshiyongyuyuyongshiwu
7. CUNHA, C. F & CINTRA, L. F. L. (2013). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 20.^a edição, Figueirinhas.

8. Duarte, I. (2010). Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In A. M. Brito (Ed.), *Gramática: história, teorias, aplicações*, pp. 133-146. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.
9. Duarte, I. (2011). Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. *Revista Científica Internacional*, 18(28), 84-101. <https://hdl.handle.net/10216/75411>
10. Faria, R. (2009). *O fenómeno da delicadeza linguística em Português e em Inglês*. [Unpublished doctoral dissertation] Universidade Católica Portuguesa.
11. Goffman, E. (1955). On Face-Work. *Psychiatry*, 18(3), 213–231. <https://doi.org/10.1080/00332747.1955.11023008>
12. Goffman, E. (1982). *Interaction Ritual, essays on face-to-face behavior*. New York : Pantheon Books.
13. Hymes, D. H. (1972) On Communicative Competence. In: J. B. Pride & J. Holmes (Eds.) *Sociolinguistics Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin, pp. 269-293.
14. Jiang, L. (2018). *Estudo breve sobre a comparação das formas de tratamento entre Português e Chinês e a sua aplicação na didática em Língua Portuguesa* [Master's thesis, Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai]. China National Knowledge Infrastructure. <https://wap.cnki.net/touch/web/Dissertation/Article/10271-1018231377.nh.html>
蒋李俐. (2018). 中葡称呼方式对比研究及其在葡语教学中的应用. 硕士论文, 上海外国语大学. 中国知网.
15. Jiang, Y. (2009). Estratégias de Delicadeza na Utilização de Eufemismos. *Science and Technology Innovation Herald*, 2009(36), 213-214. <https://caod.oriprobe.com/order.htm?id=17667281&ftext=base>
蒋莹. (2009). 礼貌策略在委婉语使用中的体现. *科技创新导报*, 2009(36), 213–214.
16. Lešková, J. (2012). *As formas de tratamento em Português Europeu*. [Master's thesis, Faculdade de Filosofia da Universidade Palackého V Olomouci. Theses.cz – Vysokoškolské kvalifikační práce. https://theses.cz/id/lfal0x/diplomov_prce.pdf
17. Mao, S. (2012). *Estudo Comparativo de Tratamentos em Chinês e Inglês e Ensino do Chinês como Língua Estrangeira*. [Master's thesis, Universidade de Heilongjiang]. China National Knowledge Infrastructure. <https://wap.cnki.net/touch/web/Dissertation/Article/10212-1012409175.nh.html>

- 毛仕慧. (2012). *中英称呼语对比研究与对外汉语教学* [硕士论文]. 黑龙江大学. 中国知网.
18. Pan, P. (1998). Estudo de uso alargado dos tratamentos de parentesco. *Linguística Aplicada*, 1998(2), 36-40. <http://qikan.cqvip.com/Qikan/Article/Detail?id=1002373070>
潘攀(1998), 论亲属称谓语的泛化, 语言文字应用, 1998年第二期, 36-40.
19. Pratas, S. A. P. (2017). *As formas de tratamento e o ensino de Português como língua não materna* [Master's thesis, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da UC. <https://eg.uc.pt/handle/10316/85547>
20. Raposo, E. B. P., Nascimento, M. F. B. D., Mota, M. A. C. D., Segura, L., Mendes, A., Andrade, A., Vicente, G. & Veloso, R. (2020). *Gramática do Português. Vol. 3*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
21. Ren, S. (2016). A construção de estratégias de delicadeza negativa em Português e as suas implicações para o ensino. *Novo Oeste*. 2016(18), 144-146. <http://www.cnki.net>
任珊珊. (2016). 葡语负面礼貌策略的构建及其对教学的启示. 新西部, 2016(18), 144-146.
22. Rodrigues, D. F. (2003). *Cortesia Linguística, uma competência discursivo-textual* [Doctoral dissertation, Universidade Nova de Lisboa]. Academia. https://www.academia.edu/38935320/CORTESIA_LINGU%C3%8DSTICA_UMA_COMPET%C3%8ANCIA_DISCURSIVO-TEXTUAL
23. Suisse, A. (2020). *A Influência Interlinguística na Aprendizagem de uma Segunda e Terceira Línguas*. Aveiro: UA Editora.
24. Yi, Z. (2016). *O estudo comparativo das formas de tratamento em Português (Europeu) e Cgínês (Mandarim)* [Master's thesis, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/handle/10773/18305>
25. Zhao, X. (2013). Sobre O Uso Alargado dos Tratamentos de Parentesco Chineses. *Amigos do Ensino de Línguas*. 2013(7), 40-41.
<http://www.cqvip.com/qk/80962x/201307/46271839.html>
赵新焕. (2013). 论汉语亲属称谓语的泛化. *语文教学之友*. 2013(7), 40-41.